

# A GENTE

Rodrigues Avlis

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



**A  
GENTE**

**Rodrigues Avlis**

**Julho de 2016**

**HoodID Registros Online LTDA  
CERTIFICADO DE REGISTRO N° 4149713**

À minha família pela partilha da vida, das dores, das alegrias, das frustrações e das vitórias.

À Igreja que foi minha família dos 15 aos 32 anos.

À minha Esposa especialíssima.

Aos estudos, os quais me deram um lugar entre as pessoas e me proporcionaram exclusivamente  
amizades edificantes.

À minha mãe, prima de Maria, que, apesar das torturas físicas e psicológicas por parte do marido, nunca tirou o sorriso do rosto.

# SUMÁRIO

---

PROPÓSITO

PUORTENCGDIIX

DIA 22

LÍDER

MOLA PROPULSORA

CONFLITOS

LEIS INTERNAS

COLABORADOR

COEXISTÊNCIA

PERFIL

O LARANJA

CONVICÇÃO

PARENTAS

PATRIMÔNIO

EXPECTATIVA

'TUFEM'

A MULHER

TENSÃO

TIBIEZA

TENSÕES

FORÇA

KAFKIANO

'CAUSOS'

SOBRENATURAL

CONTROLE

'MUAN'

ENXOVIA

FASES

O EX

O TEMPO

PERPÉTUA

ROTINA

A PROSTITUTA DAS PROVAS

EQUÍVOCOS

SÍNDROME

SER OU NÃO SER

NÃO-PÚBLICO

TERCEIROS

BASTIDORES

URANISTAS

JUSTICEIRO

CÂNCER

ATIVIDADES ESPECÍFICAS

VERTENTES

AGREMIACÃO

LICEU

DES-ENVOLVIMENTO

ESPECIALISTAS

LINGUAGEM

DISCIPLINA

RELIGIO

ERUDIÇÃO

ARENGUEIROS

ABORDAGEM

SOCIEDADE

O DIA EM QUE A TERRA PAROU

CAÇA ÀS BRUXAS

IDENTIDADE

O VOCACIONADO

---

---

EM SUMA

---

---

CRÉDITOS

---

---

O AUTOR

---

---

# PROPÓSITO

---

Imagine-se num planeta que, apesar de ser lotado de pessoas da Terra, se revela um mundo muito peculiar, surreal, inacreditável e o pior, você é o elo entre ele e a Terra. Você está ali para tornar possível a volta daqueles que o povoam para o torrão natal. Para isto você tem que dispor de um manto que o proteja dos males daquele mundo. Se o manto falhar, você pode se tornar um deles e em vez de cumprir sua missão você pode ser engolido por ela, com efeitos trágicos para sua vida.

A sociedade tem um hiato em sua memória coletiva. Alguém comete um malfeito, ela “some” e depois “reaparece” no seu seio novamente. Daí parte o debate se a punição foi suficiente ou não. Cada um tem sua opinião, a partir, obviamente, de seus próprios critérios, aparentemente consensuais, porém muito subjetivos. Se a pessoa comete o malfeito novamente, ou se é outra que o faz, “some” mais uma vez e “reaparece” como num passe de mágica.

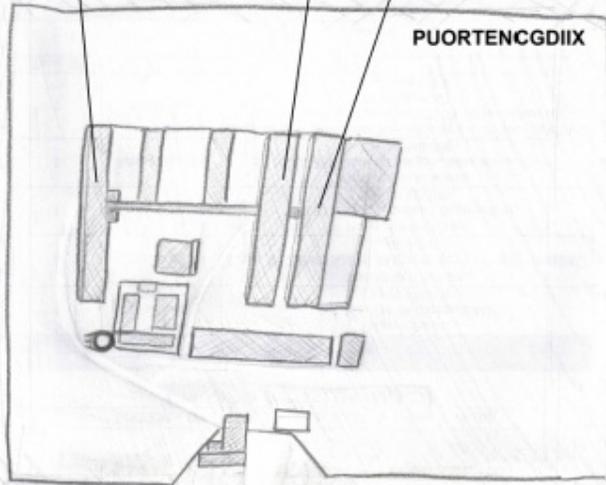
No fundo esta mesma sociedade gostaria que ela não reaparecesse mais. Mas ela esquece que aquele alguém pode ser qualquer um. E quando esse qualquer um é você, as opiniões mudam, os “achismos” se transformam em certezas absolutas, tudo em função do descortinamento das dimensões presentes naqueles “sumiços” dos que cometem malfeitos.

Esta história vem mostrar um pouco do que acontece nesse sumiço. Pra que mundo vão. Ninguém sabe mais que o interno, mas há quem esteja bem perto deles: os ‘Diuotey’. Muitos acham que são os fardados, mas não é. O interno mesmo não tem voz forte o bastante pra ser ouvido ou eles mesmos, assim como acontece com quem vai lutar numa guerra, muitas vezes preferem não tocar no assunto. Os trabalhadores também reagem assim. Conheça esse mundo sem os riscos que os profissionais correm constantemente.

Administração e  
lediorcxn

Puyute

Punrtr



# PUORTENCGDIIX

---

No título da lista a palavra Puortencgdiix. Em décimo quinto lugar seu nome. Ele vai. Dia 22. Ao ver o nome na lista pareceu não sentir nada, parecia ser óbvio, ou talvez a olhou sem qualquer expectativa. Meio que convencido ou arrogante já que acabara de sair dos estudos e era um dos melhores.

Lembrou-se da visita que fez outro dia. A nave primeiro passou pelo Portal de onde podia se observar um caminho asfaltado com cerca de mil metros, um pouco mais talvez, e um campo de força que oscilava sua intensidade, sua eficiência, à medida que era composto por pessoas adornadas e equipadas com dispositivos letais. Deslizou-se lentamente até à base do campo, desceram do veículo. Ficaram observando principalmente uma fenda no campo de força, onde se concentravam, além dos que tinham adornos e equipamentos letais, pessoas de adornos diferenciados, de outros tipos. O campo acompanhava o terreno nos seus muitos desníveis. Circulava-o. Era alto, por cima dele andava-se tranquilamente. A cada cem metros uma casinha, lugar feito para a acomodação por turno/horário de membros da equipe adornada. Eles vigiavam esse local.

Todos os visitantes tinham se conhecido, mesmo que superficialmente, no período em que conviveram no Ateneu. Naquelas duas semanas beberam da fonte do conhecimento e, sobretudo, dos valores que devem nortear a vida em confraria.

Ali era uma instituição total.

Desde o ano de mil novecentos e setenta para ali se encaminhavam pessoas colhidas com base em suas transgressões. Tudo era muito velho, apesar de apenas um quarto de século existindo. Inclusive os que labutavam. Mas para os curiosos recém-chegados tudo era novo. Parecia outro planeta.

Depois de um tempo de espera finalmente foram autorizados a passarem pela interseção entre o campo e o interior do local. Ali transitavam indivíduos indiferentes às presenças dos novatos. Um homem um pouco alto, bigode, avermelhado, voz forte, falava meio que gritando, provavelmente porque o grupo era composto de umas oitenta pessoas. Apresentou-se como o anfitrião do dia e disse que era o segundo responsável pelo lugar. Sem muitas delongas os introduziu no espaço interior ao campo. Algumas pessoas portando dispositivos letais também se somaram à comitiva. A grade se fecha atrás de todos. De início via-se uma ladeira com sinais de que ali já houve um calçamento. Dos lados, à frente, tudo era subindo, não tão íngreme, mas era alto. Um planeta à parte. Prédios e galpões de um e dois andares onde transitavam elementos pouco simpáticos, sempre com uma flagrante indiferença. Uma enorme caixa d'água se impunha no acesso à administração. Devia ter mais de dez metros de altura. O anfitrião meio que apreciava os olhares da turma, mas tentava, a seu modo, imprimir uma espécie de naturalidade ao que viam. A caixa também parecia bem mais velha que a idade, porém era, de longe, o item arquitetônico mais conservado dali.

Deu-se início um pavilhão grande com um andar. No centro uma passagem muito larga. Lado esquerdo uma porta pequena, lado direito um corredor com salas fechadas com grades. Logo após esses acessos, de ambos os lados, havia uma escada para o andar único. Após as escadas uma grade enorme que dava acesso a um imenso corredor, largo em direção ao interior da edificação. Subindo a escada dava-se, de cara, com outra grade proporcional à de baixo. Controle de acesso. Várias salas. À esquerda o gabinete do 'Ariutno', o do seu auxiliar, secretaria, cadastros, atendimento de especialistas.

Em frente à grade o acesso aos medicamentos. À direita a ordem e refeitório. Olhares de indiferença absoluta foram recebidos no local. O segundo responsável pelo lugar falava de peito cheio como que com orgulho de estar ali, mas no fundo percebia-se um desprezo incomensurável, algo meio que imperceptível. Passaram muito rapidamente por lá. Desceram e enfim acessaram o enorme corredor após passarem pela grade desconcertante.

O lado direito do grande e largo corredor, todo coberto por laje, muitos combogós, porém, meio que dividindo essa estrutura entra o grande portão e uma pequena parede ao fundo, um acesso. Era o auditório. Lá ocorreu o fato que levou aquele grupo ali. Ali pegaram o clérigo. No lado esquerdo havia dois acessos a corredores perpendiculares ao principal. O primeiro chamava-se saúde, o segundo instrução. Eram salas espaçosas, alinhadas que perfaziam uns cinquenta metros da grade de acesso à contenção. Entre essas alas, grandes espaços de chão.

O que parecia ser o final do grande corredor havia uma interrupção. Acesso estreito de um lado e de outro. Ao passar por eles, mais duas escadas que davam acesso ao primeiro prédio de dois andares. Embaixo das estruturas só colunas. Era o ‘Puyute’. Menos de trinta metros após, outra estrutura igual, o ‘Punrtr, pelo menos em tese, porque à medida que avançavam na estrutura física do local, deparavam-se, cada vez mais, com sujeira, destruição, paredes muito manchadas.

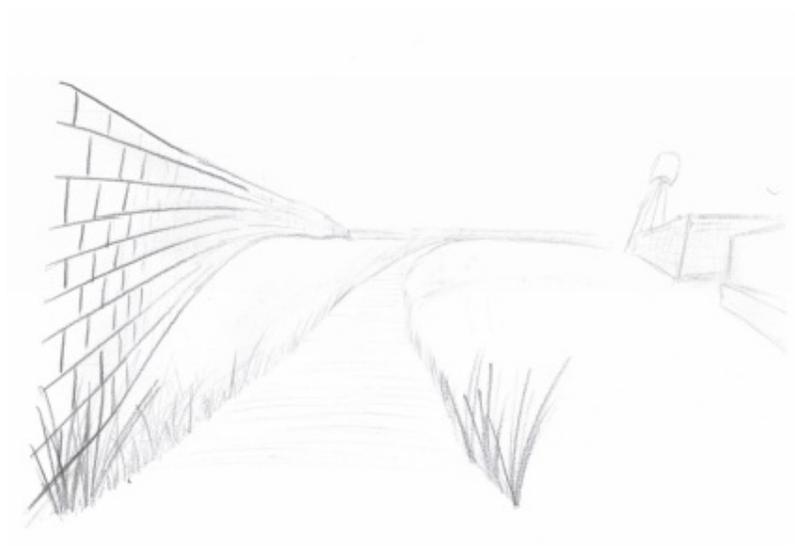
“Nascido na capital, um deles morou, inicialmente, na periferia, de onde, aos cinco anos de idade, foi, com a família, passar sete anos no interior do Estado. Seu pai era extremamente impetuoso. Junto com os irmãos e a sua mãe eram vítimas de agressões físicas constantemente durante os sete anos que ficaram por lá. Morou com os avós e sozinho. Um dia a mãe ao vê-lo no centro da cidade onde ela morava, aos prantos, pediu que voltasse pra casa. Atendeu ao pedido por atenção a ela, depois de falar com o genitor com um punhal no cós, combinaram o retorno, mas sabia que não duraria muito. E assim foi. Aquele mundo amaldiçoado onde a regra única e absoluta era não contrariar o ‘chefe supremo’ exigia, frequentemente, o poder da adivinhação. Sem isso o risco de ser agredido fisicamente, ser vitimado pela fúria sempre presente naquele que, por sua vez, justificava suas atrocidades dizendo que tinha problemas de nervos; que tomava um remédio ansiolítico (relaxante muscular e anticonvulsivante, usado no tratamento de ansiedade, agitação e espasmos musculares). Em vez de ser internado num hospital da mente, cuidava de tornar seus descendentes e sua esposa tão doentes quanto ele. Ledo engano. Não conseguiu. Ele, o mais velho dos filhos, encontrou na religião sua família; sua mãe nunca tirou um sorriso do rosto, apesar de tudo, e conseguiu com a ajuda dos filhos, ser libertada; o segundo tem sua família; o terceiro prestou o grande serviço de conviver com o chefão, ajudando a mãe a ficar em paz; a caçula acompanhou a mãe, porém com um pavor imensurável do pai a ponto de chorar só em lembrar-se de como as coisas eram, mesmo não tendo conhecido um por cento do que o indivíduo era capaz.

Certa vez, numa reunião feita pelo mais velho, foi preciso deixar claro que os tempos eram outros quando o chefão quis se impor arbitrariamente como costumava fazer. Ficou, finalmente, claro que tudo na vida passa. Só se domina por um determinado tempo. E quando se exorbita o fim se dá de forma melancólica. Vê-se o quão é inútil e insignificante, um coitado; nada, na verdade.”

Aquele segundo e último bloco, tinha a aparência de uma ruína de guerra. Destroçado. Vultos pra lá e pra cá olhavam o grupo. Depois dele havia um bloqueio do acesso ao resto do terreno. Voltaram.

Saíram dali, voltaram à nave e retornaram às suas vidas. Suas preocupações estavam ali no exterior e tudo aquilo foi como se pertencesse a outra dimensão, não se sentiu parte de nada. Ora, mas ali estavam, a priori, pessoas da mesma espécie.

O fato é que tudo que tinha visto era a antítese do mundo. Como seria esse lugar? Talvez fosse o mais indicado para se encerrar uma história de terror. Lugar para assustar quem fizesse coisa errada. Foi uma manhã de visita que, no fundo os deixaram tão virgem quanto entrou. Jamais imaginariam como aquela estrutura ganhou aquele aspecto. O pior, ou melhor, não se sabe: eles estavam ali para ordenar o caos. A partir do dia 22.



O ritual: a Nave e o Portal. Portavam um manto que os identificavam e os diferenciavam no labor e em casos de tensão, afinal eles eram ‘Diutey’. Na interseção do campo desta vez a passagem não foi tão consentida. Todos foram submetidos à inspeção. Após isto entraram e um vetusto se apresentou como o líder. Eram uns dezessete ‘Diutey’. O caçulo da turma tinha vinte anos de idade. Descobriram que a porta do lado direito logo na entrada da administração era o acesso a duas salas médias. Numa delas um freezer balcão velho e quebrado, abandonado. Havia armadores para redes. Quatro saletas fechadas com trancadores, identificadas com os números de um a quatro ficavam ao fundo. Uma destas saletas era a deles, a de número quatro. Uma hora depois vários dos que portavam equipamentos letais chegaram. Dirigiram-se ao interior do local. Todos os transgressores foram encaminhados a área parecida com um campo de futebol e utilizada como tal, nus. Os ‘Diutey’ dispunham de muitas correntes, muitos trancadores e foram destinando três indivíduos por sala no prédio ‘Puyute’. Sempre com o apoio dos Fardados que conviveriam um longo tempo no interior do campo de força. Aquelas estruturas eram subdivididas em quatro ‘iedy’ no primeiro andar e mais quatro no segundo. Em cada andar havia uma grande área toda cercada com grades. Em cada canto dessa área uma ‘ied’. Por sua vez cada ‘ied’ dispunha de um corredor que dava acesso a vinte e cinco salas, todas com uma grade no acesso, um beliche duplo feito de alvenaria e uma divisória, também de alvenaria, separando o bojo (sanitário). Diferentemente do que se usa nas casas o sanitário era rente com o chão, era só uma abertura e, obviamente, só poderia ser usado pra algo mais sério de cócoras. As oito ‘iedy’ eram identificadas com números e cada sala diferenciada por uma letra.

O galpão muito grande era o lugar onde se fazia a alimentação de todos os transgressores. Antes eles iam por lá diretamente e eram servidos por colegas. Agora não. Providenciaram uns tablados e deslocavam do galpão às ‘iedy’ o café, o almoço e o jantar. Dois transgressores por tablado. Vários deles conseguiram se organizar e servir a alimentação a contento.

As pessoas lá chamavam os ‘Diutey’ de sentinelas. Logo perceberam que precisavam mudar isto. ‘Diute’ é ‘Diute’ e ponto final. O dia foi consumido nisso. O ‘Puyute’ foi ocupado. O ‘Puntr’ foi reservado para reforma, estava destruído. No final do dia o vetusto, auxiliado por um neófito, estava cuidando de umas correntes quando um transgressor comentou: “Em São Paulo papocou um ‘Diute’.” Era uma pirraça, uma tirada para ver a reação. Ignoraram. O neófito se intrigou, mas deixou pra pensar nisso depois.

À noite combinaram para que alguém ficasse acordado na ‘Iediorcxn’ e no ‘Puyute’. Eram duplas que se revezavam de duas em duas horas: 20:00h. às 22:00h.; 22:00h. às 00:00h.; 00:00h. às 02:00h.; 02:00h. às 04:00h. e de 04:00h. às 06:00h.. De duas às quatro da manhã era o pior período. Levantavam no meio do sono e não podiam mais dormir após o horário porque não valia mais a pena.

Só a noite foi que se teve noção do que eram as péssimas acomodações. Pouco se diferenciavam da aparência de alguns lugares nos prédios. Sujeira nas paredes e entre elas. Enfim pegou-se uma toalha e se dirigiu ao banho. Primeiro passou-se em frente a uma sala com transgressores causadores de problemas lá embaixo. Algo surreal. O banheiro, este sim, superava qualquer lugar dali. Era um desastre. Paredes quebradas, sem chuveiro (a água sai do cano direto), fechadura do “chuveiro” danificada, azulejos encardidos, sujos ou quebrados.

Água de péssima qualidade, não havia porta na entrada da ‘Iediorcxn’. Mesa

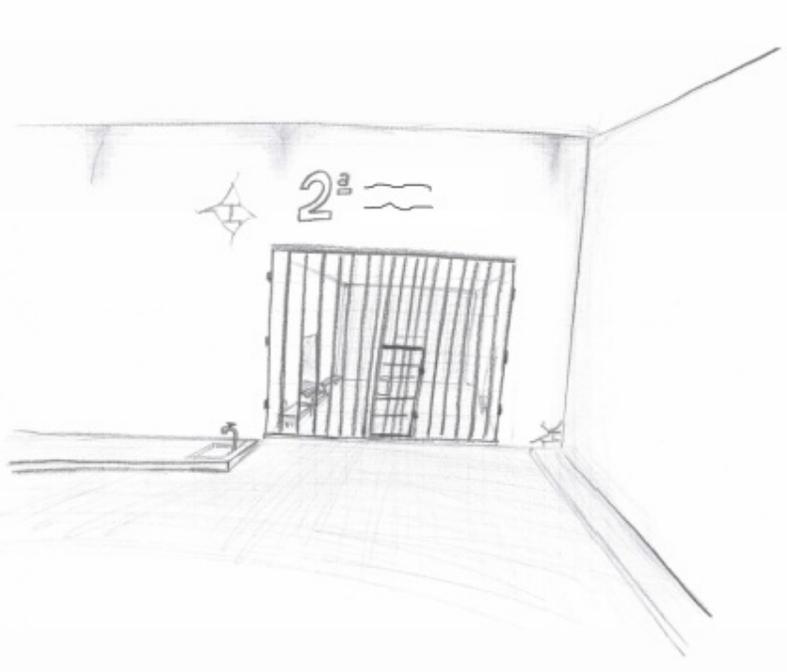
velha, riscada e danificada. Material de labor do líder era o lixão (relação dos nomes de transgressores feita à caneta e lápis, tão manuseada que as páginas quase não se tocavam), uma prancheta e uma caneta.

Tudo dava a impressão que existia para que você não quisesse ficar ali. Era como se o final do expediente fosse um alívio pela situação a que estavam submetidos. Olhar humano e compreensivo ali não dava pra se cogitar. Impossível se imaginar por onde começar. Muitos reagiram com um sentimento de querer punir, maltratar, expiar tudo o que lhes acontecia. De certa forma era como se cumprisse seu papel social, ou seja, ouvir a confraria que, toda vez que for consultada, não esconderá o desejo de que aquele ambiente deve ser o pior possível, ou pior, que não deveria existir, que os que estão ali fossem exterminados.

Aquele dia foi o suficiente para descobrir que o Ateneu quase de nada valeu. Foi muita teoria sobre o olhar de um grupo externo para aquelas pessoas. Muitos os detestam, os querem mortos, muitos os amam (familiares, cônjuges...) e muitos, principalmente quem não os conhece, os subestimam ingenuamente.

Aquele dia 22 foi mais formador que as duas semanas (de 08:00h. às 17:00h.) de Ateneu, sem dúvida. Mesmo assim a virgindade estava intacta. Foi um dia de muita observação e descobertas, mas longe de tirar sua visão do como que as coisas realmente funcionavam por ali. Era seu labor.

Amanheceu o dia. Os transgressores de algumas 'iedy' foram liberados nos corredores. Havia uma escala. Isso era muito novo pra eles. Acostumados a transitarem livremente tendo como limite apenas o campo de força, aquilo era deprimente. Antes circulavam inclusive por cima da 'Iediorcxn'. Considerando ser um público hostil em grande parte e que os 'Diuotey', de certa forma, representavam o contrário do que eles desejavam dentro da instituição, todo cuidado era pouco. Naturalmente e gratuitamente surgiram aqueles transgressores que, de alguma forma, optaram por complicar as coisas e propiciar aos 'Diuotey' o primeiro desafio: o conflito.



# LÍDER

---

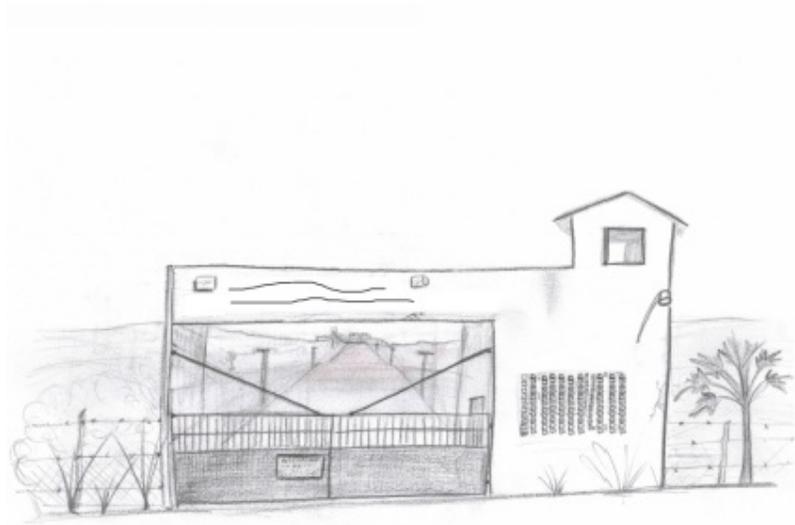
O líder era um homem bom. Cabelos indo embora, bigode avantajado, queixo largo, olhos pequenos, barba por fazer, barriga grande, fumante inveterado, voz rouca, falava com os braços e muito alto, ágil e um senso de humor extraordinário. Difícil ignorar a figura.

Visivelmente de formação modesta, aprendeu tudo na prática e agia, muitas vezes, de modo impulsivo. Nos três dias de folga labutava no comércio da capital (o famoso bico). Brincalhão, até como disfarce do seu constrangimento de que noventa e nove por cento dos neófitos tinham formação superior. Sempre falava: “Fulano é muito ‘inteligente’.” Porém não havia dúvida de que ali ele sabia muito mais que o pós-doutor com especialização naquele ambiente. Logo se ficou sabendo que grande parte dos vetustos tinha o cargo de Auxiliar, mas labutavam como ‘Diuotey’. Uma injustiça que o Estado explicava dizendo que no início da vigência da Carta do ano de mil novecentos e oitenta e oito eles puderam optar por ser ‘Diute’ e não o fizeram. Isto prova que o Estado foi omisso com o caso, haja vista que se eles optaram pelo cargo de Auxiliar não deveriam ter continuado como ‘Diuotey’, mas não foi o que ocorreu.

Nem todo ‘vetusto’ era Auxiliar, mas todo Auxiliar era vetusto.

Oficialmente não existia o cargo remunerado de líder. Era líder de fato, mas não de direito. Assim a função não era cobiçada e muito menos significava algo tanto para os membros da turma como para a Central. Aliás, para esta, a função só servia para as cobranças e possíveis responsabilizações por malfeitos. Nessa hora havia um líder. Quanto a reconhecimento, remuneração e parceria com a instituição, não existia.

Eurly, um abraço.



# MOLA PROPULSORA

---

Em março, pela televisão, o país acompanhava o desenrolar de uma tensão que envolveu o Clérigo, Arcebispo da Capital. Ele, como de praxe, visitava esses lugares, e nesse dia um grupo de transgressores simplesmente o tomou como ‘iufem’, bem como outras pessoas de cargos importantes na Central e no Estado. Repercussão internacional, o Papa se manifestando, tudo ao vivo.

Desse episódio se destacou um transgressor o RJ, quem comandou tudo. A fama foi inevitável. “Logo” o Estado foi cuidando de tomar novamente o controle daquele lugar. Como parte dessas mudanças estava os novos ‘Diuotey’.

Demorou um pouco para se descobrir que quem provoca mudanças significativas nesse ambiente são os próprios transgressores e não a gestão. Obviamente há esforços individuais louváveis, porém, só quando se mexe com o que pensa a Confraria é que se destinam alguns pingos de recursos.

Se algum transgressor ultrapassa o campo de força ilicitamente, caem os que compõem a gestão do local e depois se investe em melhorias. A maior presença do Estado ou até mesmo o surgimento de lugares desse tipo em nível maior deveram-se às ações de organizações dos transgressores.

Muitas vezes, iniciativas de boa vontade e que inova no cotidiano da gestão são ignoradas, desprezadas ou até mesmo tidas como desnecessárias. O normal é ignorar. Há também os casos de mudança de gestão que levam para o ralo boas ideias e até as destroem.

Há uma “lenda” de que um gestor carregou um caminhão com itens agrícolas produzidos pelos transgressores e ao chegar, orgulhoso, na Central recebeu uma dura e seca pergunta: “O que é que vamos fazer com isso rapaz? Sinceramente.” Foi desestimulador. Foi com se tivesse feito algo errado. Pode até não ter acontecido isso, mas a prática cotidiana corrobora a lenda. O sentimento dos ‘Diuotey’ em relação à sua gestão maior torna algo desse tipo perfeitamente crível e plausível. Sem contar aquele ‘Diuote’ que faz seu labor direitinho, mas, por não aparecer na Central, acaba relegado ao esquecimento. O tempo passa, a instituição fica e conclui-se que não valeu a pena ter feito da melhor forma possível.

Os ‘Diuotey’ foram percebendo que, em vez de serem as principais personagens do funcionamento de tudo, na verdade eram os repelidos. Pior, vistos como problema. Não eram ouvidos e sequer considerados como parte do processo.

Não são poucos os exemplos de exclusão dos que lidam com os excluídos. Parece até que são do mesmo grupo. Há quem diga sobre a gestão: “O transgressor é muito mais importante que o ‘Diuote’”.

## CONFLITOS

---

Uma massa de pessoas confinadas entre centenas de metros quadrados, de repente, encontram-se, de três em três, em cerca de nove metros quadrados. O ‘Diuote’ chega para tornar o mínimo possível a vida dos transgressores. Naturalmente houve uma certa “reação em cadeia” diante

desta nova realidade.

Tudo ali depende de permissão. Alguém adoece, exposição ao sol, qualquer atendimento, qualquer atividade agora só acontece mediante a autorização e o deslocamento supervisionado.

A presença dos 'Diutey' nas grandes áreas com grades em cada andar, agora se dá nas vinte e quatro horas do dia. De manhã cedo libera-se quem ficará no corredor da 'ied'. Abrindo as salas ouve-se resmungos do tipo: "Deixa o ladrão dormir".

Uma atitude comum entre eles é protelar a volta para a sala. Ficam rondando, criam idas a outras celas para entregar ou pegar algo, e fazem isso como se fosse uma obrigação do 'Diute' permitir infinitamente. Buscam sempre testar os limites da paciência.

Pequenas coisas num ambiente tenso levam a problemas. Um dia, fazendo uma ronda a noite, um 'Diute' e dois Fardados passando numa das salas um transgressor encarou os três e perguntou de forma arrogante e com desprezo: "O que é?" Um Fardado olhou pro 'Diute' e pediu pra abrir a sala do atrevido para que fosse explicado. Entraram, explicaram de forma contundente, desenharam, tiraram todas as dúvidas, fizeram a revisão e saíram.

Existe um tipo de transgressor que parece só entender a linguagem da força. Talvez porque ninguém tenha muito tempo e paciência pra lidar com a rotina do local. Tanto um lado como o outro buscam uma praticidade fulminante. Assim se vai resolvendo as coisas nesta linguagem.

O ambiente favorece para que a Teoria do Caos seja plenamente verdadeira. Um ato aqui pode gerar até uma tensão ali.

Há sempre quem pague pra ver. Um dia, estavam fazendo uma transferência de todos os transgressores do 'Puyute' para o 'Puntr', reformado. Quem organizava tudo era um Fardado de patente que era o segundo responsável pelo lugar. De repente um transgressor que tinha acabado de subir a escada para ser realocado, volta e reclama: "Um 'Diute' me sovou." O Fardado levantou e gritou. "Volte agora porque senão quem vai sovar você sou eu". Ele voltou e tomou mais uma reprimenda do 'Diute' por ser resmungão.

# LEIS INTERNAS

---

“Cheguei numa ‘ied’ e quando abri umas oito ou nove salas, rapidamente, um transgressor correu, abordou um colega dele e começaram a se agredir. Os outros me olhavam como que na expectativa de qual seria minha atitude. Não intervi. Não dava. Até que um deles conseguiu montar no outro, deu uma gravata e apertou forte. Filete de sangue começou a sair. Intervi. Aproximei-me e puxei forte um braço dele que o tirou de cima do outro.

O agressor declarou então que o outro tinha “cantado” a mulher dele. Por isto a contenda. Os colegas de ‘ied’ ratificaram a história. O que estava deitado não negou a conversa. Eu lhe disse: ‘Você vai para a punição. Ele fica’. Todos se manifestaram aprovando a decisão. Na condução ao seu destino comentei que não se mexe com mulher de ninguém. Era um cara de sorte por está vivo ainda.”

Os transgressores, por serem impotentes em relação ao que ocorre fora dali com suas mulheres, sejam elas esposas, filhas, irmãs, parentas e amigas, simplesmente não toleram qualquer coisa que as atinjam ou a si mesmos por elas.

“Outro dia ouvi um barulho numa ‘ied’ e quando fui verificar constatei que era um transgressor sendo atacado por vários outros. Gritei e eles continuaram dando uns empurrões nele, mas dessa vez expulsando-o da ‘ied’. Abri a grade, ele passou, e a fechei. Perguntei o que houve. Ele respondeu: “É que sou acusado de abusar de uma mulher...” Eu disse: ‘Além de violador, é burro. Como tu vai dizer lá dentro que responde a isto?’ Foi conduzido a uma ala separada.”

Outra situação recorrente entre eles é a dívida. Ela sempre existe. Um cigarro, comida, ‘ainid’... Tudo lá tem seu valor e como tal se torna um motivador de problemas. Não diferente de quem deve ilícito fora dali, os débitos são cobrados mediante a persuasão, tendo como referência a vida do devedor. Pratica-se a pena de eliminação como regra natural dentro e fora daquele campo de força. Obviamente ali dentro as coisas tomam uma maior proporção, haja vista que o confinamento o torna muito mais vulnerável do que fora. Assim, a família vende até as calças (principalmente as mães, claro) para poder garantir uma sobrevida ali dentro. Quando se volta a transgredir frequentemente, em função do ‘vrcgn’, ou ele é mudado de local ou aparece sem vida pelos corredores.

A dívida não se dá apenas dentro do campo de força. Quando a pessoa sai, ela o acompanha como um estigma e é cobrada na mesma moeda praticada por eles: a vida. Não são poucos os casos de quando pessoas saem e logo são eliminados na rua ou até em casa mesmo.

Existem situações que são características do público agitado de uma ‘Puortencgdiix’ ou mesmo em lugares menores. Um transgressor começou a se indispor com os colegas e logo o ameaçaram. O alvo tinha um irmão noutra ala. E aquele era muito respeitado no local. Era uma pessoa que se impunha pelas atitudes firmes. Ao saber das peripécias do seu mano, conseguiu que fosse transferido pra junto dele. Quando o elemento chegou, o próprio irmão que soube de seus maus comportamentos deu uma coça tão grande que o mesmo precisou de cuidados.

# COLABORADOR

---

Não existe lugar que não conte com um colaborador ou vários. Sempre há aquele que busca fazer algo. Geralmente o que falta é ocupação para todos. Em lugares grandes eles são faxineiros, servidores da comida, enfim, estão em todas as atividades que tornam possível a existência de tanta gente num espaço pequeno.

Em lugares menores ajudam até na organização da instituição. São bem quistos pelos Fardados, ‘Diutey’ e Parentes, apesar de quando a situação se complica no local, são descartados e desconsiderados. O labor é o expoente do principal sentimento que toma um transgressor que não faz parte de um ciclo de miséria: passar o tempo que lhe foi determinado ali e voltar pra casa.

Há um incentivo importante que faz muitos deles labutarem só por causa do benefício. Se um transgressor labuta noventa dias, mediante comprovação das atividades realizadas, a Justiça considera como cumpridos cento e vinte dias na sua punição, portanto ganha trinta dias a menos. No caso de quem labutou os noventa dias, para todos os efeitos no cumprimento de sua punição é como se tivesse naquele local, sem labutar, por cento e vinte.

O labor tem finalidade educativa e produtiva, portanto importante para se atender as condições de retorno do transgressor à Terra.

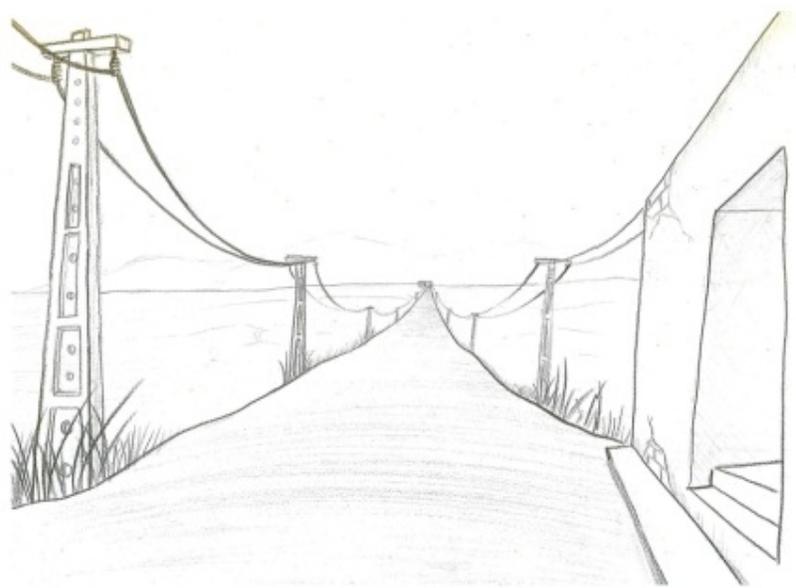
Há quem seja transgressor e até seja o responsável pelo espaço a que está destinado. Parece contraditório, mas acontece. Na falta da presença do Estado, todo tipo de “jeitinho” se dá pelo mundo afora.

Eles são tão úteis que, considerando a omissão da gestão maior, são compreendidos como indispensáveis. A gestão local ocorrendo de forma minimamente possível, não veem necessidade de Servidores para as atividades “menores” das instituições. Sabe-se que os colaboradores estão por lá e que até “devem” fazer algo para compensar o mal que fizeram à sociedade. Então que fique assim mesmo.

“Havia um transgressor colaborador que era mais ouvido pelo gestor do que os funcionários da administração. Reclamações naturalmente surgiam. Os dois eram coronéis. O gestor era um de verdade e transgressor era um de mentira, o de ‘araque’. Situação curiosa já que o gestor, um Fardado, reclamava dos ‘Diutey’ e confiava, contava com o apoio de um transgressor na administração.”

O fato é que, por mais que se pense assim, eles não são obrigados a nada. E como qualquer um tem compromissos fora daquele campo de força, preocupam-se com eles e precisam de recursos, de apoio, enfim de dignidade.

Uma certeza permeia os profissionais que labutam naqueles ambientes. Quer alguém para labutar? Os encontrará entre os que suprimiram vidas. São aplicados e esforçados. Jamais os busque no grupo de malfeitos contra o patrimônio. O próprio motivo que os levou para lá já “denunciam” a disposição que têm para o labor, ou seja, praticamente nenhuma. Os poucos que labutam o fazem por interesse.



# COEXISTÊNCIA

---

A gestão de uma instituição total é um desafio. Ainda mais quando dois grupos cuidam de “partes diferentes” do local. Claro que sempre as ações em conjunto surgem e a convivência, dependendo da boa vontade, do bom senso de ambos os envolvidos, pode ser colaborativa.

Os Fardados têm um comportamento particular. Cismados com tudo. Tudo é visto como desobediência. Obsessão por controle. Generalizam a opinião sobre os transgressores pelo pior, pelo mais baixo. Mentalidade punitiva. Tudo e todos são suspeitos. Inclusive quem, de alguma forma, “colabora” com quem não “merece” nada.

Eles têm uma hierarquia que, se por sua vez torna o grupo forte e organizado, por outro alimenta um sentimento de revolta quando um superior abusa de suas prerrogativas; quando não se é atendido em alguma demanda pessoal; enfim, não se é ouvido em suas angústias. Este sentimento de impotência e revolta acaba fundamentando, infelizmente, um sentimento de desprezo pelo outro. Fortalece um corporativismo desenfreado e torna os muitos justos no meio deles verdadeiros ‘iufeoy’ do mal feito.

Seria leviano fazer com eles o que costumam fazer. É óbvio que existem, e são a grande maioria, os extremamente profissionais, éticos e competentes. Porém, quanto mais baixa a patente, mais necessidade de se impor pela força, pela arrogância, mais raiva, mais frustração, mais desejo de controle. Perfil de restrição. Cultura do não. Quer mandar em tudo. Assim o é porque são tratados assim. A estrutura da organização institucional permite a punição de qualquer deles ao bel prazer do superior. Se se buscar saídas elas até existem, mas podem vir retaliações e prevalece a ideia de que o melhor é se submeter mesmo.

A ordem pode ferir flagrantemente o bom senso e o Fardado não tem liberdade de questioná-la, apesar do preceito da nossa Carta Magna de que “ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei”, sob o risco de incorrer em insubordinação.

É perfeitamente compreensível que uma Força pense assim. Só é inadmissível que haja assim. O estágio de civilização mais simples possível exige que se pense na comunidade como um ser vivo, com as características de um organismo, um corpo. Não se pode apenas extirpar um membro. Busca-se primeiro recuperá-lo. Buscam-se todas as alternativas possíveis. Depois sim, se tomam medidas extremas.

Considerando que o ‘Diute’ é alguém necessário para tornar a vida de um transgressor possível, sabe-se que a aproximação é inevitável. Não pode ser envolvente, expondo o primeiro. O Fardado vê isso como uma função menor. Chamam os ‘Diutey’ de babá de transgressor.

A gestão de um local de transgressores é única e exclusiva do corpo administrativo e dos ‘Diutey’. Os Fardados têm a única atribuição de proteger o campo de força e fazer com que os transgressores não o ultrapassem-no. Apenas isto. Qualquer coisa além dessa ação é intervencionista, abusiva e inconveniente. Existem muitos lugares de transgressores pelo país em que os ‘Diutey’ fazem inclusive o papel que, em outros, é de responsabilidade dos Fardados.

Por ordem do Judiciário os Fardados, excepcionalmente, dão apoio aos ‘Diutey’ no interior daqueles lugares. E assim, como em qualquer convivência, surgiram os desafios. Houve quem se submetesse, houve quem brigasse, houve quem se comportasse com indiferença. Mas frases de ‘Diutey’ para Fardados, do tipo “Eu não sou seu peão não, pra te obedecer”, eram constantes.

Um dia um ‘Dioute’ conduziu um transgressor que reclamava de dores e desejava atendimento médico ao portão do campo de força e solicitou um grupo de Fardados para leva-lo à Terra para atendimento. Um Fardado de patente olhou para o transgressor e diagnosticou: “Esse aí não tem nada. Não precisa sair não. Pode voltar.” O ‘Dioute’, sem perder a calma, olhou para ele e disse: “Sem problema. O senhor assine um documento afirmando isto e retorno o transgressor à sua sala.” Ele olhou de novo para o convalescente, olhou para o subordinado imediato e disse: “Preparem um grupo para leva-lo à Terra.”

A gestão era toda assumida por Fardados. O primeiro responsável era um patente, o segundo responsável, mais um patente e o terceiro responsável outro patente. Porém, apesar de posarem como baluartes da licitude e da perfeição, se viu várias ações questionáveis. Não que seja algo do grupo em si. É um fenômeno humano que exige fiscalização. Portanto ninguém pode diminuir o outro, haja vista que todos são passíveis de erros e fraquezas.

O primeiro responsável falava em alto e bom som que os ‘Diotey’ deveriam ser substituídos por Fardados de fim de carreira; que só causavam problemas, eram incompetentes e não confiáveis. Os de patente menor não se eximiam de atos reprováveis. Houve quem pagasse dez por cento do que os transgressores faziam jus pelas atividades laborais que realizavam. Isto quando o valor já era uma miséria.

Qualquer ação de um ‘Diote’ era visto como reprovável. Isto instalou na Central uma cultura de que qualquer denúncia contra um ‘Diote’ é verdadeira. E assim cometeram-se injustiças imensuráveis. Por isto os ‘Diotey’ que cumprem seu dever e buscam exercer suas atividades com seriedade e senso de responsabilidade, poucos sequer passam perto da Central. Só aparecem quando se é extremamente necessário. O aparente excesso no número de pessoas labutando, conversas nos corredores, indiferença, dondocas perambulando, tudo parece meio surreal. E quando vão veem colegas que nem sempre cumpriram com suas obrigações de forma louvável ocupando postos importantes dá um sentimento de que se valoriza o malfeito ou a bajulação.

Lá na Central também era cheio de Fardados. Decidiam as coisas. Nunca a Central se livrou disso. Não que não haja competência entre eles. É que a organização deve está nas mãos de quem entende o assunto para o qual aquela Pasta existe. É bem natural. Tudo que destoe disto soa como inércia funcional.

# PERFIL

---

Lugar para transgressor parece ser o destino natural de quem está lá. São muito parecidos. Origem comum. Salvo algumas exceções, é claro, a imensa maioria tem muito em comum.

Oriundos de regiões muito pobres. Desde cedo são expostos cotidianamente a cenas e situações de impetuosidade. A lei da selva se impõe. O mais forte, o mais esperto, o que dá um jeitinho nas coisas. O impotente por ver essas leis autoritárias, brutais e injustas prevalecendo, com um equipamento letal nas mãos, se dá “bem” no dia-a-dia ilícito, tudo isto tornando-se banal. É a saída, é o que afaga a impossibilidade de se ter dignidade com o suor do rosto. Aliás, o suor nem deve ser derramado. A aventura, a possibilidade de impunidade e o ócio são vistas como a forma ‘adrenalicamente’ conveniente para viver.

A escolha já está feita desde muito cedo. Não se trata de ser apresentado à possibilidade excepcional de não cometer o mal. Ele está ali todo dia. Do café da manhã ao jantar. Misturado com refrigerante e televisão. Anormal é o teimoso e imbecil que se dá o labor de escolher o bem. Então seguir o curso é muito natural, mesmo que tenha de se pagar o preço de ser um inquilino do “cinco estrelas” dos transgressores.

Tirar a vida é poder. Assim podem atingir qualquer um. Desde a concorrência no bairro até a elite insensível e tão bestial quanto suas ações. Mas esta é requintada e o faz com sutileza: concentra renda, discrimina, impede quem quer que apareça propondo mudança na estrutura social. Pensam com convicção de que pobre é lixo, pobre é descartável, pobre tem mais é que lavar suas roupas, cozinhar, ser o porteiro, o zelador, o flanelinha, o lixeiro, o gari, o motorista, o caseiro, a doméstica, a babá, o esmoler que faz qualquer coisa para receber migalhas de suas mãos. Como bem diz, ou bendiz, o artista Zé Geraldo em sua música “Milho aos Pombos”: “se chega alguém querendo consertar, vem logo a ordem de cima: Pega esse idiota e enterra”. É assim.

Há aqueles que se envolvem com pessoas de má conduta e acabam transgredindo a Lei. Esses só querem uma vida pródiga sem labor, sem luta, sem responsabilidade. Recursos vêm e vão da mesma forma.

Há uma pequena minoria que cometeram atos tão injustificáveis que acabam por lá. São os filhinhos de papai e mimados em geral que estão ali geralmente porque suas ações tiveram uma grande repercussão na mídia. Do contrário teriam se livrado de certos ambientes, pois a banca de advogados os teriam livrado.

Os únicos momentos que tornaram possível, pessoas de classe social de destaque ocupar aquele espaço, foram nas infames ditaduras. Mesmo assim, eram colocados em uma ala separada dos demais. No último maldito regime de exceção os “transgressores” ficavam no local que ficou conhecido como o local da Revolta de Felipe dos Santos em Minas Gerais.

# O LARANJA

---

Velho conhecido no planeta Terra, aquele que intermedia, contribui com um malfeito em nome de outro, dentro de um local para transgressores é muito utilizado.

Se o indivíduo não tem visita é coagido ou negocia para se colocar um nome de alguém que, na verdade, irá visitar outro. Elas chegam ao local sem nem saber o nome de quem vai ver. A administração se preocupa com isso, mas é de difícil controle.

Há um alvoroço ou se encontra material ilícito na sala, movimentação anormal no local, sempre aparece quem “assuma” a responsabilidade de tudo de forma tão “espontânea” que logo se suspeita não ser verdade.

Ouve-se até que haja quem esteja naquele local por dinheiro. Alguém comete um malfeito e paga a outro para cumprir a punição. De nada se duvida naquele mundo. A possibilidade é alta. Considerando a situação econômica deles, e as conversas de que assim poderia ajudar a família necessitada, considera-se crível o incrível.

# CONVICÇÃO

---

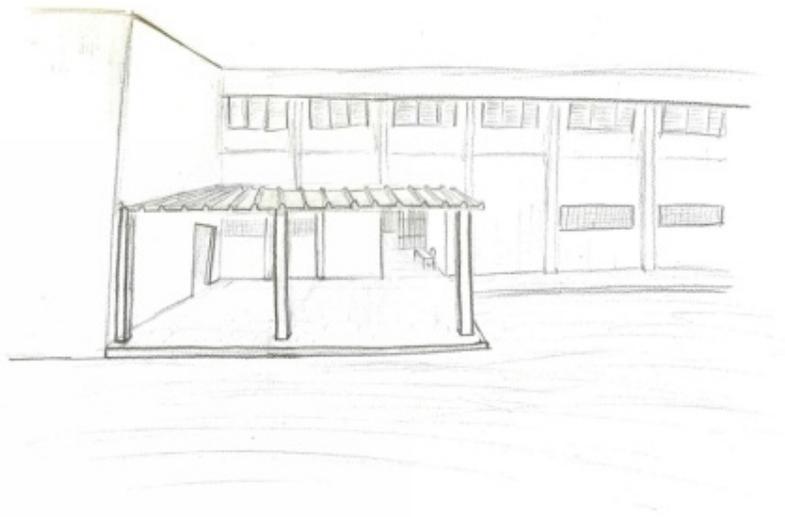
O senso comum caracteriza o transgressor como alguém ruim. “Comete porque quer. Sabe que é errado. Desde pequeno acostumado com o que não presta, dá nisso. Não tem jeito.” Conjecturam.

Fatalista, generalista, mas válido. Há uma parcela de pessoas transgressoras que o são por opção pessoal, deliberada e fizeram disso uma forma de sobrevivência. Veem “glamour” no que fazem.

Seria leviano afirmar que são todos. Muito pelo contrário. A maioria absoluta da massa quer cumprir seu corretivo e voltar para casa. Não são críveis índices em torno de setenta por cento de retorno dessas pessoas àqueles lugares. Talvez estudos mais específicos e rigorosos sejam necessários para se elucidar essa realidade.

O transgressor declarado fala das suas ações com um orgulho e uma espécie de satisfação inexplicáveis. Demonstam desdém pela vida da vítima, deleite no terror infligido na aplicação e impetuosidade desproporcional, gratuita e cruel. Fidelidade aos comparsas. E proferem aos quatro ventos que quando voltarem à Terra fará o mesmo ou pior. Indiretamente declaram um ódio a tudo e a todos. Psicopatas. Sérios candidatos a passarem grande parte da vida naqueles lugares.

O ser humano pode ser muito bom no que faz, mesmo que o que faz não seja bom.



# PARENTAS

---

Há quem diga que quem sofre mesmo são os parentes dos transgressores. Principalmente quando estes estão nos grande locais. Geralmente esses espaços são construídos em lugares ermos, o que dificulta o deslocamento, exige muito fisicamente das pessoas, e a espera para adentrar nem sempre é pequena em função da grande quantidade de pessoas.

Entrar num local para transgressores é complicado. Primeiro porque é por essa passagem que entra muito ilícito no local. Muitas reclamam que são tratadas como se todas fizessem isso. O abuso, a má vontade, a suspeita sempre, constrange quem leva e, principalmente, quem não leva ilícitos.

Muitas delas treinam como farão para não demonstrar insegurança ou nervosismo exatamente para não chamar a atenção. O que nem sempre acontece. Os ‘Diuotey’, acostumados com a situação, logo percebem se tem alguma coisa errada pelo comportamento do parente.

A inspeção visa perceber se a pessoa está tentando entrar com itens não permitidos no material que levam para os transgressores (comida, roupa, produtos de higiene e outros, tudo mediante autorização da gestão do que pode ou não entrar), cabelo, na roupa, na boca, axilas, ânus e partes íntimas. Não há toque físico na pessoa, porém ela deve obedecer aos comandos da profissional. Abrir bem a boca, levantar os braços, agachar... Equipamentos visam acabar com esse tipo de inspeção, mas é inegável que depois de instalados os locais se enchem de ilícitos. A gestão sabe, o Judiciário sabe, mas achar uma alternativa ao não constrangimento e evitar a entrada de material vetado é um desafio. Difícil as duas coisas, mas o debate é importante para se achar soluções.

A quem não conhece essa rotina pode achar um exagero, mas, infelizmente, são encontrados muitos celulares e ilícitos nas partes íntimas de mulheres e homens (geralmente uranistas). Acontecem casos tão inacreditáveis, como a pessoa precisar ser levada a um médico para retirada do material. Retirado, é logo destinada a um local de transgressores. Um ciclo bem regular de miséria.

Frequentemente algumas delas emitem opiniões sobre seus entes queridos. Mães e avós são as mais otimistas. Conhecem-nos, mas o sentimento atrapalha certas situações óbvias. A velhinha jurava que o neto era um bom rapaz. O ‘Diuote’ tinha certeza que não, já que ele era um dos mais problemáticos lá dentro e respondia por atos graves. Entende-se pela relação de parentesco, mas o alheio sempre demonstra certa decepção de se ouvir a defesa de quem não preza os que o amam. A situação faz com que o ‘Diuote’ não acredite incondicionalmente no que houve. Parece insensibilidade, mas não é. A experiência não deixa.

Uma senhora bem idosa pede pra falar com um ‘Diuote’. Pergunta se o neto dela está perto de sair. Quando, coato, ele responde que aparentemente não, pois só um Defensor lhe diria com precisão, surpreendentemente ela exclama: “Graças a Deus. Amo ele muito, mas ele aqui é melhor. Lá fora ele me bate demais para entregar dinheiro, vende meus objetos para alimentar sua dependência.” Desconcertado, porém compreendendo a situação o ‘Diuote’ dispensou-a e ela foi para casa.

Mães também chegam a dizer isto. A dor deve ser imensa, porém suplantada pelo sofrimento de tê-lo por perto, mas dando preocupação.

No geral os ‘Diuotey’ se relacionam bem com os parentes. Os mais inteligentes vem neles mais do que uma oportunidade de prestar um bom serviço. Veem possíveis aliados. Por eles

pode-se saber como o ambiente está. Sem necessidade de nomes, de armadilhas, nem retaliações. O parente não delata, porém, pode ser um aliado de como evitar problemas maiores na gestão do lugar. Ninguém prejudica ninguém e todos ganham à medida que tudo anda bem. O 'Diote', nesse caso, precisa ter o cuidado de detectar se aquelas informações prestadas têm o interesse de prejudicar desafetos no local.

Existe também a parenta problemática. Cara fechada. Entende tudo como abuso do 'Diote'. Reclama de tudo. Acontece de se comportar assim para despistar o ilícito que conduz. Quando se é apontada como suspeita, faz escândalo, xinga, esperneia, grita, até que, quando confirmado o malfeito, chora.

Para estas todos são errados, atendem mal e incitam animosidade entre transgressores e 'Diotey'. Muitas delas têm a vida que fez com que seus companheiros estejam onde estão. Daí alguns 'Diotey' considerarem-nas pior do que os transgressores.

# PATRIMÔNIO

---

Inegavelmente, o malfeito mais praticado é aquele contra o patrimônio. Fácil deduzir que num país onde a distribuição de renda é tão injusta, este seria um dos males. A distância entre ricos e pobres é abismal. Mas estes, enquanto massa de manobra, não são meramente submissos como deseja a elite. Apesar de dominados por uma imprensa incutindo ideias do grupo dominante na sociedade, e o pior, fazendo com que as pessoas as reproduzam como suas. Deve ser divertido para eles.

Você acha que num telejornal, por exemplo, há alguém que decide o que você vai ver ou não? Claro que sim. Se você assistir aos principais telejornais, as notícias são praticamente as mesmas. É a seleção que atende ao mesmo critério: o de mostrar apenas o que lhes interessam em detrimento do interesse da grande maioria da população.

Os pobres são manipulados para, além de considerarem natural essa distância, admirarem os ricos – falam com certo orgulho do poder aquisitivo alheio – e conceber que o problema está neles mesmos, não na forma como se impõe a organização social vigente. Aliás, nem sabem que há alguém impondo nada. Senso comum, vida medíocre.

Os poderosos têm todos os recursos de controle e vai administrando isso em escala mundial. Os chamados países ricos posam de abundantes, justiça social e renda alta per capita, mas há de se considerar que suas riquezas são resultado da exploração da América, África e Ásia. Os Estados Unidos tiveram duas guerras praticamente sem prejuízos em sua estrutura física. Assim fica fácil. As melhores mentes emigraram para lá em função desses conflitos mundiais. Essa migração ainda ocorre nos dias atuais, desta vez por causa da situação econômica.

A abundância e justiça social não acabariam os locais para transgressores. A relação humana é muito complexa. Vai além de uma análise por apenas uma tonalidade nas muitas cores que compõem a realidade. Mas diminuiria muito.

Aos desvalidos sobra a força. Apropriam-se do poder que lhes resta e, mesmo sob o risco de punição, avançam pelo ilícito.

# EXPECTATIVA

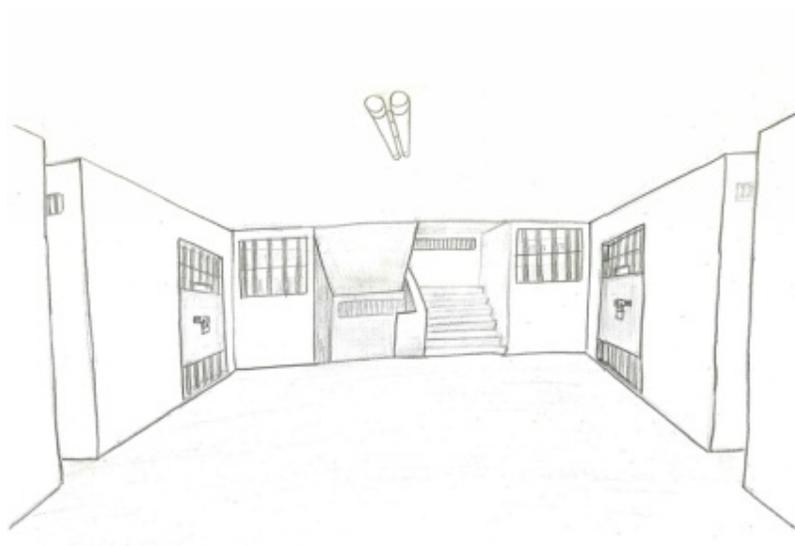
---

Quem não tem o hábito de entrar num local de transgressor costuma fazê-lo com expectativa de encontrar aberrações. Ao perceberem que são pessoas amontoadas por lá, se envolvem e encontram empatia. “Eles não são como eu pensava.” Talvez seja verdade. Mas há deles que sutilmente são piores do que supunha. Fora dali têm a vantagem, para o transgressor, de não carregar o estigma de estar separado. Lá acontece o inverso do convívio na Terra. Nesta se espera o melhor das pessoas e quando elas cometem erros, por menores que sejam, vem a decepção. Já ali as pessoas de fora vão com a pior das expectativas e quando eles demonstram uma atitude humana, por menor que seja, vem a surpresa, admiração. Os dois estão errados. São os limites que sempre rondam as atitudes humanas e as levam ao precipício, salvo as exceções.

Assim vê-se todo tipo de envolvimento. Defensora casa com transgressor. Acadêmica em visita ao local acaba casando com transgressor de alto risco, inclusive se envolvendo em malfeitos para tirá-lo de lá ilegalmente. Relações de funcionários com transgressor. O que geralmente não dá certo sequer nas vidas pessoais de cada um. No ambiente de labor é inconcebível. Incompatível. De qualquer forma cabe à gestão evitar que esse tipo de situação interfira nas atividades normais no local.

Entre os funcionários também acontece muito, porém visto de forma natural. ‘Diute’ casa com Responsável local, com Assistente Social, Defensor, Fardado e entre eles.

Inevitavelmente os conflitos também se verificam. ‘Diute’ sai no tapa com um colega, outro arma um stratagem contra parceiros de labor, inclusive com riscos de vida, pede transferência porque não dá para labutar com determinado companheiro, discutem por futilidades, enfim, adultos acostumados a situações- limite, mas que lidam com assuntos simples como se fossem crianças.



Normalmente quando se diz que labuta no Complexo todos logo perguntam se não é perigoso. Um ‘Diute’, diante da pergunta, tende a minimizar ou exagerar a situação real. Talvez lida assim até como forma de não “parar pra pensar” no assunto e assim poder encarar a atividade da forma mais natural possível, mesmo quando amplia os riscos tornando-se os heróis, poderosos e provocar nas pessoas certa admiração pela coragem.

O fato é que é sim muito perigoso, porém o local não é como o imaginário da Confraria. Um aspecto muito importante em relação a isso é a questão de ser ‘iufem’. Há um tipo de ‘Diute’ que acha que ao fazer “amizade” (talvez este não seja o melhor nome para o que propõem porque não cabe nessa relação qualquer ilícito, mas sim concessões que não comprometam o andamento normal das coisas) com alguns transgressores é bom para um melhor desempenho das atividades e preservação da integridade física dos ‘Diutey’. Em caso de planos de saídas ilícitas esses transgressores dariam informações antecipadas das armações e até garantiriam um salvo conduto em casos extremos. Este argumento é válido, porém em parte. Quando uma tensão começa a desenrolar dos fatos fogem a qualquer controle, pelo menos de início, seja por parte dos ‘Diutey’ que, nesse caso, só o fato de haver tensão significa falta de controle, ou por eles mesmos. A liderança, ou lideranças, nem sempre são uníssonas seja no que querem, seja na forma como as coisas serão conduzidas. Há os que pensam um pouco mais e há os que agem como quem não têm nada a perder e qualquer resultado é lucro. O que é grave nesta postura é que, para os ‘iufeoy’, o risco de eliminação se multiplica, já que são “descartáveis”, não teriam valor de barganha.

Há outro tipo de ‘Diute’ que defende total e completo afastamento do transgressor. Defendem que, no fim, as circunstâncias acabam ignorando quem fez algo por um transgressor ou não. Isso é verdade também.

O fato é que um ‘Diute’ é o primeiro candidato a ‘iufem’ numa ‘Puortencgdiix’. Não interessa se ele é tranquilo ou agitado em relação aos transgressores. Houve um caso em que o ‘Diute’ era o mais “querido” por todos – ‘Diutey’ e transgressores – por sua sempre inabalável e perene paciência e educação para lidar com as pessoas e foi feito ‘iufem’. Isto revoltou a todos. Mas ele foi. Então não adianta fugir dessa realidade: Um ‘Diute’ é o primeiro da fila nas possibilidades. O curioso é que ele não é o mais visado no sentido de importância, haja vista que autoridades são os alvos interessantes para os transgressores, pois apresentam chances reais de conseguirem algo. Um ‘Diute’ ‘iufem’ só gera negociação que não contempla o mínimo que os transgressores desejam, principalmente naquele momento específico.

Ser um ‘iufem’ é algo muito complicado. Primeiro porque não se sabe exatamente até que ponto um ou mais transgressores podem ir. Logo se vem o risco de eliminação. Já aconteceu no país um ‘Diute’ ser jogado do alto do edifício. Segundo que o público é potencialmente agressor, portanto se pensa em maus tratos, tortura, enfim, tudo o que possa causar sofrimento pode acontecer, afinal estão com um ‘Diute’ que, por mais que seja necessário à vida no local, ele representa a organização que eles transgrediram antes. Quer queira ou não, são personagens meio que antagônicos do ponto de vista que os interesses divergem em muitos momentos na convivência numa instituição total.

A tensão é o auge da fragilidade da organização maior num local como este. Ela resulta da insatisfação dos transgressores ou desejo de sair dali. Noventa e nove por cento delas são por causa da primeira questão.

# A MULHER

---

O número de transgressoras comparado ao de homens é ínfimo. Cerca de uma para trinta. Mas mesmo elas têm ocupado um lugar de preocupação na gestão, haja vista o crescimento do número de internas e as especificações que o gênero implica.

Estudos mostram que a grande maioria das mulheres se envolve no malfeito por influência dos companheiros. Enquanto elas, quando os companheiros são levados a ergástulos, continuam a visita-los e acompanha-los, quanto se veem na mesma situação, eles as abandonam imediatamente.

As 'Diutey' comentam frequentemente que no interior do local elas são muito verborrágicas, o que desafia a disciplina. Outro fato muito evidente é o alto índice de relações uranistas. A verborragia torna a coisa meio escandalosa. Assédio às profissionais, indiretas e constrangimentos, acontecem muito.

A capacidade de ser mãe é uma especificidade única, o que faz a instituição ter que dispor de uma estrutura para atender esta especificidade. Uma creche faz parte do local, onde amamentam até idade permitida, seis meses da criança (pelo menos), e depois, com muito choro de ambos, são separados em definitivo, permitindo-se o contato nas visitas normais. Cenas que se repetem infinitamente.

O malfeito, de longe, mais comum é o tráfico de ilícitos. "Aproveitadas" pelos companheiros ou com o fim de manter a família quanto se veem sozinhas.

É inegável que o ambiente feminino tem mais facilidade para se aplicar projetos de labor, leitura, instrução, atividades festivas e outros. Há mais envolvimento, interesse em participar. São bem mais receptivas, além de demandar uma proteção menos ostensiva. Com uma gestão local minimamente interessada, as coisas acontecem. O que não significa que muitos problemas não existam por ali. E muitos deles semelhantes aos do ambiente masculino.

# TENSÃO

---

Parece contraditório dizer que as tensões no país são mais por causa da insatisfação dos transgressores do que pelo desejo de sair. Claro que este desejo é permanente. Sempre estão tentando. É natural. Porém, os transgressores realizam tensões por todo o país por motivos óbvios. Eles não são exigentes. Até porque sua imensa maioria é constituída de pessoas que já não usufruem do mínimo para sobrevivência onde viviam. Nesse ponto são coerentes. Suas reivindicações geralmente são: atendimento jurídico, médico, falta de espaço, condições para receber parentes. Isto resume noventa e nove por cento das causas de tensões, ou seja, é o mínimo do mínimo.

O Estado se vê num dilema: destinar recursos para uma escola ou para um Complexo? Lógico que para a escola. Mas há um paradoxo prático na gestão da Pasta Governamental da situação, qual seja, acaba-se destinando o valor “x” e não “2x”, porém gastam-se os “2x” de qualquer forma porque aquele “x” aplicado é destruído pelos transgressores numa tensão, ou até mesmo no cotidiano, e logo tem que se refazer tudo com a mesma vulnerabilidade de antes. Diz-se que os transgressores têm característica depredadora.

# TIBIEZA

---

Você labuta com todo pique. Passa o primeiro ano, chega o segundo e você se vê num mar de insuficiência. Quer ajudar, mas não pode. Isso penetra no mais fundo do seu ser de uma forma que até o que você pode fazer não o faz por esquecimento, por estagnação, imobilismo sórdido não intencional até que você grita: “Vão todos e tudo pra p... que lhe pariu”.

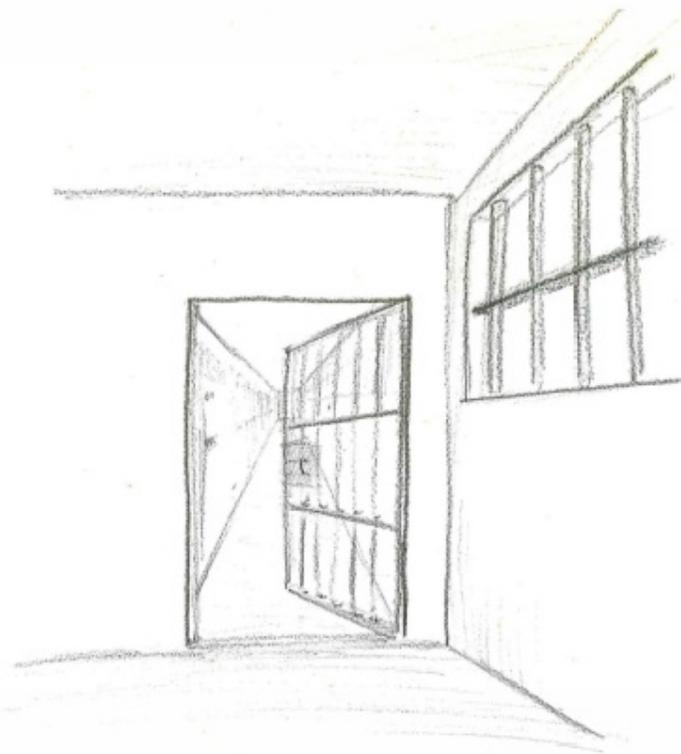
Bolsos cheios de “catataus” – bilhetes entregues pelos internos para a Administração – que nem dão mais pra encaminhar ou quase certo de que não serão atendidos.

Três dias se passam e dá a hora de voltar ao labor. O despertador faz seu alarido. Você acorda, pensa no que está fazendo e sentencia: “Vão tudo se f....” Não vai. Entende que a única saída para o seu labor é sair dele.

Deseja-se uma motivação. Deseja vontade de ir. Seus brios não deixam. O ‘muan’ de se tornar um dos hóspedes de lá também ajuda a não fazer a opção pelo malfeito no labor. Deseja corromper. Às vezes dá, às vezes não.

Como em todo lugar sempre tem alguém que precisa ou valoriza mais o dinheiro, você liga, ele vai em seu lugar. De início é um quebra-galho, depois vira rotina e ele só não paga todas as idas porque a gestão não deixa ou porque comprometeria o orçamento doméstico.

O bico ajuda, mas o conflito de dias de labor vai dificultando as coisas. Prefere-se o bico pelo labor e o Estado pelos proventos. O dilema permanece. Ele precisa de ajuda. Se não for relacionado com a gestão fica por isso mesmo.



## TENSÕES

---

O que não falta em qualquer ambiente do tipo que descrevemos são tensões. É bem verdade que a grande e esmagadora maioria dos transgressores querem cumprir sua punição. Não somente porque querem ficar livres fisicamente, apenas. Querem não dever nada à mão do Estado. Liberdade desde que não se prejudiquem mais ainda em ações de grande porte como uma saída ilícita. Outro fator que contribui com este pensamento é que quando um plano grande é executado eles, muitas vezes são eliminados pelos Fardados quando alcançam o espaço fora do campo de força, haja vista que sequer a existência de ‘iufeoy’ inibem a ação implacável por sangue. O saldo geralmente é de muitos mortos. É como se os Fardados deixassem um recado claro: se saírem do campo de força a gente elimina de qualquer jeito.

Mas não faltam os que pagam pra ver e articulam ações ousadas.

Palavras de um funcionário feito ‘iufem’:

“1° de abril. Por volta das 10:30h ouvi uma algazarra, falando em tensão, e um ‘trin’. Tentei entrar na sala dos registros dos transgressores, mas os colegas, com ‘muan’, tinham acabado de fechar a porta. Dois pularam de uma altura de quatro metros. Nisso já tinham “segurado” o ‘Ariutno’

da época. Assim, chega um transgressor, me dá uma gravata, coloca o equipamento letal, tomado de um Fardado que havia sido rendido, na minha cabeça e diz: 'É o senhor mesmo'. Deu-me uma busca. Fui levado ao banheiro onde estavam os outros: mulheres e homens. Depois fomos divididos em dois grupos e levados a uma sala. Fiquei com dois transgressores que tinham sido Fardados, ambos muito ameaçados pelos amotinados. Os líderes exigiam carros e equipamentos letais para saírem. Um oficial chamou um líder e fui como 'iufem', um dos Fardados da composição deu um 'trin' que arrancou parte da parede muito perto de mim e do transgressor. Este ameaçava explodir um botijão com um 'iufem' amarrado nele.

Anoitece. Um deles, bêbado do álcool pegou na área de medicamentos, falava que a matança iria começar a noite. Estava tudo escuro, pois cortaram a energia da administração. Sem alternativa, me mantive tranquilo, mas à noite foi o momento de mais apreensão.

Na manhã do dia dois, liberam um 'iufem' ex-Fardado. Eram umas dezoito horas quando eles recebem cinco carros e um equipamento letal pra cada um, eram quinze. As mulheres ficaram na 'Puortencgdiix'. Fui levado num dos carros. Prometiam que no primeiro posto de gasolina me deixariam. Mas erraram o caminho. Um deles parecia conhecer a região onde estavam e orientou o motorista. Acabamos num beco sem saída. Eles saem do carro e correm para um matagal. Os Fardados chegam rápido e disparam em direção à mata. Grito que sou o 'iufem'. Mandaram que eu saísse com as mãos na cabeça. Eles pedem que eu feche o carro. Eram umas dezenove horas quando fechei o carro e fui para a Delegacia mais próxima.”

Este fato culminou com dois transgressores mortos em tiroteio muito longe do campo de força.

“Véspera de Natal. Estava almoçando, um pouco tarde, eram mais de treze horas quando um grupo de membros da Égloga, voluntários de uma Organização Não-Governamental, acompanhados por um Fardado de patente que era responsável pela ordem no local, se dirigiu à ala de saúde, onde, na verdade, ficavam diversos transgressores. Soube depois que iriam apreciar uma apresentação de luta afrodescendente.

Um 'trin'.

Movimentação intensa, gritos.

Atraíram esse pessoal lá fins de serem feitos 'iufeoy'.

Pede-se reforço dos Fardados.

Havia um grupo de Fardados que estavam entre a área saúde/instrução e os prédios 'Puyute' e 'Punrtr'. Vários transgressores, sabendo do movimento começaram a correr, ao longe, para aderirem. Então aqueles Fardados começaram a inibir com os equipamentos letais. Mesmo assim continuaram por algum tempo. Até que um 'trin' de um equipamento de alto poder, acertou a cabeça de um desses transgressores. O cérebro e toda a parte de trás foram espalhados pela parede e chão do local. Só assim, pararam de passar.

Reforço chegou e entrou com os 'Diuotey' nos prédios. Ficou pelos menos um Fardado na entrada de cada 'ied'. Os transgressores começaram a balançar as grades. Era um barulho grande. Era como se fosse um deslizamento grande de terra, algo assim. Na grade da 'ied' os Fardados gritavam: “Bota a cabeça pra fora filho da p... pra eu fuzilar”. Balançaram um tempo e parou. Até que desci para ir na 'Iediorcxn'. No caminho vi o recolhimento do corpo do transgressor que levou o 'trin' na cabeça. Rosto intacto, mas um rombo de quase um palmo atrás e absolutamente nada dentro do que

sobrou do crânio. Via-se o rosto pelo outro lado, uma cor rosada. Como só havia o rosto inteiro, ele balançava, por falta de sustentação, como se fosse de borracha.”

Este evento culminou com oito transgressores mortos e três ‘iufeoy’ feridos no tiroteio com os Fardados muitos quilômetros fora do campo de força.

“Tensão no local. Tomaram a área administrativa. Espancaram um transgressor desafeto deles e incendiaram tudo, inclusive o colega transgressor que ainda estava vivo antes de morrer nas chamas.

Toda a documentação deles mesmos foi destruída, dificultando, inclusive, a análise dos cumprimentos das punições e as consequentes liberação e benefícios.”

“Três transgressores foram alvos de um grupo de mais de vinte no ‘Puyute’. Dois foram queimados vivos e o outro saiu bem machucado.”

“Encontrar transgressores que foram arrastados e mortos com requintes de crueldade é habitual no labor de um ‘Diute’. Cabeças esmagadas, corpos mutilados, queimados, até porque os executores usam de meios artesanais para alcançarem seus intentos.”

“Outro dia uma ala de umas cinquenta pessoas considerou que dois colegas eram violadores. Cercaram-nos e deram muitos sopapos e furadas com barras de ferro. Jogaram-nos em colchões. Tocaram fogo. As vítimas começaram a se mexer. Alguém gritou: ‘Ainda tão vivo!’. Alguns deles correram e furaram mais vezes até se certificarem que não estariam mais. O reforço chegou e impediu a incineração dos corpos. Mesmo assim ficaram expostos dois cadáveres com os cérebros vazando pelos lados, meio queimados, enquanto os Legais os recolhessem.”

“Ao entrar numa ‘Ied’ o ‘Diute’, como de costume, ia intimando a entrarem nas salas. A maçada de sempre. Até que ao chegar na sala de um transgressor famoso pelas peripécias que aprontava, este falou em voz alta: ‘Não vou comer partido de ninguém.’ Depois disto todos entraram rápido, sem demora. Talvez o transgressor tenha lembrado do corredor polonês. Os líderes passavam por ele quando uma tensão era controlada.”

Toda aglomeração humana tem líder. Eles galgam essa função por diversos motivos. Controle na distribuição de ilícitos, prestígio de fora, capacidade para resolver querelas, de intervir em momentos críticos, frieza, inteligência, o chefe pode. Nesse ponto são disciplinados. Reportam-se. Não agem sem permissão. Um gesto ou um olhar é suficiente para se determinar a integridade física, a vida ou a eliminação de alguém, um alvoroço ou a paz no lugar.

“Um dia um transgressor se dirigiu lentamente a uma enorme grade perto da ‘Iediorcxn’ e disse que tinha sido liberado por um ‘Diute’ lá embaixo na ‘Ied’. Falou que pediu pra sair de lá e ir para uma ala separada. Perguntado sobre o porquê, ele desconversou disse que não dava mais certo. Foi quando se percebeu que ele estava com a perna raspada. Era o sinal. Tinha sido violado lá dentro. Seu olhar triste e postura cabisbaixa não deixavam dúvidas. Estabeleceu-se o silêncio e ele foi atendido.”

“Certo dia um transgressor estava ao telefone falando com seu Defensor e chamou a atenção o fato dele falar aos prantos. Quanto um ‘vetusto’ viu aquilo comentou que aquele que chorava ao telefone era o mesmo que eliminava colegas de confinamento e ainda lambia o ferro usado por ele.”

Incidentes frequentes e de intensidade cada vez maior fizeram com que a Central decidisse fazer uma ‘Puortencgdiix’ dentro da ‘Puortencgdiix’. Cinquenta vagas. O transgressor que

pegou o clérigo foi o primeiro a ocupá-la. Logo aquele lugar também se tornaria palco de selvageria. A estrutura inspirou os transgressores a apelida-la e, meio que como prevendo o futuro, de “Selva de Pedra”. Para ali seriam conduzidos os denominados temerários. Assim foi. Logo que se viram naquele lugar, tudo o que se poderia ter imaginado foi superado. Fazendo dos filmes de terror meros xaropes diante da realidade. Fizeram jus ao fato de estarem na Selva.

# FORÇA

---

Numa instituição total de transgressores a questão não é só se se deve usar a força ou não. Aos profissionais sérios se apresenta a reflexão de como usá-la. Infelizmente excessos acontecem e a gestão sempre age rigorosamente nesses casos.

Havia o que se excedia com qualquer coisa que estivesse por perto, o que fazia com as duas mãos, de um lado e de outro, os que pareciam querer uma desculpa.

Parece que há transgressores que só entendem essa linguagem. Só se aquietam quando recebem uma lição.

Com o tempo vai se descobrindo os tipos de transgressores. Há o que parece gostar de confusão. Sempre zangado fica enfrentando a autoridade, como menino teimoso. Há o que é tranquilo e frio que não entra em qualquer confusãozinha, mas está pronto para esquemas dentro do local e há os que só entram em atividade pesada envolvendo saída ilícita do local.

Os temerários mesmo detestam os inferiores, mas os usam, se preciso, em altos esquemas, como seu militantes.

Os temerários não causam problemas. Se erram, aceitam a punição sem reclamar. Os inferiores quando são informados de punição logo se rebelam, entram na sala e desafiam quem vai pegá-lo e são os que demandam o uso da força. Os tolos sabem que irão para um local destinado pela gestão, porém complicam as coisas e tornam um simples ato normal dentro do local em um tropel. O treino do uso progressivo da força é muito importante num evento desses. Quando aplicado corretamente, este simples ato não se desdobra em outros ou em excessos por parte dos 'Diutotey'. Ordem garantida e os próprios internos reconhecem uma ação eficiente, mesmo que não concordem com ela. Dificilmente o fazem é claro, mas quando se trata de tudo de forma profissional, mesmo quem não concorde respeita isso.

É lamentável que o uso da força seja simplesmente condenado por grupos que sequer sabe o que é labutar numa instituição total do tipo que abordamos aqui.

O cinema lida com essa questão. O protagonista sofre por todo o filme até odiarmos o vilão. Quando o vilão sofre, adoramos. Somos assim mesmo. Se alguém diz que machucou alguém o vemos como agressivo. Se ele diz que machucou a pessoa que espancou sua mãe. O veneramos e o temos como herói. A sociedade quando sabe que transgressores foram submetidos a agressões geralmente acha é pouco. Deveriam sofrer mais, é o que dizem.

O 'Diute' não pode cair nessa armadilha de entender seu labor de forma maniqueísta. Ele está ali para cumprir sua missão. Se não se sabe qual, urge buscar saber. Ao entender isto o profissional suplanta o débil olhar de quem é vilão, de quem é herói. Somos todos humanos apesar de sermos capazes, todos nós mesmo, de cometermos atos desumanos.

Os grupos que condenam o uso da força se manifestam como não maniqueístas, porém, com atitude parcial, uniforme e simpática ao mais fraco acabam sendo levianos em generalizarem posturas e atos reprováveis em profissionais da área de proteção à sociedade.

Os vetustos falavam de situações curiosas. Às vezes davam a entender que eram frequentes. Verificou-se que não o era, mas acontecia sim. Aquele lugar nunca foi desejado por ninguém. Moradores, nem trabalhadores. Mas há quem tenha a oportunidade de sair de lá e por opção acabam ficando. É verdade que nunca permanecem no meio da massa de transgressores. Mas se recusam a voltarem para a Terra. Isto não cabe em qualquer mente sã. Mas é assim.

Diziam até que já ocorreu de um transgressor ser liberado e aprontar logo após a saída nas proximidades só para voltar.

Houve um caso de um senhor que, após vinte anos lá, ficou ajudando na limpeza dos setores na administração, ela já o fazia quando estava no interior do local. Alguns anos depois apareceu alguém da família e ele foi embora.

Eis a questão. Há razões para se optar por se onde está. Geralmente três motivos fundamentam essa decisão inacreditável.

Primeiro o fato de terem eliminado pessoas muito próximas da família e é relegado ao esquecimento. Depois de décadas lá, as incertezas preenchem sua mente. Não sabe por onde começar. Precisa de ajuda e não admitem a possibilidade de que terão. O que pode ser um fato. Sente-se um inútil. Não há lugar para ele naquele mundo muito diferente do que ele deixou para trás.

Há os que não têm quem os receba na Terra porque aqueles foram eliminados enquanto estava ali. Geralmente vítimas do ciclo de brutalidade vivida fora. Ele é um sobrevivente e alvo. Provavelmente só está vivo porque sobreviveu àquele lugar.

Enfim, existem os que sabem, tem a certeza de que se sair serão eliminados. Dívidas dali de dentro ou de fora e a impossibilidade de pagá-las encerram seu destino, do qual muito dificilmente poderá se desvencilhar.

Nem sempre se fica por muito tempo. É uma forma de se ter um tempo para encontrar saídas e depois cuidar da própria vida. Mesmo assim é surreal. Tempo sempre foi algo que ele teve bastante.

Existem estudos que identificam o chamado fenômeno da institucionalização. A pessoa não ver mais sentido para sua vida fora daquele local. De alguma forma ele tinha o seu lugar, participava de algo, se sentia minimamente útil e a saída destrói “tudo o que tem”.

# ‘CAUSOS’

---

A turma “quatro” era composta de poucos vetustos. Dois deles representavam as duas principais vertentes trilhadas por um ‘Diute’. O Imperador e o Delegado.

“O Delegado era um senhor baixo, uma careca tomando conta da cabeça, avermelhado, falava rápido, agia como se estivesse sempre zangado, mas era uma pessoa boa. Olhava nos olhos dos transgressores, atendia resmungando, mas fazia o possível. Era tranquilo. Não era justiceiro, porém não tinha “pena” de transgressor. Cumpria suas obrigações sem preguiça, na medida certa, sem mais nem menos. Era confiável e tolerante. Era conhecido como Delegado porque onde morava ele dizia, ou as pessoas deduziam, que suas funções no Estado era na Força Civil.

Cumpridor do seu dever era o tipo indiferente. Fazia porque precisava fazer, portanto não se opunha e dava entender que a cada jornada era uma missão cumprida. Dizia que fazia uns churrascos em casa. Orgulhava-se da sua casinha bem confortável. Parecia feliz.

Terminado o dia tomava seu banho no banheiro caótico e, lentamente, arrastava um beliche quebrado até de frente a TV, se deitava, colocava a mão dentro da bermuda e dormia no meio da ‘Iediorcxn’. Um dia os colegas pegaram quatro velas e acenderam-nas, uma em cada canto do beliche velho quebrado e tiraram foto. Ele acordou com a movimentação e xingou a Deus e o mundo.”

“O Imperador era outra vertente. Era cruel, maldoso, mentiroso e abusava de suas prerrogativas frequentemente. Como se sabe o último horário é das 04:00h. às 06:00h. Porém ele, quando dava, 05:00h., 05:30h., no máximo, ficava aos gritos chamando quem ainda dormia. Jogava barras de ferro embaixo das redes.

Todo mundo na boca dele não prestava. Ele sempre forçava a barra para vê nos outros, o que ele era. Dava apelidos, ria das pessoas, dos colegas de atividade mesmo. Falava, com certo prazer, de situações em que colegas de labor eram desqualificados, desmoralizados ou até mesmo em momentos de ‘muan’ e risco de vida e suas respectivas reações. Provavelmente sua atitude era fruto da frustração de não ser um ‘Diute’ de direito, só de fato.

Gostava de dizer aos neófitos, apontando para um transgressor, que aquilo era um “bicho” covarde; que tinha eliminado uma velha de cócoras pelas costas. Começava a rir.

Falando em velha, achando ele que pudesse imprimir algum ‘muan’ nos neófitos, dizia que à noite ou de madrugada, aparecia uma velha andando por entre as colunas de sustentação dos prédios ‘Puyute’ e ‘Punrtr’. Tudo bravata é lógico.

Certa vez ele atendeu um telefonema da esposa de um ‘Diute’ e disse que ele tinha se enforcado. Mentira, claro.

Um dia o Imperador, por volta das dezessete horas foi buscar os recém-chegados “hóspedes” lá na interseção do campo de força. Ao chegar na ‘Iediorcxn’ colocou-os na sala temporária, exceto um negro caolho, o qual foi colocado dentro do “freezer balcão” quebrado e abandonado. Ficou lá, apertado, numa seção do equipamento. Ele colocou uma espécie de tábua de alumínio pequena na entrada da seção e disse: “Não derruba isso aí não”. Ele ficou lá. O Imperador foi jantar. Quando eram umas dezenove horas ele disse para a turma:

‘Pessoal eu estava um dia com a minha mulher no centro da cidade quando fui

assaltado por aquele ‘nêgo’ filho da p... que tá ali. Na hora cheguei a correr atrás dele, mas quando vi que ele estava me levando pro “cheiro do queijo”, desisti de continuar. Quando fui buscar os inúteis agora, o reconheci. Vou dar a ele o que merece.’

Preparou uma toalha enrolando e passando, em espiral, uma espécie de cordão bem fino que a deixou esticada e grossa. Disse que ia molhá-la e enquanto isso perguntou quem ia participar da festa. Foi lá no freezer pegou o negro e o conduziu ao banheiro destruído onde os ‘Diuotey’ tomavam banho. O negro tentou negar a autoria do assalto, mas não foi ouvido. O fato é que após alguns minutos ele estava muito sofrido, chorando e jurando que não tinha sido ele. Sarcasticamente esse transgressor pegou o apelido de “Graúna do Imperador”. Sempre o encontravam no meio dos outros e ninguém esquecia desse detalhe da sua chegada ali.”

“Havia um ‘Diuote’ que era todo engomadinho, gostava de falar, contar piadas, histórias e vantagens. Um dia ele resolveu levar iogurte, lanches, refrigerante e os colocou no frigobar, meio velhinho, mas que funcionava. Desceu para tirar horário e quando voltou não tinha absolutamente nada do que tinha deixado. Esbravejou, chamando aos que pegaram suas coisas de criaturas vis e não deixando de citar a decepção que era ter colegas capazes disso. Não houve jeito. Não levou mais nada que ficasse ao alcance dos colegas na ‘Iediorcxn’.”

“O segundo caçula da turma era muito esforçado, sempre de prontidão, o líder gostava demais dele. Era alguém com quem se podia contar. O fraco dele era a farra. Logo no segundo mês de proventos (no qual vieram uns valores atrasados) ele gastou tudo em uma noite só, numa casa noturna. Foi obrigado a vender uma bicicleta recém-comprada a prazo para levar algo pra casa. Os anos passaram e envolveu-se com um vetusto do tipo ‘Imperador’. Consequentemente logo se viu envolvido com situações estranhas dentro da instituição e um dia, numa casa noturna, foi flagrado com grande quantidade de ‘ainid’. Foi punido pela legislação e cumpriu sua segregação num local “da mente” por medida de proteção. Perdeu o labor.”

“Um ‘Diuote’, o ‘Adorul’, era o líder dos ‘Diuotey’ no local. Impecável na relação instituição e transgressores, porém, é incompreendido por ambos. O segundo grupo não é de admirar seus questionamentos, haja vista que os interesses que defendem, na maioria das vezes, infelizmente, mas é assim, são ilícitos e consequentemente se confrontam com a missão institucional. Um dia transgressores conseguiram romper o campo de força, logo se mostrou óbvio que a responsabilidade naquele caso específico não era da gestão local, porém ele e seus colegas foram transferidos. E assim foi que aos poucos se viu sem condições de labutar em determinadas instituições no Complexo. Se viu em atividade no hospital da mente, onde, lentamente foi crescendo, o transferiram para outras instituições e a gestão maior na Central caiu nos mesmos erros do passado ficando subutilizado com o potencial que tem.

Seu histórico é de um verdadeiro herói. Recebeu todo tipo de ameaça de transgressores temerários. Sempre agiu com extremo rigor nos valores. Todos eram tratados da mesma forma. Sem impetuosidade, porém sem apegos ou qualquer cumplicidade. Nunca subestimou um transgressor e nunca se fechou ao diálogo desde que fosse de interesse da gestão. Nunca fez média com qualquer gestor visando promoção pessoal ou qualquer regalia ou ainda sectarização de pequenos grupos de ‘Diuotey’. Coerente, hoje exerce atividades comuns sem qualquer saudosismo de quando, mais de uma vez, foi líder em diversas instituições.

Este é um dos casos em que se configura um total equívoco de como alguém com coragem experiência, perfil e plena capacidade de estar na gestão não estar simplesmente por falta de bom senso e diálogo da gestão maior com os ‘Diuotey’. No fundo cada gestão só prova o quanto é efêmera, assim como suas ações.”

“Lembra-se daquela primeira visita que a turma fez à instituição. Naquele dia um ‘Diute’, ao ver o que viu, desistiu de voltar lá. Não se sabe o que se fez dele, mas lá ele não pisou mais. E não são raros os que logo nos primeiros dias de labor abandonam tudo.”

“Um ‘Diute’ era impiedoso com os transgressores. Ele se orgulhava de ser firme. Obviamente tudo justificado por algum malfeito do transgressor. Não demorava muito nas instituições. Logo era transferido ou chamado pra conversar. Reza a lenda que um dia ele encontrou um ex-transgressor em plena rua. Este o reconheceu e não perdeu a oportunidade para abordá-lo. Aproximou-se e disse: ‘E aí seu ‘Diute’? Lá dentro era cacete. E aqui?’. O Servidor olhou pra ele e respondeu: “Aqui é do mesmo jeito.” E ‘sentou-lhe’ a mão no pé do ouvido dele.”

“Um ‘Diute’ resolveu que ia fazer sua obra de doutorado na sua área de labor e foi àquela instituição. Ainda na nave ele cochilando foi se excitando com as visões que estava tendo em sua mente e de repente a nave estacionou e ele, antes de descer, para disfarçar a excitação colocou o membro em pé sendo apertado pelo cinto. Ora, para passar pela interseção do campo de força todos eram perscrutados e quando chegou sua vez o fardado passou a mão na sua cintura, percebeu o volume estranho, por cima da calça apertou o volume usando o polegar e o indicador e perguntou: “O que é isso aqui.” Ele constrangido ficou tentando, com gestos, fazer com que ele entendesse que não era algo ilícito, mas uma excitação involuntária quando chegava ao local. No final ficou bastante ruim para o perscrutador. Ambos se apressaram em se separar e fingirem que nada ocorreu.”

“Teve aquele ‘Diute’ que estavam no veículo do Complexo com alguns colegas, todos indo para suas casas quando decidiram deixa-lo num ponto de ônibus. Ele não aceitou que não iriam deixá-lo exatamente em casa, porém, ao ser informado que ficaria na rua, este deu uma gravata no ‘Diute’ que dirigia, e aos berros determinava que fosse deixa-lo em sua residência. Algo meio que desproporcional ao momento.”

“Alguns ‘Diutey’ tinham labutado como Fardados antes de serem admitidos ali. Um deles era bem reservado. Contava estórias frequentemente e ria mais que o ouvinte. Ele passou a reunir uma espécie de dossiê com as histórias dos transgressores como fotos e matérias de jornais, revistas ou outro meio. Era uma obsessão. Um dia foi feito ‘iufem’. Já tinha predisposição a problemas com depressão, essas coisas. Tomava remédio controlado. Afastou-se por falta de condições psicológicas para a atividade.”

Ameaças são tão frequentes no labor de um ‘Diute’ que chegam a ficar banais. Não que não sejam sérias e que não devam ser coibidas. É que acontece demais. Daí ser perfeitamente plausível que um ‘Diute’ porte um equipamento letal.

“Quatro transgressores me ameaçaram. Em menos de dois anos três deles tiveram suas vidas ceifadas em tensões ou em saídas ilícitas para fora do campo de força. Quando eles o fizeram foi preciso encará-los e mandar na mesma linguagem suas ‘promessas’. Só assim se fica claro que ao entrar num local daquele não se pode ter ‘muan’.”

“Um dia o ‘Diute’ assume o labor, veste o velho e único manto sobre uma camisa vermelha que usava em conjunto com uma calça blue jeans e um par de tênis branco. Às oito horas libera os transgressores para o pequeno pátio, enquanto, sozinho, com as chaves do local no bolso direito da calça jeans, cinco trancadores na mão esquerda, segue para o portão de saída em direção ao setor administrativo. ‘Ei seu ‘Diute’!’ Um dos internos lhe chama a atenção e solicita que logo que possa, retorne para as salas dos transgressores, pois, precisa perguntar-lhe algo.

Ele cruza o portão, segue em direção ao aposento onde guarda os trancadores e, após avisar aos Fardados que permaneciam na antessala, retorna ao pátio interno. O interno que o chamou pede para que ele vá para a sala de letra “E”, pois alguns outros transgressores precisavam lhe falar.

O costume pode ser prejudicial às vezes! Foi o que ele aprendeu naquele dia. Acostumado à rotina de estar entre os transgressores e locais grandes, foi até ao destino indicado e entrou. Lá o aguardavam seis transgressores – a cela era composta de um pequeno banheiro ao fundo e quatro camas de alvenaria ligadas ao piso e encostadas em cada parede da pequena sala. Logo que entrou, cinco dos seis ficaram de pé sobre as camas enquanto o sexto, uma espécie de líder, permaneceu no estreito corredor que ligava o espaço da sala à grade.

Estranhando o comportamento daqueles internos, sentiu um frio percorrer sua coluna vertebral do pescoço aos calcanhares. Procurando demonstrar tranquilidade, perguntou se tudo ia bem, momento em que foi interrompido pelo ‘líder’ que permanecera no corredor.

Ao ver-se cercado com um leve reflexo girou a cabeça e olhou para o portão de saída da sala. ‘Não adianta!’ Asseverou o transgressor completando com a seguinte frase: ‘Você só vai sair daqui depois de disputar comigo!’. O portão da sala que estava a menos de um metro, naquele instante pareceu ficar a quilômetros de distância.

Olhando para os demais transgressores que se mantinham sobre as camas tentou, verbalizando, desestimular aquela intenção de lutar, mas foi em vão. O transgressor se projetou com um salto sobre o ‘Diote’ e lançou-lhe contra a parede; este se utilizando das experiências de briga de rua e um pouco de treinamento que teve de artes marciais quando adolescente – pois em relação ao Ateneu, a defesa pessoal que o ensinaram era uma piada de mau gosto – seguiu no embate, ao mesmo tempo que se preocupava com os demais que permaneciam em volta.

Poucos segundos de agarrões e empurrões, o ‘Diote’ consegue girar entorno de si, momento em que agarrando nos testículos de seu adversário, lança-se ao solo com ele e em outro rápido movimento aplica-lhe um golpe de estrangulamento em seu pescoço. O transgressor resolve render-se! O vitorioso então se levanta e estende a mão ao interno e o levanta também, os demais apenas sorriem e aplaudem dizendo: ‘O negão tem força!’.

Diante dos pequenos hematomas e arranhões no corpo de ambos avisa que não há assistência médica. O transgressor vira-se e busca uma bolsa com seus pertences e dela retira um desodorante líquido, derrama sobre seus machucados e depois oferece ao ‘Diote’, que, trêmulo, estende novamente a mão para receber a assistência cortês. Todos o acompanharam até fora do pátio e lhe ofereceram as mãos em cumprimento, apertando-lhe e dizendo: ‘Valeu seu ‘Diote’’.

Resolveu não sugerir aplicação de punição para os transgressores, e tudo voltou ao velho conceito de normalidade naquele ambiente.

Aquela luta – apesar de não querer mais vivenciar outra situação sequer semelhante – como no mundo animal, nas tribos de povos indígenas ou nos tempos mais remotos da humanidade, estabeleceu intrinsecamente um vínculo de cordialidade e respeito entre os transgressores e o ‘Diote’. O Servidor não entendeu naquele contexto o desafio do transgressor para uma luta corporal,

mas comprovou seus efeitos no comportamento respeitoso e cordial de todos os demais do local durante todos os quatro anos seguidos em que labutou ali. Recordou do seu tempo de adolescência onde, no bairro em que morava, amigos entravam em combate corporal para estabelecer quem era o mais forte e, talvez, fosse aquele o mesmo caso, uma vez que aqueles internos tinham, em média, vinte anos de idade.”\*\*\*

“Havia um ‘Diute’, o dromedário, que me chamava para ‘explicar’ técnicas de como dar uma lição sem deixar vestígio, diferente de um Fardado que, pelo contrário, gostava de dar lições em áreas vitais do corpo.

O dromedário era frio, exibia até uma certa elegância, postura ereta sempre, voz entonada, firme. Apesar da pose não dava lições em transgressor indiscriminadamente. Criterioso, só dava lições em quem ‘merecia’. Ao entrar na ‘ied’ para fechar as salas, como de costume, os transgressores ficavam circulando. Quando se zangava ele olhava para eles e dizia: ‘Entre na sala cérebro de piolho embriagado’. Eles entravam.”

“Um ‘Diute’, o Natal, depois de fechar todas as salas de uma ‘ied’ voltava cantando: O bem vence o mal, espanta o temporal. Azul, amarelo, tudo é muito belo.”

Outro dia ele conduziu um transgressor para ser identificado na instituição. Perguntado sobre onde morava o transgressor respondeu: ‘Numa casa.’ O ‘Diute’ o deslocou da cadeira e ele ao ser mandado levantar sentou novamente, enquanto foi pedido para o interrogador: ‘Pergunte novamente’. Ele perguntou e desta vez o transgressor deu o nome da rua, número, bairro, cidade, estado. Quase descreveu a fachada do local onde morava.”

“As imediações de um local de transgressores começou a ser povoado. Barracas eram construídas. Casa de alvenaria. Crescia rápido. Logo se viu que o acampamento naquela proximidade tinha um objetivo. Passagens subterrâneas visando promover a saída ilícita de pessoas de lá, começaram a ser descobertos. Autoridades foram acionadas até que o acampamento foi desfeito.

Nisso, noutro local, logo se iniciou outro bivaque. Os ‘Diutey’, preocupados, por iniciativa própria foram lá à noite e destruíram as estruturas rudimentares. Muito esforço, mas o fizeram. Não havia ninguém morando lá ainda. Tinha que ser naquele dia.”

“Um ‘Diute’, o Obelix, tinha perdido os pais. No labor, um transgressor se dirigiu a seu colega preocupado: ‘Seu ‘Diute’. É o seu Obelix!’. ‘Que foi?’ Perguntou. ‘Vá ali ver.’ Chegando lá viu o Obelix aos prantos por causa das perdas na família e um transgressor consolando-o, pedindo calma. Cena no mínimo inusitada.

O Obelix tinha uns problemas de saúde e quando ele estava labutando sozinho, costumava chamar um transgressor para dormir no mesmo aposento porque se passasse mal sua companhia poderia ajudar.

Um dia um transgressor temerário estava doente. Obelix chamou um outro transgressor – este era alto e forte – dizendo: ‘Vamos para o hospital’. O transgressor disse: ‘Mas eu não estou doente’. Obelix retrucou: ‘Mas agora está. É porque o temerário ali está doente e se ele tentar escapar tu pega ele’. Saíram os três para a consulta. Tudo correu bem.”

“Houve Servidor que entrou num ciclo de impetuosidade tal que labutou com ela, viveu com ela fora do labor e morreu com ela dentro de um local para transgressores.”

“Um determinado ‘Diute’ gostava muito de tomar umas e outras. Reza a lenda

que um dia ele deu uma saída do local de transgressores, numa cidade pequena, e quando voltou abriu a grade de acesso ao pátio. Armou uma rede e deitou-se onde dormiu aos roncões. Os transgressores viram aquilo, podiam sair sem resistência mas fizeram a seguinte reflexão: ‘Não vamos sair não, porque isso só pode ser uma armadilha. Lá fora deve está cheio de Fardado para fuzilar a gente.’ E assim o tempo passou, o ‘Diuote’ acordou e ninguém saiu.”

“Um dia uma ‘Diuote’ chegou no gabinete de um gestor, se dirigiu a um colega que labutava no local e disse: ‘Fulano, eu acho que vou chorar!.’ O atendente olhou para ela e disse: ‘Pois chore.’ Ela desabou num choro como se estivesse só esperando o pedido. As pessoas da sala entreolharam-se, ela saiu e o riso foi inevitável.”

“Na Administração uns boatos. Um ‘Diuote’ foi flagrado entregando uma grande quantidade de psicotrópicos a um transgressor. Abordado e conduzido ao gabinete do responsável local, o qual já não tinha simpatia por ‘Diuote’, foi grilhetado e execrado. Cabeça baixa e sem argumentos, foi levado para os procedimentos legais. Cena inesquecível.”

“O primeiro responsável do local, não se sabendo de onde saiu a ideia, deu o apelido de ‘xoxota’ a um transgressor de bigode avantajado. Um dia este foi conduzido à sala da Defensora. Esta perguntou seu nome. Ele respondeu. Então logo depois ela interrogou sua alcunha. Ele baixou a cabeça e ficou calado. Ela perguntou novamente e ele baixava e virava a cabeça. Então ela insistiu até que ele disse: “Tenho sim Senhora. É xoxota.” Ela então suspirou: ‘Aahh, entendi.’ E a conversa continuou.”

“No final da tarde, depois de fechar as salas, ‘Diuotey’ e Fardados se reuniam na ‘Iediorcxn’. Televisão ligada, mas as conversas paralelas eram muitas. Num dia desses um Fardado de patente baixa que organizava um pequeno grupo de colegas, afirmou: ‘Rapaz, se um dia eu sair ou for expulso deste labor eu vou morrer de fome, porque eu não sei fazer porra nenhuma. Nada mesmo.’

Havia outro Fardado da mesma patente do que não sabia fazer nada, que não podia ver uma mulher muito bonita na televisão que dizia bem alto: ‘Essa mulher aí mijá água de coco, caga doce de leite e peida bom ar.’ Maneira muito peculiar de descrever uma bela mulher.”

“Um Fardado líder dos seus pares era conhecido pelas atitudes duras, firmes e insensíveis. Certa vez chegou aos seus ouvidos o boato de que ele não tinha coração. Aproveitou quando o grupo estava perfilado para os rituais diários e se pronunciou: ‘Andam dizendo que eu não tenho coração. Coração?!’ Pegou uma pedra que havia por perto e mostrou-a afirmando: ‘Tá aqui meu coração!’. A rádio peão não perdoa e logo ele era conhecido por ‘assusta bebê’.”

“Passagem de ano. Internos de uma ‘ied’ se recusam a entrar nas salas. O Fardado que dava apoio tomou a iniciativa e gritou: ‘Ah, não querem entrar? Espera aí’. Apontou um equipamento letal de médio porte numa coluna e disparou. Poeira cobriu tudo. Quando ela baixou não tinha um sequer no corredor.”

“Um ‘Diuote’, responsável por um valor em dinheiro – que sempre foi pouco e frequentemente diminuem o valor – disponibilizado pela Central para a manutenção do prédio, quando era abordado por alguém descrevendo o material necessário pra ele adquirir, só respondia: ‘Óh o doooidooo!’ Expressão que significava a impossibilidade da administração arcar com aquela despesa. Dialeto próprio.”

“Outro dia, no banheiro, dois Fardados conversavam: ‘Cara, acho que vou fazer um pacto com o diabo. Tudo que ganho vai embora rapidinho. Parece que é amaldiçoado.’ Seu colega

respondeu: ‘Cara, acho que pacto com o diabo não dá certo não. Se com Deus é difícil que só uma porra, imagine com o Diabo.’ E assim pareceram concordar em ficar com Deus mesmo.”

“Um transgressor soube que um colega estava escavando para fora do local e como se tratava de um desafeto, conseguiu localizar onde a escavação estava – uma área de terreno húmido. Começou a pular em cima do local até que arriou tudo. Conseguiram tirar o que estava embaixo pelas pernas, já sem vida.”

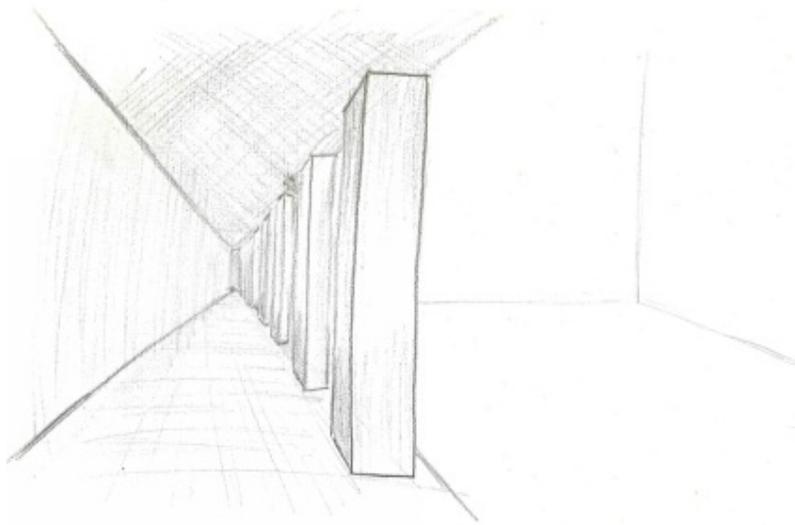
“Soube-se que um transgressor acertou com outro uma cópula entre os dois. O primeiro foi e depois que o segundo se posicionou, antes de se consumir o fato, virou-se, encarou o colega e disse: ‘Olha, estamos fazendo isso aqui, mas quero dizer que você tá comendo é um homem, viu?’ O outro assentiu e tudo continuou normalmente.”

“Um transgressor ao sair da punição interna é perguntado como ele está e responde: ‘Rapaz, ali é onde o filho chora e a mãe não vê’.”

“Um transgressor costumava comentar com os ‘Diutey’: ‘O governo me colocou aqui pra tirar umas férias. Depois vem um papel e saio. Quando eu cansar de novo, eu volto para tirar mais umas férias por aqui.’”

“Final da tarde. Os ‘Diutey’ trancavam as salas. Na ‘Iediorcxn’ deu para ouvir umas vozes que se aproximavam. Quando se verificou vinha um transgressor carregando no ombro um colega de sala e acompanhado de um terceiro. Corredor longo, quando eles chegaram a uns vinte metros da grade simplesmente o que carregava o colega caiu, com o outro por cima dele, e começou a se tremer. Percebeu-se que os dois tremiam. O que estava acompanhando teve que conduzir um a um ao pé da grade. O ‘Diute’ olhou pra ele e perguntou. ‘Tu também é epilético?’ Ele disse que não. O ‘Diute’, impressionado com a cena, vociferou. ‘Tu é muito filho da p... Como é que tu deixa um doente carregar outro?’ Mandou-o retornar à sua sala e grilhetou os dois na grade. Nesse caso eles podem acordar desorientados e empreender uma corrida o que, naquele lugar, o risco de ser alvejado por alguém desavisado da situação era grande.”

“A Xuxa era uma senhora com mais de sessenta anos que percorria os mais diversos setores daquele lugar. De manhã chegava com uma sacola vazia. Entrava nas ‘iedy’, fazia uma caridade íntima e ia recolhendo o pagamento. Chegava à grade de acesso e pedia: ‘Seu ‘Diute’ me deixa entrar aí.’ O Servidor perguntava: ‘Qual o parente você tem aqui?’ Ela respondia que era filho, irmão e outros. Questionada se a família toda dela estava por lá ela dava um sorriso amarelo e entrava. Caso não fosse autorizada, baixava a cabeça e continuava sua tarefa. Final do dia ela saía com a sacolinha cheia de mantimentos. A feira estava garantida.”



# SOBRENATURAL

---

Aquele lugar era um planeta bem diferente. A nave fazia a viagem. Introduzia-os. O manto que os identificavam como presença do Estado, funcionava também como uma roupa especial que garantisse as características do mundo de origem. Naquele manto estavam o oxigênio, as ferramentas para agir, os valores que regem a convivência humana, destacando-se a Justiça. As condições de labor não permitem que esta chegue aos transgressores.

Ao entrar naquele mundo tão próximo da Terra, ficava-se flutuando na incerteza, na relatividade de tudo, na acentuação das exceções às regras, na gama de riscos, na escuridão, tanto por falta de conhecimento daquela área como no sentido do clima tenso. É como se sempre se estivesse esperando que algo grave acontecesse. Uma mistura de ansiedade, expectativa, misturadas com a certeza de que viria. O pior nisso tudo é que se estava certo ao perceber tal sentimento. A realidade provava ser real a possibilidade do pior. A questão era como e quando iria ser a próxima vez.

O Servidor vetusto, conhecido por ‘Imperador’, querendo sugestionar os neófitos, estudando suas reações, querendo subsumir ‘muan’, falava da aparição de uma velhinha andando entre as colunas de sustentação dos prédios nas noites e madrugadas dali.

Incontáveis noites e madrugadas presente numa das áreas gradeadas existentes em cada andar e ouvindo a música “Eu vou pedir a lua” cantada por um artista lá da Terra: Borba de Paula. Foram centenas, talvez milhares de vezes ouvindo-a, fumaça e, depois, o silêncio. Dias de visitação têm uma noite mais tranquila. Eles estavam ligados, mas sem nóia. Imaginava quantas cenas bestiais, cruéis, aquelas paredes testemunharam; quantos foram suicidados ali. Desde a mais simples armadilha à consumação da eliminação de várias pessoas ao mesmo tempo.

A velhinha não aparecia naquela cova onde quem conseguia sair se sentia como um ressuscitado. As muitas áreas escuras eram sérias candidatas para agirem em conluio com as possíveis visões ou aparições. Não vinham. Nenhum lugar seria tão propício para “abrigar” seres amarrados àquele mundo sombrio, seres insatisfeitos, querendo vingança por tudo, seres que teriam prazer em infligir pavor a quem ali ousasse ficar.

Prevaleceu a máxima: “deve-se ter ‘muan’ dos vivos e não dos que partiram. Não importa quem foram, o que foram. A velhinha, se tiver existido, nunca buscou vingança, estava em paz.

# CONTROLE

---

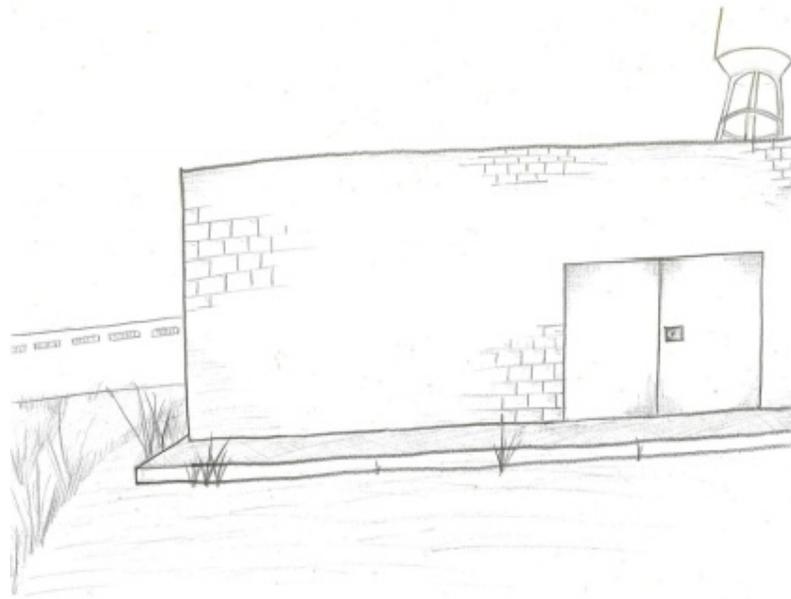
Como num jogo de gato e rato a movimentação dentro do local sempre está em jogo. É um processo progressivo sempre iniciado com Estado fechando tudo. O tempo vai passando e os transgressores vão “conquistando” espaço. Solta na ‘ied’, solta no andar, solta no prédio, vão depredando até que um dia não dá mais para fechar de novo, a não ser com reforma e mais pessoal. Chega uma turma nova de ‘Diutey’, fecha tudo e assim sucessivamente sem cessar.

O controle do Estado torna possível que o ‘Diute’ seja a mola mestra do local. Exerce-se ali a missão de caráter interno do profissional. Progressivamente, à medida que se vai passando o controle para os transgressores a missão interna vai deixando de ser cumprida e o ‘Diute’ só pode cumprir com o caráter externo da sua missão. Um reducionismo perigoso.

Eles controlando, prevalecem suas próprias leis no local. O transgressor tem que está bem com os que mandam para obter o mínimo em tudo. Fortalecem-se bandos. O duro castigo é usado indiscriminadamente e a quem “pisar na bola”, enfim, é o ambiente perfeito para se reproduzir os ilícitos que os levaram para lá.

Ficando apenas na grade principal de acesso e entrando só mediante reforço jamais se realizará o objetivo da punição. Se estão ali para a disciplina, ordem e ter condições de retornarem às suas casas, como o farão se são submetidos ali às leis paralelas que os levaram ao ilícito?

Há quem considere que o transgressor fora da sala está na Fase Aberto. Não é verdade. Estão como internos e fechados do mesmo jeito. O controle é que está invertido. E essa inversão não é boa sequer para o transgressor, haja vista que um pequeno grupo de mandões prevalecerá sobre o interesse dos que querem apenas cumprir sua punição. A força será usada de forma cruel, obrigando a massa a continuar no ilícito.



# ‘MUAN’

---

“Um amigo, de antes de ser ‘Diute’, com quem andava frequentemente, ao ser perguntado por alguém da Terra sobre onde eu estava, ele dizia: ‘Tá numa ‘Puortencgdiix’’. A pessoa ficava perplexa e com ar de quem não acreditava indagava: ‘O que ele fez?!?!?’ O amigo respondia: ‘Um concurso ora’.” Risadas. E a pessoa bem aliviada comentava: ‘Ah, sim. Pensei que ele tinha feito algo grave.’ Este amigo mesmo foi desencorajado pelos pais, salvo engano, para não fazer o tal Concurso. Todos lá tiveram ‘muan’.”

Perguntam como é lá dentro. Respondem que lá não é o inferno que imaginam (será?), mas com certeza lá não é o céu. É aquela história de que as expectativas sobre o local são sempre as piores possíveis. Portanto, quem acessa o local pode até se surpreender quando vê uma cidade onde todas as características de uma convivência entre pessoas estão presentes. Não há dúvida de que a força é o referencial. Acusa-se o Estado de usá-la arbitrariamente, porém a questão num lugar desses é quem vai usá-la. Se um lado não usa o outro com certeza o fará. É fato.

O que há de mais moderno hoje na área de proteção é o chamado Uso Progressivo da Força. O conceito é uma recomendação importante nas ações. Assim se pode obter um melhor resultado sem o risco de abusos. Acontece que o outro lado não tem preocupação com isto. Os transgressores quando têm o controle usam de uma força desproporcional. Toda vez que acontecem tensões, cenas que ultrapassam o absurdo são sempre recorrentes. A quem consideram desafetos são dispensados os piores tratamentos. Não se contentam com a “punição” de forma comedida. Mergulham logo nos limites das possibilidades de fazerem o pior.

Então a pergunta recorrente é: “E você não tem ‘muan’?. A melhor resposta é de que se alguém entrar nesse lugar com ‘muan’ será esmagado, portanto não deverá sequer fazê-lo. Deve-se entrar sem muita expectativa. O transgressor suspira: “Seu ‘Diute, ajuda o irmãozinho que está confinado.” O ‘Diute’ meio que irônico, mas sem mentir, responde: “Eu também estou. Só estamos em fases diferentes”. O riso amarelo do transgressor revela que com aquele ali não dá pra contar para o proibido. A ajuda que ele queria era lícita, mas logo se tornaria ilícita. Uma espécie de tudo ou nada.

“Um dia tive um pouco de ‘muan’. Surpreendente, mas foi. A ideia sempre foi a de que ao entrar tudo poderia acontecer. Apesar de que não era algo com que se determinava a pensar. Era uma espécie de certeza. Inclusive isso era dito a alguns transgressores quando era abordado.

Bem, foi um dia, por volta das 04:30h., que, dormindo, acordei com um barulho alto, forte cadenciado. Acordado no susto o ‘muan’ chegou, porém logo percebi que eram Fardados que entravam marchando para o interior do local, certamente pra inspeção ‘surpresa’.

Nem no dia em que os transgressores ficaram balançando as grades de todas as salas dos prédios não veio ‘muan’. Talvez pela presença dos Fardados de reforço o sentimento eram mais de adrenalina do que ‘muan’. Estava mais para gritar, “Iuurrrúú!!!”, do que para correr.”

Seria leviano afirmar que o ‘muan’ nunca apareça na atividade de um ‘Diute’. Muitos são os casos em que tiveram de correr literalmente para se desvencilhar do perigo. Chinelas, sapatos voam. Quanto mais se corre mais se quer correr. A ousadia dos transgressores é imensamente desproporcional ao infeliz comportamento daqueles ‘Diutey’ que consideram nunca ocorrer nada grave.

É óbvio que quando algum ‘Diute’ é ‘iufem’ ele inevitavelmente se instala. São

pessoas que com toda sua importância para a comunidade e suas famílias, tem seus desejos de vida em abundância, de querer viver. Estando isto em risco é inevitável a presença do ‘muan’.

Um fato curioso nesta questão é que num local tão cheio de reboliços e vários ‘Diuotey’, as coincidências são logo jocosamente interpretadas pelo âmbito da sorte ou azar. Aconteceu que um ‘Diuote’ foi feito ‘iufem’ por três vezes. Três tensões onde os transgressores visavam ultrapassar o campo de força. Lógico que o Servidor ficou traumatizado e se afastou de suas atividades por falta de condições de continuar. Passado alguns anos os comentários foram de que era muito azar dele. Um dia ele voltou ao labor e os colegas, sem rejeitá-lo, é claro, diziam: “Comigo você não labuta. Três vezes cara. Você já tem é tendência”. E até ele ria da sua própria tragédia.

Alguns ‘Diuotey’ foram ‘iufeoy’. Não existe experiência mais complicada. Um dia dois foram pegos. Estabelecem-se a conversa com a equipe do Estado. Mas, incrivelmente, nesta havia quem não se preocupasse com a integridade física dos mesmos. Progressiva e lentamente aplicaram atos cruéis. Um ‘Diuote’ não disfarçava o pânico e insistentemente falava em sair dali. Era maltratado. Depois de muito tempo ele foi liberado com o rosto muito inchado, chorando e apoiado nos braços de colegas. O outro, mais calmo tentou ajudar na conversa dos amotinados com a equipe do Estado. Mesmo assim saiu com vários furos acima do calcanhar, isto porque uma mente doentia quis fazer na prática a cena de um filme de ação que tinha visto.

Acredite. Palavras nunca serão capazes de descrever com exatidão uma experiência dessas.

Quais proventos, qual gratificação merece quem pode passar por isto? Não que se receba para se vivenciar isto, mas o potencial de risco deve nos remeter a um valor: o imensurável.

Toda cidade tem um local menor para transgressores. Pequena, superlotada, transgressores de menor potencial ameaçador e quando se revelam como temerários são deslocados para um lugar maior onde vai ter que dançar de acordo com a música. Dança esdrúxula que não se quer dançar. Portanto, melhor se aquietar por ali mesmo. Mesmo assim os problemas estão sempre aparecendo.

Circundada pelos parentes dos internos. Liga-se para a gestão e minutos depois a pessoa já está no portão. A ação da Justiça parece mais envolvida emocionalmente. Um malfeito acontece, todos sabem que foi filho de fulano que atingiu o filho de ciclano, o homem do mercadinho ou o filho da comadre. O vociferar da comunidade parece permanecer alto nos ouvidos das Autoridades, durante e mesmo depois da punição. Desdém ao direito e benefícios ao transgressor. Má vontade quando alguém é autor de um malfeito contra vítima conhecida de pessoa que labuta em instâncias importantes na cidade. Acontece.

É comum que vários dos transgressores em fase da punição em semiaberto, designados a se apresentarem nos locais de transgressores para permanência nos finais de semana, chegam embriagados e “ligados”. Muitos sequer se apresentam. Muitas vezes passam descaradamente de frente ao local nos seus afazeres da semana e não se apresentam quando necessário. A autoridade responsável, quando se zanga, manda voltá-los para ficar permanente mais uma vez. Lamentam. A família chora. Mas fazer o que. Cabeças duras e inconsequentes só colhem mais problemas.

Fardados querem mandar, se intrometer em tudo. Acham-se os no direito de controlar. A gestão do lugar é dos ‘Diutey’, mas não respeitam. Se discordam de alguma ação do gestor buscam instâncias superiores a eles para reclamarem. Esperneiam. Quando veem que não é da alçada deles as atribuições reclamadas, ficam chateados, questionando pequenos “erros” com os quais convivem há muito tempo e não vindicavam antes. Julga o comportamento do outro quando fazem muitas vezes pior. As pessoas vão mudando até que a normalidade retorne.

A estrutura nunca é pensada para as muitas possibilidades da vida real. Não há onde colocar transgressoras, isolar transgressores da vida doméstica, nem local para os da fase semiaberto. Fazem gambiarras visando atender aquela demanda por um tempo. Quando a vida corre risco real, simplesmente deslocam para os lugares maiores, longe de tudo e de todos.

Muitas não têm sequer um veículo. É comum a procissão – um ‘Diute’ com um ou mais transgressores andando pelas ruas da comunidade para ir a um hospital, ao Judiciário, ao Posto de Saúde... Seria hilário se não fosse trágico.

Quando Servidores e até transgressores chegam ao ponto de tirar dinheiro do bolso para comprar material de expediente e de limpeza, adquirir e consertar equipamentos...

# FASES

---

Transgressão grave. Repercussão na mídia. Comoção nacional. Revolta. Multidões xingando o autor por onde ele passa. Julgamento infundável que resulta em cento e vinte anos de punição. Considerando que nossa Carta Magna determina que qualquer pessoa só poderá passar, no máximo, trinta anos num local de transgressores, qual o sentido daquela punição?

Tem tudo a ver. E tem a ver também com a aquela história de uma pessoa receber uma punição de seis anos e com um ano ela pode está andando pelas ruas novamente.

Punição estabelecida. Começa seu cumprimento. A administração da Justiça, feita pelo Poder Judiciário, acompanha esse cumprimento, a partir da ação de Defensores e pode aplicar três fases: fechado, semiaberto e aberto.

Em linhas gerais se o malfeito tiver sido abominável, a partir do cumprimento de dois quintos da punição ele pode ser beneficiado com uma fase mais branda na punição, ou seja, se pegou dez anos pode mudar de fase com quatro anos. Se tiver cometido o malfeito por duas ou mais vezes, só pode mudar de fase com três quintos da punição. Já quando o malfeito é considerado de menor potencial ofensivo, comum, usa-se a fração de um sexto como cálculo dessa possibilidade, ou seja, se a punição for de seis anos, cumprindo o primeiro ano poderá passar para a fase menos dura. Ressalte-se aqui que isso é uma possibilidade e não uma obrigação da Justiça em concedê-lo, porém a massa de transgressores é tão grande que lida-se com isso como algo meio que rotineiro. Quando uma Autoridade do Judiciário entra num local de transgressores, são frequentemente abordados por pessoas alegando que passaram do tempo de estarem ali. É verdade e não é. Provavelmente cumpriram os requisitos objetivos e poderiam está na fase mais branda. Caso seja negada a mudança de fase, não há erro na aplicação da punição. A não ser que, como acontece esporadicamente, uma pessoa fique naqueles lugares a mais tempo do que a punição total que lhe foi atribuída. Situação passível de ação contra o Estado. O beneficiário faz jus ao pedido mediante comprovado bom comportamento onde cumpre a punição, manifestação das Autoridades envolvidas entendendo pela concessão da mudança.

Entenda-se que o beneficiado não está livre judicialmente. Ele permanece cumprindo a punição, desta vez sob as condições estabelecidas pela Justiça. Se não as atender, a mudança de fase desta vez será para a mais dura.

A sociedade vê isso como um paradoxo. Se foi punido com cinco anos, que passem os tais cinco anos por lá. Porém, o cumprimento da punição tem como objetivo a mudança de comportamento, e condições para o retorno do mesmo, fins de que não cometam mais malfeitos. A mudança de fase funciona como que um voto progressivo de confiança a quem merece. Por isto quando se repete um malfeito, as condições são mais severas para qualquer benefício.

Quanto ao caso dos cento e vinte anos de punição, entende-se agora que o objetivo da Justiça é dar um recado para a sociedade: este vai ficar o máximo possível retirado da comunidade. Mesmo que se aplique a fração de um sexto, ele passaria vinte anos ausente. Porém, como uma punição dessas nunca é aplicada a um malfeito comum, somente aos abomináveis, a fração seria de dois quintos, o que dá um período de quarenta e oito anos de cumprimento necessário para a primeira mudança de fase. Em resumo a punição máxima do país – trinta anos, pela Carta Magna – está garantida.

Um morador de uma pequena cidade gostava muito de Raul Seixas. Seu vizinho não. Um dia os dois estavam conversando na calçada e o som do Raul tocando dentro de casa. De repente, saiu a palavra “diabo” numa música e o vizinho, que nem estava prestando atenção na canção, ao ouvir aquilo foi logo acusando: “Está vendo aí? Falou em diabo ali na música. Rapaz, isso não presta não...” O fã o interrompeu pedindo mais cuidado ao julgar o gosto alheio. Ele sequer estava ouvindo a música e não podia qualificar ou desqualificar toda a obra do artista em função de uma palavra que sequer ele não sabia o contexto em que foi colocada.

Você está no seu escritório. Chega a analista de recursos humanos e pergunta: “Senhor, há entre os candidatos à vaga uma pessoa com condições de assumi-la que já esteve num local para transgressores. Precisa muito do emprego. O que faço?” O que você faria se fosse questionado por alguém com esse histórico pedindo um emprego?

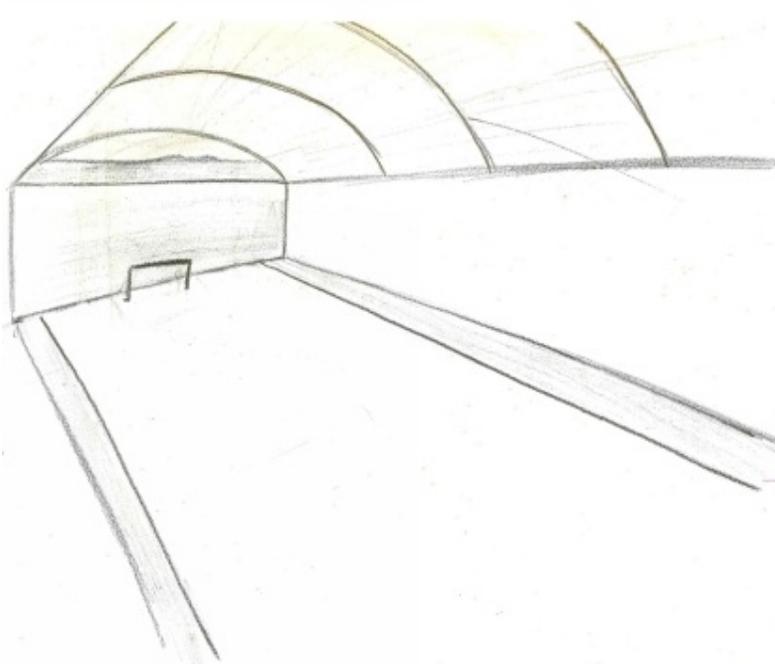
Sempre há um departamento destinado a esse pessoal que saiu da punição. Chega o dia de sair, ou ainda no local e estão exercendo alguma atividade laboral. Aos que labutam, quando chega o dia de sair significa ficar desempregado. Muitos esforços são envidados no sentido de se buscar uma locação para ele. Mas o mundo que deseja sua inexistência poucas vezes permitirá que essa pessoa seja escolhido a uma vaga formal em detrimento de tantos que não tiveram que pagar nada à Justiça e também precisam do sustento, sob o risco de se criar mais um “fora da Lei”. Os rigorosos ainda ironizam: “Leva pra tua casa”.

Não é fácil. Até entende-se os argumentos, haja vista que somos jogados a nos digladiarmos pelas míseras migalhas que os poderosos deixam cair às massas. Mas está na pele de quem é o preterido e na de quem labuta para colaborar de alguma forma nessa situação não é nada bom. As consequências vêm. O preço é alto, mas continuamos a pagá-lo.

Um ‘Diuote’ envolvido no movimento de agremiação costumava dizer: “Olha, sabe como a elite deste país nos trata como povo? É como um domador de cavalos faz para amansar animal selvagem. Captura-o. Deixa-o num cercado por dias sem comer, nem beber. Após algum tempo ele vai à porteira, abre-a e segura nas mãos um vasilhame com água. O bicho tem que ir lá, beber na mão dele. Na primeira o animal dá uns pulos e não se aproxima. Na segunda vez, ele já esgotado, se aproxima ao longe, com o lábio esticado para beber. Três goles depois o domador joga a água no chão. Ele fica lambendo. Mas ainda com sede. Noutro dia ele leva a água nas mãos e logo o animal, vencido, está bebendo em suas mãos. Depois leva a comida. Mesmo processo. É questão e tempo para comer e beber em suas mãos. Monta e doma”.

Cruel.

Quem sai daquele lugar carrega o estigma. Um agravante para sobreviver nos eternos ciclos de crise do capitalismo. Vai precisar, no mínimo, de mudança de postura, de hábitos de companhias, a volição é fundamental. É como tratamento contra o vício. E ainda estar preparado para os inúmeros “nãos” que receberá. Enfim, é mais difícil do que para os outros. É a punição social eterna por ter cumprido uma punição legal com prazo definido.



# O TEMPO

---

Ali o tempo é implacável. Lento para os internos, relativamente lento para os ‘Dioutey’, lépido para os funcionários, sejam da administração local como para os que administram a Justiça.

Um documento pode passar meses para tramitar. Projetos levam meses ou anos para as primeiras iniciativas. Quem está na gestão está sempre tão atarefado que se vê no risco de só “apagar incêndio”. Fica difícil sentar para planejar, criar soluções e pensar na gestão dez ou vinte anos à frente. Não se tem tempo por estar super ocupado e não se tem tempo porque o tempo está passando (a gestão). É só atendendo urgência ao ponto de tudo ser urgente, dificultando a classificação dos assuntos. Tudo é prioridade.

Diante dessa realidade, outro dia uma pessoa do Judiciário reclamou de uma demanda não atendida, qualificando o fato como inércia administrativa. Foi necessário informar à peticionante que não havia tempo para inércia naquele lugar.

A regra geral é que os Servidores estão ali só enquanto conseguem algo melhor. Implacavelmente o tempo passa. Esse melhor não chega. Vai se acomodando por ali. De repente são vinte anos de estrada. Aquele e aquela jovem que chegou para labutar agora é um senhor, uma senhora que jamais imaginou conhecer aquele mundo e suas peripécias. Muito menos trabalhar ali.

# PERPÉTUA

---

A pessoa tem uma vida normal. Gosta de uns pileques. Labuta. Ajuda as pessoas. Todos o têm como legal, talvez excêntrico, nada demais.

Um dia ele chega e extermina o pai, a mãe, os irmãos, parentes, visitas, até que é dominado.

Perpétua. Abominado pela família e pela comunidade. Pega perpétua. Enquanto alguém de Direito não disser que ele pode voltar, não volta. Às vezes mesmo com a liberação da Autoridade, ele não volta. Não há quem o receba, não tem pra onde ir. Às vezes a família recebe um Auxílio do Governo por causa dele, mas não quer receber o parente, que pode ficar com ela, submetido a tratamento adequado. Morre no hospital ergástulo.

“Um deles batia muito a cabeça na grade, nas paredes. Imobilizado, medicado. Continuava a autoflagelação. Medicado. Ciclo sem fim. Profissionais impotentes. Faziam o que podiam. Logo sua cabeça estava muito inchada, azul, muitas marcas. Parecia o que se imagina ser um extraterrestre. Até os colegas doentes, consternados, pegavam na mão dele, caminhavam juntos. Ele já não enxergava mais. Autoflagelação. Óbito. Sentença cumprida.”

Uma pessoa muito sensível, a Portugal, optou por se aproximar dessas pessoas. Médica, adjunta, enfim Direção. Dedicou-se àquele lugar, tornou mais salubre, buscou acionar as famílias, principalmente nos casos menos graves. Mesmo com as parcas condições nas divíncias, gastando do bolso para levar o mínimo de dignidade, o número deles foi diminuindo. Como fantasmas perambulantes tiveram a presença calorosa de quem se importava. A Central em contrapartida diminuiu seus assessores e seus recursos. À Perpétua o perpétuo descaso e a quem se importa também.

Quando vistas, valorizadas mesmo quem esteja sob forte tratamento, produz, sorri, vai entendendo e pode ser cuidado inclusive no seio familiar.

Há quem defenda a exclusão total desses lugares. O que fazer aos que têm nesses locais o único que lhe restou?

# ROTINA

---

Não há dúvida de que as instituições envolvidas na custódia de transgressores têm muito labor a realizar. Demanda crescente. Recursos humanos decrescentes. Equilíbrio destruído.

A convivência com uma enorme quantidade de querelas faz com que se considere suficiente o que realizam ou “deixam” que os escândalos agendem ações mais aparentes, tornando o famoso vício de apagar incêndios, realidade.

O legislador achava que quando uma pessoa era capturada, depois de punida ficaria boazinha, se arrependia. Hoje se sabe que nos locais de transgressores está a oportunidade de se “qualificar” para o malfeito. A tecnologia revolucionou a comunicação entre as pessoas e não é diferente para eles.

A mesma sociedade que quer o transgressor “bonzinho” nunca lhe dá chance ao sair da punição. O ciclo se forma e todos perdem.

Iniciativas boas sempre surgem, porém, a sensação de se estar enxugando gelo é inevitável. Este tema é muito complicado para respostas simples. Uma frente de ações, que envolvem desde a participação da comunidade até o sério engajamento das gestões em todos os níveis, é necessária para a obtenção de resultados permanentes e eficazes.

# A PROSTITUTA DAS PROVAS

---

Facilmente se encontram “inocentes” num local de transgressores. Para eles não existe o fato. Existe uma versão dele. Adicionada, seja por arrependimento ou pelo mero e natural desejo de que não tivesse acontecido, de detalhes pequenos, porém sempre fazendo uma defesa de suas ações, pelo menos amenizando-as, tirando importância no julgamento alheio.

Considerando o avanço científico com relação ao debate sobre o que é a realidade, é de admirar como se pode aplicar a Justiça. Os psicólogos e neurocientistas entendem realidade como uma ilusão da mente, onde cada um tem sua descrição de realidade, portanto não há uma realidade para todos, mas uma realidade particular, a partir das próprias experiências e percepções, sendo estas influenciadas fortemente pelo otimismo que é um tipo de dispositivo falseador da realidade, mas necessário ao melhor funcionamento do cérebro. Este por sua vez tem as mesmas áreas acionadas quando se vê ou se acredita num fato. Há de se registrar aqui que tudo isto feito de forma involuntária. É a evolução dando condições para a vida. No caso do transgressor temos mais um elemento falseador dessa realidade: o intelecto. Com ele, tanto pode-se deturpar, quando o fato foi visto por outrem, como criar uma versão completamente falsa, com todos os elementos para a não culpabilidade.

Não é à toa que o Direito considera a prova testemunhal como a prostituta das provas. Se uma testemunha é suspeita imagine o próprio acusado que tem seus interesses potencializando a capacidade de mentir. O maior perdedor nisso tudo é o inocente. Por tudo o que foi dito pode-se muito facilmente cometer injustiças, haja vista que nem sempre provas materiais revelam a verdade dos fatos. Como bem diz, ou bendiz, o artista Zé Geraldo: “a força falsa de um cartão de crédito, ao invés de um fio de bigode”.

Saudades de quando a palavra era a verdade. Mas era mesmo. Obviamente que no passado sempre houve mentiras, traições e outras más condutas. Mas convenhamos que, à medida que se urbanizam as relações, generalizam-se as relações por baixo. Infelizmente.

Numa sociedade em que quando uma pessoa encontra uma grande soma em dinheiro e devolve ao legítimo dono vira manchete de jornal, exibida em rede nacional, valoriza-se uma atitude correta, mas evidenciando o ato como inacreditável e verifica-se o quanto ele está raro no cotidiano.

# EQUÍVOCOS

---

Um ‘Diote, discutindo com um gestor importante na Central sacou de um punhal. Tudo correu bem e a situação ficou na ameaça. Em vez de ajuda-lo, haja vista a flagrante falta de equilíbrio do mesmo, a gestão proibiu a entrada de todos os ‘Diotey’ na Central portando um equipamento letal.

Ele chega, é inspecionado, guarda o equipamento num armário, é cadastrado o procedimento, pega a chave do cofre, mesmo quando se vai percorrer dez metros até um setor de protocolo e entregar um documento por uma janela, portanto sem contato ou acesso físico em nenhum setor.

A atitude nivelou todos os profissionais pelo mau comportamento. Burocratizou e tornou mais indesejada a presença do Servidor no local que deveria ser seu sustentáculo e efetivou de “direito” o que já ocorria na prática: uma rejeição ao trabalhador que torna a existência daquela Pasta possível.

Incompreendido na sua própria “Casa” há que se imaginar como um grupo desses reage. Insatisfação e sensação de abandono.

Essas mesmas pessoas que assim agem se manifestam claramente como “defensoras” ou compreensivas em relação ao transgressor, o que é estranho aos olhos dos ‘Diotey’.

# SÍNDROME

---

Um dia alguém questionou as horas vividas pelos ‘Diuotey’ naqueles ambientes e conseguiram que a Justiça se pronunciasse. De vinte e quatro horas de labor (enquanto fora dali se labuta isto em três dias, o ‘Diuote’ o faz ininterruptamente. É um ciclo da vida: Vive, dorme e acorda) por setenta e duas horas de folga, em regime de serão, passaram para as mesmas vinte e quatro horas de labor, porém com noventa e seis de folga.

Cumpriu-se a Determinação. Logo muitos se manifestaram que aquilo não tinha lógica, que não ia perdurar, era um absurdo. Principalmente os vetustos no serviço tinham convicção de era algo surreal.

É a Síndrome do Escravo Satisfeito.

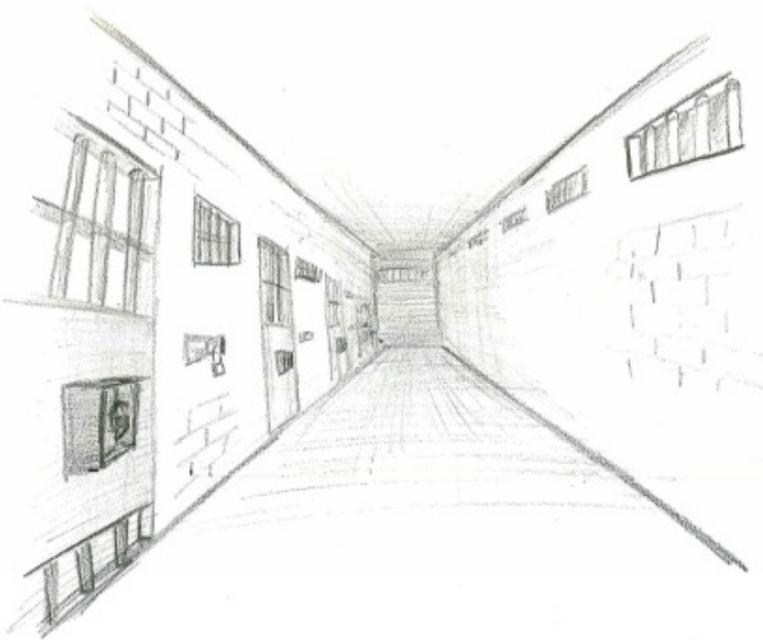
Alguém discordava do discurso e desabafava: “Porra, que mentalidade de escravo é essa? Não merecemos nada, só encarar o segundo labor mais difícil do mundo como se fosse normal?” Calavam-se. Mas não antes de sentenciarem: “Você vai ver como isso vai cair.” Não caiu. No fim as vinte e quatro por setenta e duas horas acabaram voltando, mas porque o grupo aceitou uma compensação financeira mínima, medíocre, para continuar como antes. Burrice, mas uma burrice coletiva.

Assim como o perfil do transgressor se caracteriza pelo desprezo à vida em função da banalização da impetuosidade em seu meio de origem, o ‘Diuote’, até por, muitas vezes, ser de origem humilde, os que optaram pelo bem, também não se valoriza ao se submeter, ao ficar calado e, sobretudo, em duvidar de que algo pode ser melhor, principalmente quando esse algo já é concreto, real.

Um grande mal para um profissional é ele acreditar que não merece; acreditar que nunca virão dias melhores. Ele faz o mínimo possível, não reclama das condições, não se impõe como deveria para, não forçar ninguém a nada, mas estabelecer limites nas condições de labor haja vista que as consequências poderão ser muito mais sérias e caras do que quando se protela e aceita tudo.

Um dia um ‘Diuote’, o Leão, assumiu a liderança num local pequeno para transgressores. Capacidade para vinte e cinco e tinha setenta e cinco. Diante da situação o mesmo se posicionou contra o aumento nesse número. Tal atitude fez com que a Autoridade responsável pelo lugar o chamasse para conversar. Ao chegar ao gabinete ele esclareceu a situação. A Autoridade mudou sua perplexidade por respeito dizendo: “Curioso isso tudo. Quando eu ligava para lá e perguntava se dava para receber mais transgressores, seus antecessores sempre diziam: “A senhora é que manda, sem problema, pode enviar. É a primeira vez que alguém vem e me dá um diagnóstico da situação. Muito bem.” Depois desse dia estabeleceu-se que no máximo o número de transgressores lá seria em torno de sessenta. Um absurdo ainda, mas a situação é esta. Caso contrário teria passado dos cem.

O ‘Diuote’ que tem a Síndrome do Escravo Satisfeito se vê como um mero batedor de grade, guia de transgressor, que não é nada mesmo, que ninguém vai vê-lo ou ouvi-lo, que nada muda, é assim mesmo e pronto, pensa. Ele acredita tanto que acaba agindo como tal. Não porque não se possa mudar, mas pelo fato de sua atitude omissa e irresponsável conseguir materializar suas crenças. Relapso. Numa hora crítica pode ser confundido com um transgressor haja vista sua postura, sua apresentação pessoal.



# SER OU NÃO SER

---

A Síndrome do Escravo Satisfeito tem sentido em existir. A função de ‘Diuote’ simplesmente não é citada na Carta Magna do país como uma profissão da área de proteção. Também não diz que não o é. O Fardado captura, a Força Civil investiga e pronto, está tudo resolvido. E como num passe de mágica o transgressor some e depois reaparece como se isto fosse possível.

Não é bem assim. Logo depois de capturado, geralmente fica um longo tempo ilegalmente aos cuidados da Força Civil, até ser finalmente conduzido ao local próprio dos transgressores. A comunidade se apraz em proclamar: “O delinquente desceu!”.

Naquele lugar ele permanece até um dia voltar, anos, às vezes, muitos anos depois. Onde as coisas realmente acontecem, simplesmente não é reconhecido como área de proteção. Que adiantaria capturar, julgar e voltar imediatamente para o seio social? Não haveria punição.

Na era da comunicação quem está dando visibilidade a esta realidade são os próprios transgressores, como sempre. À medida que atingem a sociedade de onde estão, o debate surge e começa-se a entender que o ciclo de proteção só se completa com a administração da punição.

Sim, tanto quanto o Fardado ou a Força Civil, o ‘Diuote’ é fundamental na área de proteção e como tal deve ser reconhecido.

A polêmica está em que consiste esse reconhecimento. Todos concordam que ele consistiria em proventos justos, condições de labor, apoio da sociedade, formação e qualificação continuadas, promoção do lazer e da vida social.

Existem algumas propostas de mudança no reconhecimento legal dos ‘Diuotey’. Elas variam quanto à natureza da função e quanto ao vínculo funcional.

Há quem não defenda mudança e que continue como está legalmente e que o que importa mesmo é a valorização profissional.

Um grande grupo de ‘Diuotey’ concorda que sejam convertidos em ‘Fardados’, obviamente com ação nos locais de transgressores. Alegam que isto não implicaria em mudança na Carta Magna, haja vista que os Fardados são citados nela. Falam em posição de importância e nas muitas atividades de um ‘Diuotey’ que são comuns aos Fardados.

Nesta proposta é de se imaginar o quanto se diminuirá a capacidade de discordar, de reagir aos abusos da gestão maior. O grupo específico de ‘Diuotey’ será manipulado para “combater” atos legítimos de reivindicação. Enfim adeus à autonomia. E benvinda a divisão, o corporativismo doentio. O ego em alta e a missão em baixa. Se os Fardados vierem reprimir algum movimento seria de igual pra igual. Uma guerra então? Tudo isto pode ser refutado por argumentos simples, porém, na prática, ao ver como os Fardados se comportam, isto é garantido como futuro. Ao Fardado é proibido pensar. É um robô que obedece ordens.

Outra proposta é de que se mudaria o nome para Oficial de Custódia, nível superior e valorização profissional.

O vínculo ao Poder Judiciário é outra ideia. Nela se defende que aquele Poder deveria assumir todo o ciclo de aplicação da Lei: julgamento, asilo e liberação.

Os profissionais que têm participado da admissão de novos 'Diuotey' são quase unânimes ao declarar que o perfil predominante de quem está chegando ao grupo dos 'Diuotey' é o de Fardado. Talvez por isto, aparentemente, a maioria defenda a proposta de ser um deles. Porém se isso acontecer, na prática se eliminaria a função de 'Diuote' em sua essência. Fardado tem uma missão ostensiva e na rua. O 'Diuote' tem a missão de tornar possível a vida numa instituição total e retorná-lo em condições satisfatórias. Há até quem defenda a extinção dos Fardados considerando a forma abusiva como muitos agem, imaginem essa mentalidade num local fechado. Mesmo com 'Diuotey' necessários, como missão prestativa e essencial à vida dos transgressores, estes ainda os têm, muitas vezes, como inimigos, como seria então quando esta convivência for determinada por este caráter de oposição, de guerra?

É bem verdade que o que deve acabar mesmo é a mentalidade de uma Força que só vê no outro um adversário, um transgressor, o mal em pessoa. Mas como é algo praticamente cultural, não deveria se praticar qualquer ação que significasse aproximação com essa mentalidade.

O Oficial de Custódia de nível superior vinculado ao Judiciário seria o ideal. Mudaria apenas o nível de formação e o vínculo, além, obviamente de melhores condições de labor e proventos. E se partiria firme rumo à sedimentação da ideia da função ser única, incomparável, necessária e importante. ***Eliminaria definitivamente os muitos problemas de falta de harmonia recorrente entre os Poderes envolvidos no cumprimento da punição.*** Poderia se produzir conhecimento específico dessa área de proteção e partilhar com os demais profissionais. De resto à referência. Este seria o desafio.

Certo mesmo é que o nome atual está errado. Ele dá a entender que o 'Diuote' é uma pessoa que age para castigar, maltratar, ou age onde há castigo, maus tratos. Se se defende tratar de referência à instituição onde atua, também é falso. Este profissional atua em instituições com diversas características no cumprimento da punição. Se se pensa em descrever alguém que age num local de arrependimento também não elucida a realidade, haja vista que nem todos ali o fazem.

# NÃO-PÚBLICO

---

Numa sociedade capitalista tudo é dinheiro. Algum pseudoiluminado teve a ideia de tornar não-público alguns lugares de transgressores. Uma experiência que arrogantemente pretendia provar que o público é o erro.

Logo alguém monta um estabelecimento, contrata pessoas, e atende a essa nova demanda no Estado. Curiosamente o dono é sempre um amigo do amigo do amigo. É sempre “o alguém” e não simplesmente um alguém. Ainda hoje se ri quando o irmão de um ‘Diute’, no tempo de criança, ao ser perguntado onde ficava determinada coisa ele respondeu: “Fica do lado do outro alguém.” Nada mais claro e objetivo! Quando o assunto é dinheiro esse alguém nunca é qualquer um.

Enquanto os lugares públicos eram rotineiramente taxados de ineficientes, de problemáticos, com tensões e saídas ilícitas acontecendo. Os lugares não-públicos eram verdadeiros conventos onde havia labor, estudo, ordem, arte, pouco ilícito seja em objetos, seja em tensões ou saídas ilícitas. Era um contraste constrangedor. Parecia surreal. Sonho. Inacreditável.

O discurso de tornar o público em não público tomava fôlego. A solução foi encontrada. Quando se é um Contrato, funciona. Não é difícil encontrar esse discurso por aí, facilmente defendido por políticos, não diria importantes, mas de grande influência na “política” nacional. Eles, como serviçais do poder econômico, sem conhecer o assunto, irresponsavelmente afirmam tal barbaridade.

Ora, se tudo era tão maravilhoso no não-público porque é uma barbaridade?

Como todo negócio patrocinado pela iniciativa privada, só se propagam aos quatro ventos o que interessa. Os mesmos problemas existiam, porém não apareciam. Até eliminações de funcionários na folga por supostos mandos do local, aconteceram. Como a mídia obedece a quem paga, logo os locais não-públicos ganham projeções desproporcionais de iniciativas boas, mas simples e até comuns em outros lugares, do que ações cem vezes melhores do que a deles acontecendo no público.

Uma pessoa alienada, frequentemente, é vítima de uma opinião construída. Buscar os porquês é o dever de qualquer cidadão que tenha um mínimo de responsabilidade. “Somos um povo que se informa apenas por manchetes do Jornal Nacional...” Lamentou Monica Iozzi, ex-apresentadora do Programa Vídeo Show da Rede Globo, com licença da palavra. Triste realidade.

O local não-público tem como objetivo obter, manter e aumentar lucros. O que implica uma total deturpação no trato com a questão. Obtendo mais informações se entenderá que a diferenciação se dá pelos recursos e pela gestão de como as duas formas são tratadas. Por que a ordem no não-público dentro de certos limites funciona? Porque não recebem transgressores temerários. Só os de perfil pacato, que não causam problemas. No público estão todos. Por que não há superlotação no não-público? Por força de contrato não recebem além do acordado, caso contrário o Estado é passível de multa. No público há uma capacidade real limitada e o recebimento ilimitado de transgressores. Por que as instalações são infinitamente melhores e sanitárias no não-público? Porque reza no contrato que o Estado deverá repor os danos ao patrimônio do Estabelecimento, algo previsto no valor total do contrato e garantido no orçamento. Por que os transgressores têm um cardápio e roupas disponíveis? Cláusula de contrato que não podem ser violadas. No público não chega nada disso. Salvo exceções ou em alguns momentos. Escova de dente e creme dental ora distribuem ora não em hospital ergástulo imaginem nos

locais comuns.

Um dado curioso é que foi feito um levantamento sobre o custo por transgressor para o Estado. O resultado foi surpreendente, mas ratificou a sensação que se tinha entre os profissionais. No público se o custo era de um mil, o transgressor de perfilzinho pacato no não-público custava em torno de um mil e setecentos.

Esta informação corroborou o fato de que os gestores dos locais públicos e suas equipes são verdadeiros heróis, mágicos até. Uma população caracteristicamente predadora e depredadora, de quantidade muitas vezes maior, e os responsáveis labutando com cerca de cinquenta e oito por cento do valor gasto com o não-público. É algo muito relevante e revela a injustiça com os Servidores da área.

A Justiça fez Justiça e decretou o fim da experiência.

# TERCEIROS

---

Uma situação curiosa logo observada por ali era a sensação de se estar labutando numa instituição para idosos. O envelhecimento dos funcionários da administração era flagrante.

Não se realizavam Concursos. Transgressores labutavam na administração. ‘Diutey’ assumiam tarefas em desvio de função. Era cultural. A principal atividade da instituição era povoada por Auxiliares que realizavam os labores de ‘Diute’ há décadas. Toda essa desorganização e carência eram vistas como natural. Exceto um ou outro reclamar aqui e acolá.

Até que se entendeu o porquê. Era um esvaziamento programado para se justificar e implantar atividades realizadas por terceiros. Estes, sem concursos, atenderiam, de forma gradual, às necessidades fisiologistas dos políticos de plantão.

Dois tipos de funcionários passaram a conviver nas atividades. Os concursados e os terceiros. Os primeiros vistos como intocáveis, superiores, estáveis, horários flexíveis, e alguns, se o apoio fosse forte, nem aparecia na instituição, a não ser só para não caracterizar o abandono do labor, claro.

Os terceiros vieram com a esperança de se obter um serviço mais produtivo. Mais presença. Inicialmente foi um ânimo importante. Depois, as coisas foram se ajustando e logo caiu na “lógica” de sempre. Dependendo do apoio, se labutava ou não. Aconteceu de terceiro ser mais problemático do que mau Servidor. Na prática apareceram muitos trabalhadores de apoio pequeno que, por não terem estabilidade, preocupavam-se com o desligamento, favorecendo o controle de suas vidas, sem tranquilidade para labutar, pois a qualquer momento poderiam sair, é como estar na berlinda constantemente. Os mais humildes venerando os concursados e os concursados presunçosos não os deixando esquecer disto.

Os proventos também sedimentavam a desigualdade. Flagrantemente desnivelados o Servidor, visto como privilegiado, recebia muito mais e fazia até menos do que os terceiros já que estes estavam por ali.

O fato é que com uma gestão séria um quadro de Servidores pode realizar o serviço público a contento. Os muitos fatores que desestimulam os concursados – condições de labor, descontinuidade de ações bem-sucedidas, abusos de superiores hierárquicos, a mesmice, a demagogia, a promoção pessoal de chefes e líderes como o foco das ações, entre outros – faz alguns desanimarem e “chutarem o balde”.

Fato é que o serviço público funciona, mesmo diante de todos os desafios. Não são poucos os que são devotados à causa pública e fazem do seu mister uma missão quase sagrada. Este sangue comprometido é que faz as cosas caminharem.

A iniciativa privada, hipocritamente, torce pelo caos na administração pública para abarcar mais áreas de atuação visando potencializar seus lucros. Mas ela é quem muito ganha dinheiro com o serviço público, seu principal cliente.

Quando se vê os campeões de reclamações dos consumidores serem da iniciativa privada – telefonia, bancos, planos de saúde – é de se pensar um pouco que se não for o público...

# BASTIDORES

---

A convivência entre os ‘Diotey’ no horário de labor é a melhor possível. Como se fosse uma obrigação, uma necessidade de desopilar o clima do ambiente e no esforço de se obter uma vida normal, ali, entre os seus, nada difere de qualquer convívio fora dali. Aos poucos vão se observando as características de cada um. O mais quieto, o pensador, o pródigo, o obscuro, o religioso, o reservado, o sério, o irresponsável, o confiável, o velhaco, o honesto, o cismado, o inconsequente, enfim, vai se descobrindo como cada um reage a tudo e a todos.

Quando conversas muito elevadas se dão costumam comentar que aquele local, por incrível que parecesse, também é cultura.

Os apelidos são inevitáveis. Poucos escapam. É como uma necessidade de identificação imposta que quebra o ambiente austero e promove mais afeição no local. Uma regra básica no apelido é a insatisfação de quem o recebe. Se ficar incomodado, agressivo até, é bem pior. Nesse caso é que o cognome “pega” mesmo, se torna tão comum que até o “ofendido” desiste e logo estão lhe chamando pelo apelido até quando se está diante de sua família sem qualquer reclamação.

“Um ‘Diote’ frequentemente desfilava nu e se rebojava pelos aposentos e fazendo gracinhas como se apreciasse o mesmo sexo. Todos sabiam que era brincadeira. Mas ele fazia tanto que um dia combinaram de agarrá-lo e simular um ato sério com ele. Quando ele viu que a coisa estava ficando grave mesmo, começou a ‘pedir arrego’ e demonstrou irritação com aquilo. A galera, claro, o soltou e ele ficou resmungando pelos cantos. Poucos dias depois estava ele lá nu, se rebojando e galera rindo porque viram não ter solução para ele acabar com suas gaiatices.”

# URANISTAS

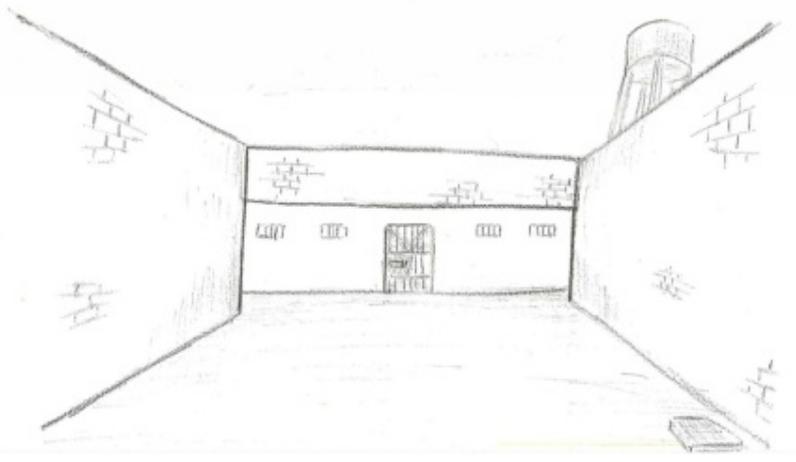
---

Eles não são muitos, mas estão por lá. Apesar da orientação que têm, naquele lugar não dá para ser um “sexo frágil”, sob pena de poder ser violado frequentemente. Portanto quando se dão conta disso logo usam da força para conquistarem respeito e garantirem suas integridades físicas. Inevitavelmente alvos de gracejos, porém intocáveis. Ocasionalmente eliminam colegas.

Estão presentes também entre os ‘Diutey’. Assim como os transgressores, também são alvos de zombaria com a diferença de que quem o faz só arrisca quando não dá para ser identificado, para não sofrer retaliações.

A postura pode mantê-los em atividade, sem problema. Mas quando os trejeitos demonstram demais sua orientação fica complicado. Dificuldade de se impor, certo descrédito para os colegas junto aos transgressores, assobios no ar. Situação parecida ao que disse o humorista Costinha quando ele dava reprimenda nos filhos: “Menino se aquieta aí se não te pego hein!” Os filhos olhavam para ele sérios, haja vista a entonação de voz aplicada, e quando o veem caem no chão se contorcendo de tanto rir”. Difícil mesmo.

Não se trata de incompatibilidade. Todos eles são excelentes profissionais. Apenas essas situações ocorrem, sendo mais um desafio no labor.



# JUSTICEIRO

---

A vovó visitava todo final de semana seu netinho. Um dia ela chegou ao local para cumprir sua devoção ao parente, como de costume, e ele tinha saído de lá na segunda-feira, praticamente uma semana antes. Ela não sabia. Deduz-se, porém, que o neto sequer foi agradecer seus esforços para estar ali religiosamente nos últimos meses ou anos. Até empréstimo ela fez para soltá-lo.

Esta é uma das inúmeras histórias que acontecem em torno das personagens que passam por aquele lugar. E olha que esta é uma das mais bonitinhas. Vê-se aí apenas ingratidão. Mas coisas muito piores ocorrem diariamente.

Um ‘Diute’, ao saber do caso, se manifesta em alto e bom som que aquele tipo de gente, o neto, é uma raça que não merece piedade.

Pergunta-se então: E daí? O que ele tem a ver com isso? O ‘Diute’ tem a obrigação de transcender a um comportamento de mero senso comum. Jamais deve assumir para si um papel que não é seu.

Dizer que não merece piedade faz pensar que sua ação não será, ou não é, isenta em relação aos internos. É um discurso de justificação de abuso de autoridade. É uma postura de quem tá ali para infligir sofrimento, pois é o que merecem, segundo ele. Como cidadão ele pode pensar assim. Como ‘Diute’ ele pode até pensar assim, já que nada é mais livre do que o pensar, mas jamais agir assim. Quem se orgulha de aplicar um rigor abusivo poderia discordar dizendo que isto é uma atitude covarde, de ‘muan’, de fraqueza, de temor, receio da retaliação. A situação atual chegou a esse ponto realmente. A represália pode vir sim. Mas não é isto. Trata-se da obrigação deste profissional de transcender ao trivial. Ele tem uma missão. E ninguém é mais desafiado a cumpri-la com extrema imparcialidade. Caso contrário é impossível labutar. Sair do seu planeta e dirigir-se àquele será auferir mais infortúnios para a vida que já é tão desafiante na Terra.

Acha-se que esse incômodo talvez venha do fato de que o profissional confunde sua atuação como Estado e a pessoa física que é. Enganar o ‘Diute’ é se enganar, enganar a sociedade, uma ilusão para quem o faz. Admite-se um jogo de gato e rato para ver quem se sobressai na opinião do ‘Diute’ que se dá esse labor. Os parentes são próximos dos transgressores, obviamente, portanto os ajudarão mesmo que de forma ilícita. É natural. No meio deles isso é companheirismo, quando não é por coação. Talvez fizéssemos o mesmo se estivéssemos no lugar deles. O profissional deve se ater na ação – meios para impedir o errado. Somente. Buscar métodos mais eficazes. Nunca somatizar a incapacidade de reter tudo, sob pena de se comprometer seu próprio bem-estar.

Um ‘Diute’ chegou num local pequeno para transgressores. Logo viu que um dos internos tinha uma importância impressionante nas atividades do local. Em tudo ele contribuía. Funcionários se reportavam a ele, dependiam dele às vezes. Uma peça fundamental no andamento dos afazeres. Inevitavelmente o recém-chegado perguntou ao responsável qual era o malfeito do interno. Ele respondeu. Então perguntou ainda se sabia como tinha sido. O titular do local respondeu algo bem interessante: “Existem coisas que a gente fica melhor em nem saber. Porque se o que houve afetar muitos seus brios, conseqüentemente a relação é prejudicada. Então melhor seguir em frente.” De histórico impecável naquele local, aquele interno, de certa forma, fazia as pessoas de um lado repensarem suas opiniões sobre quem estava do outro lado da sebe.

Lembrou-se, diante das palavras daquele gestor, do ‘Diute’ que, logo quando assumiu suas funções, começou a catalogar com recortes de jornais ou qualquer outra publicação sobre os malfeitos dos que estavam lá. Um dia um colega foi visita-lo em casa e sentiu um clima de preocupação. Poucos anos depois ele estava afastado das atividades por falta de condições psicológicas de labutar. O menos mal para os colegas é que ele já tinha tido problema com essas coisas, haja vista que antes de entrar no grupo tinha sido um Fardado e enfrentado algo semelhante.

Após anos de labor vai se descobrindo que a Justiça muitas vezes se esconde onde menos se imaginava. O bom senso e a razoabilidade, como bem frisa o vocacionado, são fundamentais no trato com aquele mundo. E até no nosso.

A rigidez cega o profissional. Ele só vê o malfeito, o erro, a má intenção, o risco, a incredulidade, o que o torna um julgador de péssima categoria. A possibilidade de cometer injustiça onde ela deveria prevalecer é enorme.

Saudades de quando seus antepassados aplicavam uma sanção num transgressor colocando-o numa sala destinada aos rebeldes, levavam a chave da saleta para casa e decidia quanto tempo o punido ficaria lá. Mão de ferro. Até porque quando se tem tensão ele não é poupado pelos transgressores, pelo contrário, são os primeiros alvos. Elas por elas. Quem estiver com o controle no momento, manda.

Olho por olho e o mundo acabará cego (Mahatma).

O inverso do ‘Diute’ implacável é tão tapado quanto ele. Ingênuo, não vê maldade em nada, insiste com quem abusa dos seus préstimos. Talvez faça muita média com transgressor porque morre de ‘muan’ deles. Um palerma.

“Sem disciplina não há ordem, sem ordem não há progresso” disse o racionalista cristão Luís Alves Thomaz.

Talvez a pergunta mais feita a um ‘Diute’ por quem não conhece aquele mundo é: “Você não tem ‘muan’ de labutar lá não?” Resposta: se você tiver ‘muan’ sequer entre lá. Como que farejam, ou testam se você os teme. É quando cabe o “encarar” e colocá-lo no lugar dele. De alguém que está ali para mudar, caso contrário os meios disponíveis serão utilizados para se garantir que o Estado, a Autoridade esteja acima dos seus desvios de conduta. O ‘Diute’ não deve prescindir de suas prerrogativas legítimas.

Quando as Forças Armadas subiram o morro, todo mundo correu. A questão é sempre de presença ou não do Estado num território. Seja ele qual for.

Poder. Sempre o poder. Legítimo ou de retaliação. Infligindo o ‘muan’ no outro. Tem que ser assim?

# CÂNCER

---

Não há nada mais nocivo, mais repugnante, mais perigoso, mais inaceitável do que um ‘Diute’ venal. É um câncer que coloca em risco os colegas, além de exporem-nos ao mal, à leniência perigosa, à exposição ao risco físico à vida dos que o rodeiam.

Usando uma expressão do gigantesco Poeta Jessier Quirino na Poesia Matuto no Cinema, o venal vive “camuflado feito rapariga de Pastor”. Engana a Deus e ao mundo. Pelo menos uma parte do tempo. Os dias de um venal sempre são muito bem contados. Um dia ele cai. O cruel na coisa toda é o estrago. É como no trânsito. Se o condutor irresponsável se prejudicasse sozinho, seria até, maldosamente classificando, bem feito. O problema são os atingidos por ele.

Quem não simpatiza ou duvida do caráter de um ‘Diute’ só por ser ‘Diute’ tem mais um caso para citar como se, infelizmente, em qualquer grupo esses dementes não existissem. A quem zela pelo labor, a imagem, a posição e a importância do grupo para a sociedade fica maculado e, muitas vezes, é tratado como se também fosse um transgressor.

Labutar num lugar onde a linha entre o honesto e o ilícito é tão tênue sempre desafia quem está nessa fronteira. A quem gosta do malfeito é uma tentação. Para quem não gosta a única saída é se blindar eticamente, além de ter uma estratégia para lidar com os seus antagonistas.

Curiosamente o venal se comporta como o baluarte da honestidade, talvez até como parte da camuflagem. São os mais moralistas, os bons e os que tecem comentários agressivos em relação aos transgressores. Porém não deixa de se apropriar de material do Estado quando tem oportunidade. Assim fica difícil saber quem é quem num grupo. Isso dá margem a suspeitas injustas. O preço da honestidade às vezes é caro.

A mídia cuida de passar uma imagem generalizada de ‘Diute’ como mau, venal, indiferente, cruel, desinteressado, malicioso e capacho do chefe de plantão, fortalecendo estigmas.

# ATIVIDADES ESPECÍFICAS

---

O entendimento do caráter meramente interno da missão do 'Diote' não só era entendido por estes como era, ou ainda é em alguns lugares, institucionalizado. Os Fardados eram os únicos que podiam conduzir o transgressor em saídas ao planeta Terra. Essa dependência não era boa para o andamento satisfatório das atividades.

Após muita luta e insistência, foi criado um grupo de 'Diotey' com o fim de atender especificamente a necessidade de condução de um transgressor. Depois se avançou para um grupo de contenção a tensões e eventos críticos naqueles locais.

Apesar do treinamento formar para a consciência de que não são especiais, mas específicos em suas atividades, há sempre quem se julgue equivocadamente diferenciado.

“Alguns membros desse grupo chegaram a um local de transgressores para conduzir um destes a um procedimento de rotina. Havia uma recomendação, quando a condução era feita pelos Fardados, de que deveria, obrigatoriamente, haver a presença de um 'Diote' na condução. Isto visava evitar que os Fardados desviassem caminho ou parassem no percurso para castigar os transgressores, principalmente aqueles que respondiam o malfeito de eliminar Fardados. Diante disto o 'Diote' do grupo falou que deveria ir um 'Diote' com eles para a condução. O interlocutor perguntou: 'E tu é o quê?' Ele ainda 'esclareceu' que deveria ir um 'Diote' comum. História esta que foi marcada como insólita, além de hilária no meios dos colegas.

Atividades específicas não diferenciam nada de ninguém. Elas apenas são inerentes a qualquer 'Diote' e que eram erroneamente assumidas por outro grupo. Toda essa demanda só implica em qualificação do trabalhador e o consequente controle de todas as ações que envolvem a tutela de transgressores.

# VERTENTES

---

Ser “jogado” num local como esse, afinal ninguém sonha em ser um ‘Diute’. Imagine a situação: “Meu filho o que você quer ser quando crescer?” A criança respondendo: “Quero ser um ‘Diute’.” Impossível.

Tendência quase universal por ser parte de um ambiente como esse, onde se potencializam alguns costumes tidos como sociais, normais em nossa sociedade, não é difícil encontrar posturas envolvendo álcool, ilícitos, impetuosidade, necessidade de um profissional da psicologia, da psiquiatria e, acreditem, suicídio.

Um ‘Diute’ tinha alguns anos de ação. Envolvimento com ilícitos fez o mesmo se atralhar no labor. Então os colegas conseguiram um lugar no administrativo da Central. Dava-se força, acreditava-se, porém, não deu outra. Cometeu suicídio logo, logo. Não se sabe, ou não se tem estudos sobre o assunto nesse grupo. O fato é que não parece absurdo que essa tragédia ronde um profissional da área haja vista as implicações que cada ação sua pode provocar, seja no labor, seja na família.

“Um Auxiliar que atuava como um ‘Diute’ era conhecido pelo favorecimento de transgressores dentro do local. Ele pedia as chaves a um colega sempre com uma desculpa qualquer, e quando a pessoa voltava lá no local estavam vários liberados na ‘ied’ em troca de míseros trocados. Um dia foi pego tentando entrar com ilícitos nos sapatos.”

“Um ‘Diute’ era muito bem relacionado, querido por todos, alguém realmente estimado pelo grupo. Outro dia foi abordado por Fardados com ilícito grave e levado a um local com transgressores, porém este lugar era um hospital da mente, por questão de cuidado com a integridade física do mesmo.”

Às vezes entra-se num ciclo de impetuosidade gratuita e beirando a crueldade, o que pode, inclusive, se voltar contra si mesmo. O transgressor, por mais problemático que seja, sabe muito bem qual o papel do ‘Diute’. Não significa que seja um aliado, muito pelo contrário, muitos deles sempre tentarão burlar, obter uma exceção às normas, um jeitinho, uma alternativa, até porque ao fazer isso ele avaliará que tipo de ‘Diute’ alguém é. Se pode contar com ele para o ilícito.

Aquela impetuosidade pode voltar de forma desproporcional. Alguns ‘Diutey’ foram vitimados por terem defendido a sociedade, por terem aplicado a força, são recebedores da homenagem de ter um local onde se colocam transgressores com seus nomes. A vida se vai, a realidade continua e as vítimas indiretas nunca acharão que valeu a pena. Incluem-se nessas vítimas os próprios colegas obviamente.



# AGREMIÇÃO

---

A história acontece em ciclos. Em média assume uma nova turma de ‘Diutey’ a cada quatro anos. Todos que chegam encontram uma situação caótica, regularizam-na, as demandas crescem, o controle diminui, os transgressores começam a prevalecer, o Estado, visando reassumir sua obrigação e evitar um mal maior, contrata. Assumem..

Esta situação perpétua dá a impressão a quem chega, e não se dá o labor de inteirar-se de como a banda tocava antes, a partir de uma ridícula premissa de que “ No princípio era sua Turma, e sua Turma estava com Deus, e a sua Turma era Deus.”, de que seu grupo salvou o mundo, foi a melhor coisa que aconteceu na história da Central. Um discurso néscio de que os antepassados são um bando de acovardados, acomodados, ignorantes, desorganizados e fúteis, só divide, sectariza sua turma, principalmente a quem irresponsavelmente se manifesta dessa forma. Tudo isto dificulta a agremiação satisfatória de todo o grupo.

Cada grupo que chegou, viu, sentiu, se organizou e fez a história. Tudo, mas tudo mesmo, até aquilo que se acha ser o óbvio ter, foi fruto de muita luta. Caberia muito bem a ideia de se reunir pessoas de cada turma que combateram a inércia com que os ‘Diutey’ sempre foram tratados e se partilhassem informações sobre as dificuldades e vitórias alcançadas. Todos têm o que contar. E essa memória inspiraria os neófitos, os tornariam únicos pelo avanço e nunca se pronunciaria uma palavra de discórdia, de desrespeito aos vetustos. Beber da fonte, aprimorar posturas, avançar, só favorece a todo o grupo. Discursos exclusivistas mesquinhos só espalham o mal. Todos perdem.

Cada turma contribuiu com a Agremiação. Inovaram e obtiveram conquistas.

Um incontestável amadurecimento na organização foi quando se combateu a ideia simplória do ‘Diute’ que se manifestava contra os colegas assumirem cargos de gestão. Inteligentemente se percebeu que isto era um avanço e como. Era valorização. Só assim a Central seria assumida por quem de direito e não por paraquedistas e alienígenas.

Após muitos anos de luta perseverante foi inaugurado o Liceu na Central. O baluarte da conquista ficou em cargo intermediário como é de se entender, infelizmente.

Agora o canal para a qualificação, debate, a interação e a reflexão estava aberto. Primeiro desafio: tornar a casa uma apropriação dos trabalhadores. Talvez pelo estresse próprio da função muitos não valorizam o equipamento. Cinquenta confirmam participação num estudo, dez aparecem. Às vezes só pensam em promoção com o certificado adquirido.

As turmas sempre caindo numa absoluta impugnação, desânimo, fatalismo, cultura da impetuosidade, vingança e também proposições, claro.

Cabe ao Liceu entender que ele chegou agora e está com alguém muito maltratado, sem poder falar e quando fala, haja paciência. Compreensão ajuda na fase inicial. Além de elaborar experiência de como lidar com isso.

Uma forma de aceitação interessante é tornar as turmas, verdadeiras mesas de proposição à gestão, elegendo-se pessoas para acompanhar o andamento das sugestões apresentadas como resultado de uma instrução realizada.

Resultados. Quando vierem vêm acompanhados de credibilidade junto ao grupo, interesse pelos estudos já que a teoria levaria a uma prática, ou repensar as práticas. Neste ponto o Liceu pode atuar com mais eficiência do que a própria Agremiação, haja vista que nesta há um clima de oposição. Uma queda de braço fútil e prejudicial. Um debate rancoroso. O desafio é não permitir que o Liceu se torne isto. Para tal intento uma atitude séria, firme e imparcial deve garantir que todas as ideias, por mais esdrúxula que se possa considerar, tenham espaço no debate e com bom senso, mediante o debate, viabilizar o consenso sem maltratar o voto vencido.

O Liceu pode ser o espaço primordial no andamento das atividades. Indo ao encontro, tudo se torna possível.

# DES-ENVOLVIMENTO

---

Ninguém mais do que um ‘Diute’ precisa ter claro em sua atuação como profissional que suas atividades não podem se confundir com o envolvimento. Não se trata de não ouvir, se dirigir, conviver, porque sua missão o impede. Trata-se de se ter uma ação meramente profissional. Envolver-se pode significar querer ajudar, mas num mundo em que a fronteira do lícito com o ilícito é tão frágil, ajudar significa fazer única e exclusivamente o que se deve fazer dentro de suas atribuições como profissional. Desde que se entenda exatamente o que está fazendo ali, tudo caminha perfeitamente.

Todos têm um preço, pensa o transgressor. Já o filósofo Nietzsche discordava, apesar de demonstrar nossa fragilidade. Mas sabendo que para muitos isto é verdadeiro, houve quem tabelasse seu preço de forma superfaturada visando sair da lista de quem se interessasse por ele. Se um transgressor pedir algo aparentemente inocente, como levar um sabonete da Terra para lá, ele pensaria: isto só pode ser feito por um bilhão de Euros. Problemas surgiriam com a Receita, mudança do padrão de vida, dissipação de grandes quantias a olhos vistos, enfim, seria suspeito e o montante justificaria uma acusação de conduta ilícita, portanto, não faria. Acionariam-se os meios para os quais ele pudesse ter seu desejo de ter um sabonete realizado e o desejo de adquirir um ‘Diute’ frustrado.

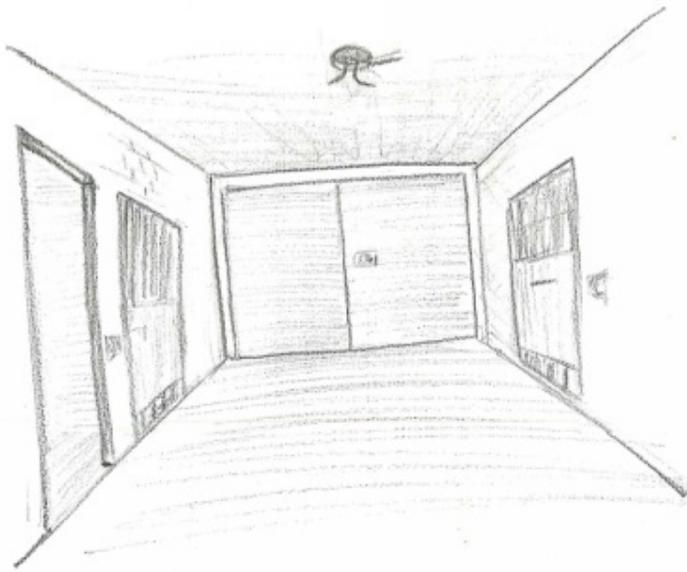
É como educar filhos. No mundo de hoje muitos pais agem duplamente equivocados quando acham que educar é nunca dizer não e que educar é dar aos filhos o que os pais não tiveram. O transgressor quer ser aquele filho inconsequentemente, mimado e impetuoso.

O transgressor estuda o ‘Diute’ de todas as formas. Ouve suas conversas, reúne informações de sua vida pessoal e pode utilizá-las como forma de aproximação e envolvimento. Logo estão batendo papo como se estivessem num shopping para um cinema. Convidam para tomar um refrigerante na entrada da sala, oferecem mimos e demonstram buscar uma “amizade profícua”. O ‘Diute’, inocentemente, se abre e vai abastecendo o banco de dados do interno.

Palavras de apoio, solidarizar-se com situações dolorosas, não significam envolvimento. Faz parte do convívio.

O progresso só acontece com o não envolvimento. Imagine se se deixasse de construir uma avenida porque uma das centenas de famílias atingidas pela obra, dissesse que ali viu seus ancestrais partirem, criou os filhos e que valor algum em dinheiro pagaria toda essa história? A cidade nunca cresceria ou se reestruturaria porque afinal, todo mundo tem história.

Só o des-envolvimento leva ao desenvolvimento.



# ESPECIALISTAS

---

Um grupo de especialistas é destinado ao atendimento aos transgressores. Atuam nas áreas de saúde e instrução. Aparecem duas vezes por semana, em média. Ficam em torno de duas horas no local. Sempre têm muito que fazer em outros lugares. Principalmente o pessoal da saúde. Geralmente restrito aos afazeres básicos. Não pensam. Chegam, fazem e vão embora. Alguns parecem robôs pedantes. Dizem quantos atenderão. O ‘Diote’ vê os casos mais sérios e os encaminha. A massa é informada de que naquele dia será atendido um número tal de pessoas e pronto. Se piorar mobiliza-se todo um aparato para a assistência. A impressão é de que se trata de um labor voluntário. O que não é verdade.

Alguns declaram-se conhecedores de um local para transgressores. Fazem palestras em instituições de ensino, encontros, conferências e congressos, inclusive há quem apresente o ‘Diote’ como mal, complicado, agressivo e intolerante.

Ledo engano. A circunstância que coloca um transgressor diante de um especialista deturpa qualquer juízo de valor que se possa ter sobre ele. Os transgressores precisam do funcionário seja para uma questão da sua permanência por ali, atendimento médico ou dos dias estudando para diminuir seus dias de punição. Pelo interesse ou necessidade apresentam-se de forma absurdamente diferente do seu real comportamento dentro do local, onde os ‘Diote’ é quem estão por lá.

Transgressores brandos, compreensíveis, tratamento verbal impecável – “Sim Senhor.” Para cá. “Sim Senhora” para acolá. Mansos e humildes de coração. Naquela situação o ser humano dissimula de forma a convencer até ao maligno, da sua pureza de intenções.

O especialista tem a seu favor a prerrogativa de dizer quem ou quantos vai atender, então quem chega lá é um privilegiado. O ‘Diote’ foi quem disse ao outro que ele não será atendido. Imaginem a reação dos dois. O primeiro um cordeiro feliz. O segundo um ser de ódio. Os especialistas, naturalmente, só têm contato com esse ser iluminado que “rispidamente” é controlado pelos ‘Diote’. Já estes lidam com os dois, porém o revoltado lá dentro é sua exclusividade.

Não se pensa aqui sobre a razão ou não de seja lá quem for. Fatos são fatos. O ‘Diote’ age erroneamente generalizando o comportamento de todos pelos problemas que surgem por ali, assim como é equivocado o especialista deduzir que a conduta preponderante por lá seja o que eles veem.

Os quilômetros percorridos por um ‘Diote’ naquele espaço devem-se mais a esses atendimentos. Depois é quando se pode ter uma relativa quietude no labor.

# LINGUAGEM

---

Logo que se começa a labutar, o ‘Diute’ se depara com uma linguagem própria dos transgressores. São gírias e expressões peculiares ao grupo. Com significado no contexto ou tentando codificar uma informação. Poucos meses depois o trabalhador já está familiarizado com o “dialeto” local. É uma forma de afirmação e identidade como grupo que não fala a “língua oficial”, utilizada pelo ‘Diute’.

Um fenômeno curioso é que, ao invés da linguagem oficial influenciar os transgressores, até como uma forma de primeira reinserção nos costumes da Terra, os ‘Diutey’, salvo exceções, inclinam-se a assimilar a linguagem daquele ambiente para sua vida cotidiana. Talvez o diferente e a demonstração do entendimento da “nova língua” sejam importantes na incorporação da mesma.

Se um desavisado estiver num local onde possa ouvir, mas não ver, uma conversa de ‘Diutey’, dificilmente não vai considerar que sejam transgressores falando.

É difícil perceber como ocorre essa assimilação, ou pensar sobre o assunto, porque é muito sutil. É como se aquilo fosse parte da adaptação ao labor. Porém, convenhamos que a linguagem é parte da identidade da pessoa, de um grupo. Em vários países povos usam o idioma para protestar contra o domínio político da região que habitam. Antes da segunda grande guerra isto foi muito utilizado.

O ‘Diute’ tem a obrigação de conhecer, entender e até aplicar, se necessário, o dialeto próprio daquele lugar, mas isto não pode permear sua identidade e inverter um pouco os papéis. Talvez seja a primeira rendição àquele lugar e suas peculiaridades.

Os que percebem tentam se conter, mas há os que até não considerem importante. Divertem-se dizendo que depois de começar a labutar ali o sujeito chega ao ponto de quando quer um chamego com a esposa se expressa: “Tô doido querendo!” E a companheira, não se fazendo de rogada, responde: “Tô ligada!” Gargalhadas.

Numa coletividade que torna o marginal uma referência em comportamento, há de se entender essa tendência. Não faz muito tempo que portar uma tatuagem era típico de malfeitores e de quem sempre estava à margem da Lei. Artistas começaram a usar então agora é sofisticação. O mesmo acontece com gírias e piercings.

Não se trata de classificar essas práticas. Todas têm sua história e seu valor diante dos que gostam. A questão aqui é o quanto somos manipulados pela mídia. Nossa linguagem, nossa aparência, nosso comportamento é ditado por outrem ou somos capazes de nos afirmarmos a partir das nossas próprias experiências, nossa cultura, negando essa suposta “necessidade” de copiar alguém?

A clausura não se resume àquelas estruturas naquele planeta. Ela nos diminui de diversas formas. Ai de quem pensar diferente. Sofrerá a clausura da discriminação.

Há quem pense: “Vejo as pessoas lidando com sexo, ilícitos e mutilações como algo normal ou atribuem o significado que elas tiveram para alguns povos primitivos, como ritos de passagens. Diante disto entende-se: ‘Ser o que sou sem aderir a essas práticas é a forma mais radical de ser diferente. Cabeça erguida e que eles fiquem constrangidos’. Como bem diz a Legião Urbana: É a

forma de 'provar pra todo mundo que eu não precisava provar nada pra ninguém'."

# DISCIPLINA

---

Todos os que labutam na área de proteção têm responsabilidade controlada por uma Pasta de Governo que visa a transparência da gestão e pugnação dos excessos e desvios de conduta.

Certa vez o Judiciário convocou um transgressor a se apresentar em seus domínios para ser ouvido. A gestão do local onde o transgressor se encontrava mobiliza pessoas de folga para a condução, já que não conta com pessoas suficientes, consegue equipamento letal emprestado de outro lugar, arranja, com dificuldade, um veículo para o transporte do grupo.

Chegando ao local a solicitante havia cancelado a oitiva haja vista que chegaram atrasados. Dirigiu-se aos Servidores como se fossem da Força Civil e anunciou que ia denunciar ao órgão competente. Assim foi feito.

O próprio órgão fez contato já sabendo que deveria se tratar de carência crônica do Estado a origem de toda aquela celeuma.

No fim ficam as inconveniências, o constrangimento de quem fez mais do que sua obrigação ao labutar de folga e a gestão tendo que se deslocar para prestar depoimento e esclarecimento de algo que todo mundo já sabe, exceto os solicitantes que vivem na abundância de recursos.

A disciplina acaba sendo uma instância vista como mais uma exigência, quando o reconhecimento nunca é institucionalizado.

É importante existir e funcionar algo desse tipo, porém o desafio é ir além da política de punição e suspeição, promovendo uma conduta ética, altruísta e de dedicação dos que fazem seu labor.

Agir com inteligência é conseguir perscrutar com isenção, atendo-se aos fatos e buscando a verdade.

# RELIGIO

---

Inquestionavelmente os grupos religiosos são os mais presentes, em muitos casos os únicos, que aparecem nesses locais.

Da Igreja Católica atuam desde os mais sacramentalistas, ministrando os seus ritos, à Égloga, esta com visão mais ampla da questão e que considera a reflexão importante para se pensar e agir diante daquela realidade.

Os Evangélicos, como de costume nas ruas, levam a proposta da conversão pessoal e mudança de vida. Ostensivamente eles vão conduzindo o pessoal a se tornarem membros de suas denominações. A ressonância acontece e os que se manifestam como convertidos à nova vida são colocados juntos. Sempre há um local, geralmente uma ala, dos evangélicos.

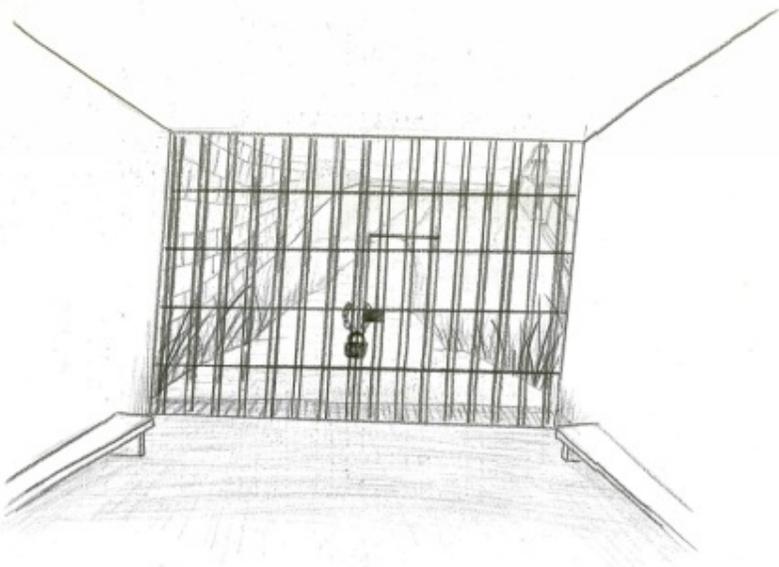
Ambas contribuem com ajuda material para as necessidades mais urgentes.

“O ‘Diute’ é abordado por um adepto que pede para ir ao rito deles e questiona: ‘Quantas serrinhas tem aí nessa Bíblia rapaz?’ Ele se apressa a folheá-la provando não ter ilícito naquelas páginas.”

Num país de declarada maioria católica é natural a prevalência dos que se declaram como tal em suas fichas. Realizam todo tipo de malfeito, mas dizem que são.

Os Evangélicos atuam quase sempre com proselitismo. Aplicam técnicas de saída de dependência de vícios, mas os grupos acontecem em suas igrejas quando saírem. Tudo muito natural e compreensível, mas assim como nas escolas onde há uma preocupação sobre o assunto, há que se discutir essa ação nesses locais. Apagar incêndios deixa assuntos como este sem qualquer discussão.

Em algum lugar deve haver iniciativas de atuação das outras religiões em locais de transgressores. Basicamente resumem-se nessas igrejas cristãs. Muitas religiões e voluntários talvez não tenham tempo para tratar do tema, haja vista o muito que tem que se fazer com os problemas presentes no planeta Terra.



A quantidade de ‘Diutey’ de fato era muito pequeno. Ínfimo diante da massa de Servidores. Contando os de direito mesmo, o grupo diminuía drasticamente. É que Auxiliares assumiram funções de ‘Diute’ há décadas e ficou por isso mesmo. Só depois da Carta Magna do ano de mil novecentos e oitenta e oito foram se formando turmas de ‘Diutey’ de fato e de direito.

O número de locais para transgressores, sempre muito menos do que o necessário, explodiu. Quem é contra a construção desses locais sabem muito bem que o resultado de políticas públicas demoram anos, décadas para culminar na diminuição do recolhimento de pessoas. Mas quem está na gestão precisa de estrutura para ontem e bem cedo. Turmas foram sendo admitidas, porém nunca respeitando a recomendação da proporção mínima de cinco transgressores para cada ‘Diute’, conforme Resolução do Conselho Nacional do Ministério da Justiça, que por sua vez, está baseada, como parâmetro, na Estatística Anual do Conselho da Europa.

O treinamento para começar a labutar geralmente é de duas semanas, sempre consideradas muito pouco quando se assume o cargo. Mas como tudo na vida, a prática sempre apresenta desafios que suplantam qualquer formação. Talvez não na proporção que acontece com os ‘Diutey’.

Uma característica recorrente nos trabalhadores que estão chegando é a formação de nível superior. Isto tem contribuído para uma maior conscientização e afirmação da identidade do grupo, bem como se proporciona um debate com contribuições na reconstrução dessa identidade.

As saídas para outras atividades mediante concursos sempre acontecem. Em todos os níveis do Serviço Público existem pessoas que já foram ‘Diutey’. O negativo nesse nível de instrução é que muitos não participam de formações ou da discussão do grupo porque vê o cargo só como uma passagem. Não sabem que praticamente todos pensam assim e muitos vão continuando, o tempo passando e logo estão com vinte ou mais anos de labor.

# ARENGUEIROS

---

Meninos arengueiros. Assim se comportam os que fazem a área de proteção. Em vez de cada um se sentir importante por ter um papel na área, o que muito se vê, sem generalizar é claro, é uma espécie de rivalidade. Quem é mais importante, quem faz isso, quem faz aquilo, quem é o melhor, o outro não sabe fazer, deveria ser assim, deveria ser assado. Atitudes inúteis e que só atrapalham a cooperação, o labor em equipe, a união, o interesse em partilhar conhecimento.

Quanto aos ‘Diutey’, coitados, na visão dos Fardados e Força Civil são meras babás de transgressores. São pagos para serem ‘iufeoy’, para sucumbirem. Já houve declaração pública nestes termos. Imaginem o que se diz entre eles.

Quando dividem o mesmo local de labor ficam interferindo, dando alvitre, esperneando em áreas que não são deles. Talvez seja instintivo, mas essa mania de controle parece ser viciante.

No dia em que as forças se unirem e se complementarem de verdade. No interesse público, haverá mais eficácia nas ações. E todos, principalmente a sociedade, ganharão. Surgirão resultados cada vez mais favoráveis.

Acabarão as atitudes de diminuir o outro e de se sentir superior.

# ABORDAGEM

---

Numa entrevista a um programa de televisão uns Fardados falavam que num determinado país rico, os Fardados são vistos como heróis, guardiões da sociedade e que aqui não há esse reconhecimento. Pelo contrário, a relação entre Fardado e comunidade é de animosidade, certa repulsa. Isto prejudica tanto a ação deles como a própria sociedade perde com esta postura.

É verdade. Os porquês são fáceis de entender. O desafio é como mudar isto. Naquele país rico que eles citaram houve uma colonização europeia de povoamento. A ideia era vir, construir, ficar e desfrutar. Mesmo assim dizimaram os índios para isto. A colonização aqui foi de exploração. O abuso era a regra, não havia Lei. A não ser protegendo os impostos da Coroa. O braço armado em nossos primórdios era mercenário. Protegia-se o violador de índias, os assassinos de mulheres, crianças, velhos; homens impondo o controle pela força. Uma sociedade construída em cima de tanto sangue, e o pior, baseada na injustiça, não pode deixar de ter sequelas profundas em seu âmago. O mesmo tratamento foi dado aos negros. Depois vieram os camponeses (Canudos e muitos outros), os trabalhadores, as mulheres querendo votar e labutar, as ditaduras reforçando essas ideias, enfim, o braço armado tem um histórico de proteger a injustiça. Assim como o 'Diuote' é o alvo das insatisfações do transgressor, porque é quem está perto dele, o Fardado colhe esse fardo cultural de ter uma origem, ou ser quem protege o poderoso e não a Justiça.

Para piorar as coisas vem a questão do comportamento. O encarregado da proteção, assim a sociedade percebe, parece sempre partir da ideia de que todos estão à margem da Lei. As pessoas têm que provar que são corretas. Gaguejou dançou. Inevitavelmente macula-se a imagem da Autoridade, confundindo-a com arrogância. Daí aquele frio na barriga quando se vai passar num local de fiscalização do pessoal da proteção, mesmo quando tudo está perfeitamente correto e lícito.

Inversão de valores. Quem faz o certo vive angustiado por, de repente, ter esquecido algo, e ser maltratado. Quem faz o errado vive tranquilo porque se for pego será maltratado, porém como essa possibilidade existia, não há problema.

Não faltam reflexões que questionam isso, porém como só temos pouco mais de quinhentos anos de história após a invasão, talvez precisemos de mais quinhentos para mudar.

# SOCIEDADE

---

Um cuidado importante no trânsito entre o local de transgressores e o planeta Terra é a não entrada de ilícitos. Em alguns lugares os ‘Diuotey’ são inspecionados, quantas vezes entrarem, pelos “Fardados”. E o interior do local sempre cheio de objetos vetados. A pergunta inevitável era: E quem inspeciona os que inspecionam?

É bem verdade que o controle tem sua importância, mas não adianta a cultura do controle. Importante seria a cultura da consciência. Educação desde os primeiros anos até o fim da vida. Nunca parar de querer a elevação nas ações.

A religião é a única que ainda aparece naqueles locais. Até mesmo Autoridades que deveriam, por força de Lei, fazê-las, aparecem esporadicamente e sempre cercados pela aura de divindade e como se fosse uma blitz de trânsito que parece mais um armadilha do que o cuidado pelo bem da comunidade. Se não acharem o malfeito parece que não vale a pena. Confiam apenas no que o transgressor diz, mas não no que o Responsável local ou ‘Diuote’ fala quando se contradizem. É como se eles fossem ver o que os ‘Diuote’ têm feito de errado e não como a punição está ocorrendo, visando o cumprimento da Lei. Via de regra o ambiente é excluído. Instâncias previstas em Lei para o acompanhamento das atividades não existem ou não funcionam. Os transgressores ficam nas mãos de parentes que vendem seus míseros pertences para conseguirem algo para o trancado. Não poucas vezes são espoliados por Defensores particulares que cobram caro por um documento que é conseguido gratuitamente junto à Direção. Prometem fazer o que sabem ser impossível e por aí vai. Há parente que vende a residência para tentar liberar o transgressor dali.

A opinião pública é bombardeada todo o dia, o dia todo, por programas de televisão que são reducionistas ao extremo tratando de um assunto tão complexo. As produções artísticas sempre retratam um ‘Diuote’ como mal, interesseiro, impetuoso, desonesto, envolvido numa sombra antiética. Qualquer produção de arte ao demonstrar alguém como mal, nos faz desejar o pior final possível para ele e, quando ocorre, ficamos muito satisfeitos.

O linchamento é moda. Sem dúvida a comunidade precisa assumir um papel ativo na diminuição da impetuosidade. Alcançaremos, talvez estejamos bem perto, o ponto intolerável e algo será feito. Os que costumam atacar as consequências continuarão com os linchamentos e grupos de extermínio de origem nas forças ou nos bandos. Os que pensam e desejam soluções sérias, definitivas e eficazes encontrarão caminhos. Estes devem ser incentivados e valorizados por quem governa.

Os governos gastam muito nas consequências. E há muito que fazer. Se se pode gastar mil, gasta quinhentos, a coisa desanda e se gastam dois mil. Matematicamente visível o equívoco. Há que considerar ainda o prejuízo com a sensação de proteção e nos malfeitos de quem deveria estar num local apropriado e não está pela ineficiência da ação do Estado.

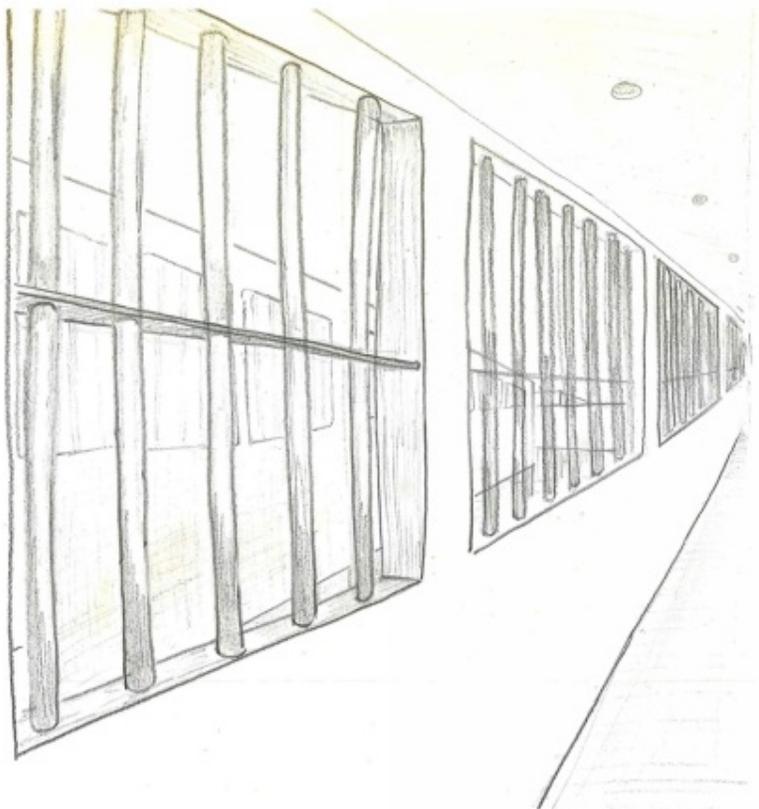
Proteção é um sentimento e não só pessoas fardadas andando pelas ruas e prontas para usarem seus equipamentos letais. Exige, inclusive, ações em sigilo, não ilícitas, inteligência e planejamento. Nada de novo, qualquer cursinho de meia tigela diz isso.

A mudança da Gestão Maior, por exemplo, é um dos problemas. As coisas estão caminhando, progredindo, acertando, então vem uma nova gestão e simplesmente ignora tudo e começa do zero. Isto depois da “guerra de foice” por cargos na nova gestão. É como se fosse o dia da invasão de

Pedro Álvares Cabral. Não se defende aqui um governo de cem anos. Mas algo deve ser feito para que a continuidade se estabeleça e que a mudança não seja substituição, mas aprimoramento. Preocupa-se tanto com os legados pessoais que se esquecem do legado social. Em nome disso já se inauguraram locais para transgressores sem a menor condição física para tal por causa do final de governo e o nome na placa de inauguração teria que ser de “quem construiu”. Construções ignoram a experiência dos ‘Diutey’ que irão circular pelo local e sabem o que seria mais eficiente, prático, com resultados mais satisfatórios.

Política de Governo, Política de Estado. Como se livrar da primeira com políticos tão medíocres. Existe uma prática na organização popular que deveria ser copiada de alguma forma pelos governos. A direção colegiada. Quem ganha tem uma participação majoritária na gestão, quem “perde” tem uma participação minoritária nela. Talvez de acordo com a votação obtida. Seria possível? Claro que sim. Regras claras dessa participação garantindo que uma não inviabilize a ação da outra norteariam as coisas. Seria uma demonstração clara de que o público não deve ser privatizado, adquirido por um grupo. Assim se evitaria a defesa de está por está na gestão, afinal ela seria de todos.

Antes desses devaneios. Pensou-se em algo. Há alguém mais subutilizado do que um vice, adjunto, sub, seja lá como se chamam? Eles não agem e nem podem agir por dois motivos: primeiro porque ele existe, em tese, para a ausência do titular. Segundo porque quando o vice age enciuma o titular. Muitas exceções devem existir por aí, mas é inegável que hierarquicamente foi, é e sempre será assim. Sem ônus para a gestão e dando um papel claro e importante a este cargo, porque não torná-lo um Oficial de Política de Estado? Um Servidor de carreira (poderia passar de uma instituição para outra em níveis crescentes da gestão), impedido por Lei de assumir a titularidade em definitivo, admitido por Concurso, portanto nunca seria indicação de um padrinho e, sobretudo, com imunidade e arcabouço de proteção para a realização de suas funções. Ele teria o poder de impedir a queima e destruição de patrimônio público nas mudanças de gestão, por exemplo, mas principalmente assegurar que as Políticas de sucesso em andamento continuem ou sejam aprimoradas pela gestão que chega. Seria fiscalizado pela própria instituição e exigido com o rigor que seu cargo representaria. Caso não atendessem à demanda, estabeleceriam-se punições exemplares visando não ser um boneco nas mãos dos manipuladores de plantão. Política de Estado.



# O DIA EM QUE A TERRA PAROU

---

Não faz muito tempo em que as coisas que aconteciam no local de transgressores ficavam por lá mesmo. Assunto encerrado. Bola pra frente.

Hoje chegamos ao ponto de uma Autoridade convocar o gestor local de um lugar desses para mostrar perfis de transgressores em redes sociais. Parentes dizendo que o transgressor ligou relatando isso, relatando aquilo. A imprensa vive noticiando ações ilícitas comandadas de dentro daqueles lugares. Eles estão em evidência. Os que labutam com eles não. Permanecem ocultos. A não ser que, organizados, decidam ir às ruas por direitos. Coisa que tem acontecido de forma gradual.

“Pode-se enganar a todos por algum tempo; pode-se enganar alguns por todo o tempo; mas não se pode enganar a todos todo o tempo.” Abraham Lincoln.

Os ‘Diutey’ em todo país estão descobrindo que foram relegados por tempo demais para continuar como estão. Têm se manifestado. Têm cruzados os braços como qualquer grupo que decide exigir o mínimo de dignidade.

Até Fardados estão fazendo o mesmo, porque não os ‘Diutey’? A alegação de que labutam numa área sensível não é suficiente para mantê-los na servidão. Situação esta, pelo menos legalmente reconhecida como extinta desde treze de maio do ano de mil oitocentos e oitenta e oito, portanto há um bom tempo. Mas a gestão maior não se satisfaz apenas com a vassalagem, exigem o silêncio e a bajulação.

Depois de numerosas reuniões, tentativas de reuniões, palavras não cumpridas, protelação desrespeitosa, os ‘Diutey’ param. Mantêm os serviços essenciais. Mas a massa transgressora, que já deseja a ausência do Estado para conquistarem o controle do local, logo vê nisto uma oportunidade de depredar e expandir as áreas de movimentação no local. Como diz o artista Gabriel O pensador na música “Tô feliz!": “e como sempre lá também tinha um grupo mais exaltado” e burro claro, não contém a sanha por vingança, partem para as ações brutais e tornam um caos o ambiente numa demonstração de força.

Nas imediações do local, ‘Diutey’ parados e Fardados tentando agir para controlar a situação. Registre-se aqui que alguns dos Fardados manifestam apoio pelo movimento já que os pedidos são legítimos e eles também passam pelas dificuldades que os paralisados reclamam.

No planeta Terra coletivos incendiados, rodovias bloqueadas por parentes, fogo em pneus, gritaria, revolta dos prejudicados, congestionamentos quilométricos.

Em poucas horas a gestão maior têm nas mãos uma situação de desespero. “Ah, se soubesse que seria assim. Ah, se soubesse”. Sacralizaria o labor cotidiano de quem controla uma massa de características tão predadora e depredadora. Respeitaria os profissionais que arriscam suas vidas para a proteção dos demais. Daria guarida aos que se perdem na missão. Consolaria as famílias dos que partem cumprindo sua obrigação.

Só assim percebe-se o que já era óbvio: a importância dos ‘Diutey’ (todo mundo sabe quem deveria estar na gestão e não os nomeiam por causa das conveniências politíqueiras) e finalmente que “em time que está ganhando não se mexe”, já que aquelas conveniências muitas vezes dispensam profissionais dedicados e competentes substituindo-os por quem tem um “pai que tinha um

parente que era amigo de um soldado que morava em frente à casa de um vereador”, como diz o cantor Falcão na música “O amor que antes de ser já era”.

Nosso povo tem um histórico relativamente submisso, ordeiro. Ninguém faz nada com a intenção que se instale o caos. Os próprios profissionais terão que geri-lo. A gestão maior passa. Um ‘Diuotey’ não se afasta de suas funções sem pelo menos vê quase nove mandatos passarem pelo comando.

# CAÇA ÀS BRUXAS

---

A sociedade, na era da imagem e do som com velocidade de reprodução e distribuição exponenciais, fica perplexa, abalada com as eliminações de pessoas promovidas por transgressores em momentos de tensão. É até natural já que, para ela, as cenas de aberração apavoram. Mas se ela mesma fizesse uma pesquisa rudimentar, iria constatar que em todas as tensões aquelas cenas se repetem. Os transgressores têm como referência o terror, portanto sempre demonstram do que são capazes quando estão no controle, ou seja, o quanto pior melhor. É bem verdade que se trata de uma parcela deles que age assim. Mas também é verdade que a indiferença da massa colabora para que esses episódios ocorram.

“Por volta das 18:00h. os ‘Diuotey’, cansados do dia corrido, estavam se ajeitando para o banho. De repente muitos gritos lancinantes partiram da sala de frente aos seus aposentos. Intervalo rápido e mais gritos indescritíveis. Tudo em questão de segundos. Reuniram-se, chegaram à grade, e viram um transgressor gemendo e outro com um pedaço de ferro na mão de pé. Abriu-se a grade mandou-se retirar a vítima. O que portava o ferro foi logo assumindo. Tinha um nome de mulher, como apelido, pela opção sexual que assumia. Balbuciou algo como que o agredido tivesse pisado na bola. Nada muito sério.

Ligou-se para o hospital, solicitou-se a ambulância e ficaram aguardando. Ele meio que tremia, gemia bem baixo. Olhos perdidos. Resistiu há uns vinte minutos, talvez menos. Mais de uma hora depois a ambulância chegou, recolheu, tudo muito natural, rotineiro. Depois se soube que foi levado à cidade de origem para o sepultamento. Simples assim.”

Aquele seria apenas o primeiro que veria. Seria rotina de labor. Sensibilidade, aos poucos, sendo arrancada. Logo, logo a perplexidade não teria mais lugar. O local exigia isso, sob pena de enlouquecer. Mas como viver lá fora com essa postura? A saída era a dupla personalidade. Não como um transtorno, mas como uma solução. Fazer como os nazistas faziam. Labor ruim, vida social perfeita. Família, amigos...

Óbitos acontecem sempre. Das mais diversas formas e nos mais diversos momentos eles aparecem. Uma tensão só potencializa este fato.

Porém, quando se tem uma tensão, nunca se busca entender os porquês. A atitude imediata é culpar alguém para se dá uma espécie de satisfação à sociedade. Como se aquela ação resolvesse um problema que está para além da gestão local.

Certa vez alguns transgressores conseguiram se ausentar do interior de um local de transgressores. Foi claramente demonstrado que saíram pelo campo de força que é de responsabilidade dos Fardados e quem “pagou o pato” foi a gestão do lugar que estava em casa dormindo na hora do episódio.

Não ouvem os responsáveis, transferem como satisfação social e com a desculpa de que se preservará a investigação.

Todo evento crítico nunca é tratado com a preocupação de se cuidar das feridas, mas, infelizmente, de abri-las ainda mais ou lamentá-las.

Buscam culpados sabendo-se que tudo ali converge para não dá certo, haja vista

que o problema mesmo está intrínseco na forma como se lida com os transgressores historicamente.

Se se busca o, ou um, culpado, facilmente chegarão a Adão. Sim chegarão a Deus. A gestão deve gerir fatos e não especulações, probabilidades.

# IDENTIDADE

---

O ‘Diute’, sobretudo, é um profissional que lida com todas as dimensões inerentes à custódia dos transgressores cotidianamente. Ele torna possível a vida das pessoas levadas a um local reservado, restritas a salas bem pequenas. Imagine se, como deseja a sociedade em geral, eles fossem largados num local, num espaço compreendido pelo interior de um campo de força e deixados lá, como ocorre depois de tensões. O campo, obviamente, impede o contato físico com o exterior. Sequer a alimentação seria possível, a não ser que fosse distribuída numa grade de acesso.

Ora, se eles já estão lá porque transgrediram uma regra. Seria natural o caos nas relações entre eles. Tudo o que é tido como regra burlada fora, seria imposto como regra natural ali. A impetuosidade, o sobressair-se, a imposição, a força, a injustiça, o ‘muan’, a eliminação, enfim, potencializariam-se o nefasto mundo da transgressão. Há que ter um braço forte, justo e próximo para nortear essa vivência. Aqui entra o ‘Diute’. Ele é a pessoa que pode tornar possível o objetivo para o qual alguém foi segregado: a punição e o conseqüente retorno.

A alimentação, os parentes, a saúde, a integridade física, a punição pelo mal feito, a saída para tratar do tempo de segregação, o Dentista, o Assistente Social, o Defensor, o Terapeuta Ocupacional, o Educador Físico, o Enfermeiro, o Médico, o Psiquiatra, o Psicólogo, a Farmácia, o Estudo, o Posto de Saúde, o Hospital, o Fisioterapeuta, a Gestão, a presença de instituições externas no local como Religião, Estudantes, Autoridades, Datas Comemorativas, Organizações Não-Governamentais, Fábricas, Labores diversos, Artesanato, Limpeza, Copa, Cozinha, a Disciplina, a Ordem, o zelo pelo bem conviver, ou pelo menos evitar conflitos, enfim qualquer atividade ou deslocamento só é possível se um ‘Diute’ estiver lá. Portanto esta é a essência do motivo que torna o ‘Diute’ necessário. Sem ele não há vida. Consideremos que esta é função de caráter interno no local.

Ainda nesta dimensão local o ‘Diute’ não só pode como deve assumir toda a gestão da instituição. Os Fardados o fazem por causa do vácuo deixado pelos Servidores da Casa e por prestígio junto à Gestão Maior. Mas não deve ser assim. Deve-se assumir quem, de fato, conhece o assunto pela base.

Há também o caráter externo do labor. A missão do ‘Diute’ é também manter aquelas pessoas ali até que a sociedade pelos meios legais decida seus retornos. Para tal, uma série de ações são atribuições de um ‘Diute’, como inspeções inibindo saídas ilícitas.

A gestão de todas as dimensões de uma instituição como essa não se resume à esfera local. Existe toda uma rede montada para tornar possível a missão de manter pessoas naqueles espaços.

O ‘Diute’ é o único que deveria ocupar os espaços de decisão sobre tudo o que se refere ao complexo. Não quero aqui defender, com esse exclusivismo, que ninguém mais possa ou deva contribuir, pelo contrário, todas as esferas de conhecimento são importantes, válidas e necessárias para se gerir algo desse porte. Mas a decisão deve ser de um ‘Diute’. O risco de se ter um usurpador em cargo importante, como já ocorreu, existe. Mas isto não justifica a presença de fora da Pasta. Isto reporta ao incomensurável filme ‘Gandhi’ quando ele, ao ser questionado sobre os problemas do seu país que a presença inglesa “resolve”, diz aos seus interlocutores que os problemas de sua nação são problemas do seu povo, não de outro povo.

Há quem defenda um perfil meramente de luta por direitos e condições de labor, outros meramente de gestão, outros de visão medíocre até defendem um perfil só de caráter interno da missão do ‘Diute’. Porém tudo só pode dar certo se se tiver uma visão ampla, inteligente, compromissada, corajosa, ética, e disposta a abranger o conjunto dos desafios. Conhecer profundamente para agir efetivamente, eficazmente. Só assim e, claro, com os recursos humanos e materiais suficientes, a ação tornará esse Complexo algo diferente do que se vê por todo o país.

Evitar saídas ilícitas ou recivilizar? Ambos. Não são áreas conflitivas, mas complementares. Parecem dois objetivos para os quais o ‘Diute’ existe, mas é apenas uma missão. Há que se ter consciência de que recivilizar não significa amolecimento moral nas ações de quem o faz. Garantir sua custódia é recivilizar, haja vista que se está garantindo que cumpra sua punição, uma forma de recivilizar. Caso contrário se eliminaria de vez o transgressor. Recivilizar não é realizar desejos, “quebrar galhos”, ser displicente, “fazer vista grossa”, pelo contrário, recivilizar é cumprir sua missão. Nada a mais nem a menos. Prático e eficiente. Como diz o ditado: “De boa intenção o inferno tá cheio.” Num local daqueles, boas intenções podem machucar muita gente. O que tem que ser feito deve ser feito. Nada de intenção.

O tempo faz de um ‘Diute’ um ser do equilíbrio. Aura pura. Apesar de tudo não muda radicalmente sua visão do mundo, não prescinde do otimismo e do acreditar no ser humano. Afinal cometer atos atrozos não quer dizer que seus autores sejam abomináveis.

O bom ‘Diute’ tem o respeito dos colegas e dos transgressores. Ninguém melhor para gerir, para labutar, para fazer a história em sua instituição.

As características interna e externa da missão do ‘Diute’ parecem torná-lo alguém com obrigações contraditórias. Promover ou Reprimir. Mas não se deve esquecer que a vida é sempre assim. Com os filhos, com os amigos, com os estudos. A todo o momento deve aplicar doses de promoção ou de repressão para que as coisas entrem em equilíbrio. Ao mesmo tempo em que ele é essencial à vida ele também contraria interesses. E a mesclagem honesta e imparcial dessa missão o tornará alguém respeitado até pelos próprios transgressores. Se a balança desequilibra pode se prejudicar e se tornar um transgressor, e talvez até se juntar a eles, ou colocar em risco a própria vida e a dos colegas. O transgressor sabe muito bem para que o ‘Diute’ está ali. Sabe que não é para o ilícito. Mesmo que o ‘Diute’ haja com firmeza, porém, com justiça, o transgressor pode até discordar, mas compreende que é a obrigação do ‘Diute’ e ao ver que isso vale para todos ele terá se imposto pelo respeito e não pela força.

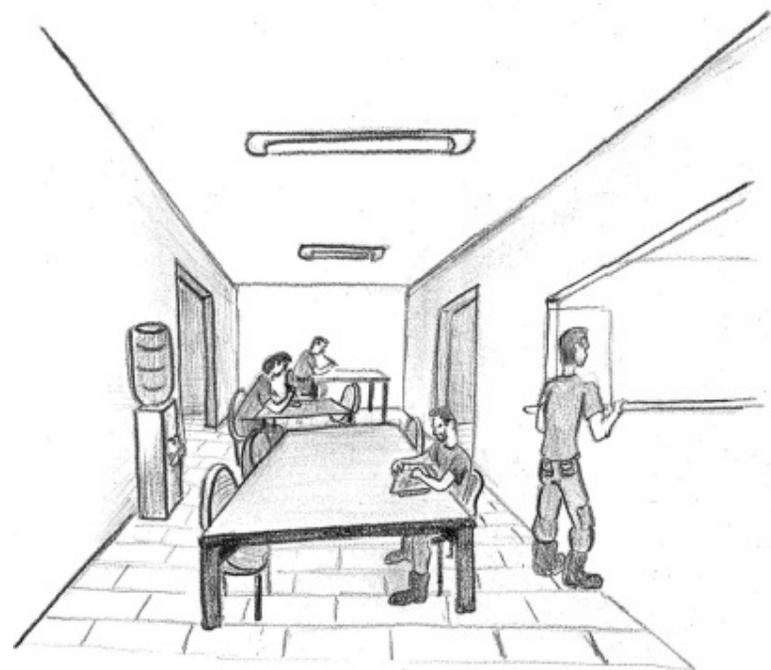
Portanto o equilíbrio é o ponto. O ‘Diute’ é exigido, por sua missão, a ser superior. Não entender isto como ter um bom nível de instrução, ser moralista, mandão, indicador do erro alheio, seja ele o pior transgressor. Trata-se de ser Elevado, Grande, Puro, detector da malícia seja em colegas ou em transgressores, que nunca pode, nem deve falhar. Talvez seja pedir demais, mas é para isto que ele existe. Um ser Iluminado que influencie com sua luz as trevas de quem precisa de esperança. Parece até meio místico e romântico, mas é assim. Ressalte-se que esta descrição não defende um ‘Diute’ num pedestal para ser venerado, nem ele tem o direito de se colocar como tal. Se se colocar assim, já fugiu do perfil alongado aqui.

O ‘Diute’ é um respeitador. Da religião alheia, do parente alheio, do próprio transgressor que ali já teve ou está tendo sua conduta julgada pelos órgãos indicados pela sociedade para tal, dos colegas, da esposa, dos filhos, enfim da vida. Obviamente o respeito voltará por mérito. Se não voltar pode exigir-lo.

Tem o desafio de ver e promover vida onde a eliminação é a moeda de troca para qualquer assunto. Onde de vez em quando um transgressor “aparece” morto, muitos suicídios, óbitos naturais, difícil até de acreditar.

Um dia foi colocado numa rede social o porquê do treinamento de um grupo específico de ‘Diutey’ ser tão puxado, até humilhante, pelo responsável, o Grande, como importante para que quem saísse do treinamento de forma satisfatória nunca se visse como superior ou melhor do que nada ou ninguém. O treinamento seria para que ao ser colocado embaixo nunca se sentir de cima. O compromisso era com o dever, com a missão, com a coragem e com a defesa de um labor sério e eficiente. Ele é o caçulo da sua turma. Depois disto se dizimou qualquer dúvida de que ele deveria ser o Responsável por aquele grupo específico.

A grandeza, a elevação, a pureza, o alto, sempre deve ser buscado por qualquer pessoa, porém, o ‘Diute’ não tem isso tudo como opção. Tem como obrigação. Senão, bem diz, ou bendiz, o imensurável Padre Zezinho: “O pecado é uma coisa perigosa. Ele maltrata o pecador e três e quatro pela frente. Ai, ai.”



## O VOCACIONADO

---

Um ‘Diute’, o Papa XVI, começou a labutar e logo se percebeu que ele se importava, tinha facilidade para solucionar desafios. Estudava muito. Formou-se em Direito e começou a ocupar posições na instituição até chegar a primeiro responsável num local de transgressores.

Rapidamente foi destaque com projeção positiva na mídia, coisa difícil de acontecer já que na área a imprensa só aparece para cobrir tragédias. Chegou à Central e ocupou funções importantes, inclusive foi o primeiro responsável, em exercício, na Central num breve período.

Pessoa do diálogo. Todos que se dirigiam ao seu gabinete eram ouvidos. Sejam parentes de transgressores, sejam Servidores e um olhar fraterno aos colegas ‘Diutey’. Ninguém saía de seu escritório sem, no mínimo, a garantia do esforço sincero de que se buscaria uma solução para o caso apresentado. O natural era sair com uma resposta satisfatória.

Ao procurá-lo, muitas vezes com expectativa muito baixa ou de que não seria atendido, ele frequentemente não só apresentava uma saída como ela seria melhor do que o esperado.

Nelson Rodrigues um dia falou que “Toda unanimidade é burra” referindo-se ao fato de se ser um “Maria vai com as outras”, concordar com os demais, não pensar, seguir a maioria. Uso-a aqui para reconhecer que, assim como todo ser humano, havia quem o achasse um mero confabulador e não resolveria tudo. Ninguém chega a esse nível de aceitação. É impossível. Depois se viu o quanto ele era importante à medida que outra pessoa ocupou seu cargo e com perfil inverso, logo se lamentou sua ausência e o estrago foi grande.

O compromisso com o labor era, de certa forma, obsessivo. Muita papelada, atendimento às pessoas, almoço muito depois das treze horas, papelada levada para casa, finais de semana, ao ponto da esposa, talvez desejando enfatizar sua abnegação pelo labor, nos momentos festivos na Central, acabava deixando um sinal, mesmo que pequeno, de insatisfação do labor ser tão seu concorrente.

O ritmo era tão forte que mais de uma vez seu assessor direto, querendo tratar de assunto com ele o fez por ofício na papelada que levava para casa.

Quando era primeiro responsável num local de transgressores se a Autoridade não visitava o local ele, de forma criativa e amistosa, levava um transgressor à ela. Era ousado, mas nunca irresponsável. Acreditava no ser humano, sem subestimar do poder destruidor de quem opta pelo mal.

Um dia a Central resolveu “homenagear”, na verdade, registrar um pouco a história de quem fazia a diferença na instituição e seu nome, talvez por unanimidade, foi o indicado para ser o primeiro.

Provou seu desapego a cargos importantes quando ao se vê sem condições de labutar, cerceado por pessoas que não tinham jeito de fazer as coisas e vendo retrocessos nas atividades, humildemente, apesar de ter recebido oferta de cargo fora da sua Pasta, voltou ao seu lugar de origem, desta vez no hospital da mente, onde foi impedido pelos colegas das funções básicas, haja vista o respeito que ele adquiriu pelos serviços prestados a todos os locais de transgressores no Estado.

Sempre homenageado de forma simples, mas carinhosa e sincera. Ratificava na sua fala o compromisso com seu labor. Uma missão tão valorizada por ele que, em mais de uma ocasião, revelou que se ganhasse um grande prêmio na loteria, teria a coragem, já que muitos consideravam uma loucura, de construir um local para transgressores e administrá-lo provando que a Lei não é utópica, como muitos dizem, mas, sim, possível de aplicar.

Um crítico ferrenho pode alegar que ele poderia ter feito quando estava em cargos importantes e não o fez. Seria leviano afirmar isto. Ninguém mais fez ou fará o que aquele homem fez. As circunstâncias, os recursos, as decisões, as condições de aplicação do que se quer numa instituição dependem demais de muitas pessoas e trâmites. Se o local fosse dele, conseguiria, não há dúvida.

A sociedade tem um hiato em sua memória coletiva. Alguém comete um malfeito, ela “some” e depois “reaparece” no seu seio novamente. Daí parte o debate se a punição foi suficiente ou não. Cada um tem sua opinião, a partir, obviamente, de seus próprios critérios, aparentemente consensuais, porém muito subjetivos. Se a pessoa comete o malfeito novamente, ou se é outra que o faz, “some” mais uma vez e “reaparece” como num passe de mágica.

No fundo esta mesma sociedade gostaria que ela não reaparecesse mais. Mas ela esquece que aquele alguém pode ser qualquer um. E quando esse qualquer um é você, as opiniões mudam, os “achismos” se transformam em certezas absolutas, tudo em função do descortinamento das dimensões presentes naqueles “sumiços” dos que cometem malfeitos.

Há quem esteja bem perto dos malfeitores: os ‘Diuotey’. Profissionais que dedicam seu labor a tornar possível a vida daquele que precisa de ajuda para voltar.

Muito foi dito sobre os fatos curiosos, esdrúxulos e aterrorizantes sobre aquele ambiente. Mas essencialmente o ‘Diuote’ é aquele que salva a vida do elemento desprezado pelos demais; dirime conflitos; garante uma ordem que interessa ao próprio transgressor, haja vista que ele pode ser submetido à ‘lei’ cruel dos seus pares; que aconselha quem estar saindo licitamente a não voltar mais, a mudar de vida; proporciona a possibilidade de qualquer atendimento ou atividade naquele local, desde a alimentação até o psicólogo; que impede a entrada de ilícitos; administra o local, o que, às vezes, significa administrar o caos; que sofre ameaças; que erra como qualquer outro, porém com consequências que podem ser graves; evita a saída ilícita; recaptura; impede resgate; enfim, está de serão para atender ao que a missão exigir. Geralmente no sacrifício das condições de labor dadas.

Somando-se a tudo isso os papéis de filho, irmão, esposo, pai, tio, avô, estudante..., há que se admirar uma pessoa que, obrigatoriamente, “não tem o direito” de perder o equilíbrio, de errar.

Quanto mais a sociedade cresce, proporcionalmente seus problemas avançam. O que acontece numa instituição para transgressores sempre será contemporâneo. São pessoas, e como tais, têm o potencial de produzirem o que é mais horrível, assim como o mais belo e relevante.

Quarenta e três anos depois de inaugurado, um local de transgressores foi desativado. Era comum, profissionais se encontrarem e lembrarem peripécias, benfeitos e malfeitos, histórias de risco de vida, engraçadas, com um certo saudosismo, senão, o orgulho de ter passado por lá e estar contando-as. Seria saudade daquela porra? Não. É que suas histórias se confundem com a da instituição. Bom ou ruim foi ali que eles viveram.

Ninguém quer ir para lá. Nem para labutar. Muito menos permanecer. Mas acontece. E são muitos os que lá estão. Não há pra onde ir. Temos que resolver nossas querelas aqui na Terra. Aquele planeta é provisório. Muitos terminam sua existência por lá, mas o objetivo é voltar.

Sim, a Terra é melhor por causa do labor dos ‘Diuotey’. Os Fardados retiram da Terra, mas a Paz é garantida por quem labuta naquele planeta. A punição existe, ganham chance para o retorno, se não se quer, vai viver neste ciclo e os ‘Diuotey’ estarão lá para que a Lei seja respeitada.

A maioria avassaladora dos ‘Diuotey’ tem entusiasmo. Mesmo que seu Deus não

seja o da tradição judaico-cristã, ou que o denominem como força superior, Além, seja lá como o identifiquem. Cumprir sua missão com seriedade proporciona navegar pela ternura e pelo vigor com sabedoria.

O domínio é do que é bom. O mal, apesar de contar com uma audiência extraordinária, é vencido a cada dia, prevalecendo a comunidade, a vida. Os desafios são oportunidades para sair da mesmice e alcançar o melhor, a criatividade.

O que parece impossível se realiza todos os dias com a dedicação de cozinheiros, zeladores, parentes, Clínicos Gerais, Educadores Físicos, Dentistas, Assistentes Sociais, Defensores, Terapeutas Ocupacionais, Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem, Médicos, Psiquiatras, Psicólogos, Farmacêuticos, Professores, Fisioterapeutas, Gestores, Instituições externas parceiras, Estudantes, Voluntários, todos tendo do lado um ‘Diute’.

Provavelmente o olhar mais imparcial sobre o tema seja o do ‘Diute’. Ele não concorda com os Fardados que veem todos como incorrigíveis, nem com as parentas que os veem como bonzinhos inconsequentes, nem com o próprio transgressor que se considera vítima ou injustiçado. O ‘Diute’ tem um dado que ajuda na formação de seu ponto de vista: a convivência. Com a capacidade de manipular as informações a seu favor cada grupo tende a não ser fiel aos fatos. O ‘Diute’ com a convivência pode chegar o mais perto possível. Sua missão inevitavelmente lhe apresenta quem é quem. Mesmo que aquela convivência seja só uma parte da vida deles, os períodos são grandes, chegando a meses e anos. Inúmeros casamentos duram menos do que o tempo que os ‘Diutey’ lidam com transgressores.

Alguém tem que fazer este labor. E quem o faz é **AGENTE**.

# CRÉDITOS

---

Arte Capa: E. Rodrigues

Arte Desenhos: A. Campos

# O AUTOR

---

Rodrigues Avlis é natural de Fortaleza – Ceará. Obteve a Licenciatura Plena para o Ensino de Matemática e Física pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Prestou concurso público para Agente Penitenciário no final do ano de 1994, assumindo em junho de 1995. Trabalhou três anos em Equipe Plantonista no Instituto Penal Paulo Sarasate – IPPS, oito anos como Chefe da Unidade de Informática daquele Estabelecimento, cinco anos na Assessoria do Gabinete da Coordenadoria do Sistema Penal do Estado do Ceará – COSIPE – época na qual cursou pós-graduação em Ciências da Religião, quatro anos como Gestor da Tecnologia da Informação no Instituto Psiquiátrico Governador Stênio Gomes – IPGSG e há um ano gerencia a unidade “Prisão Domiciliar” no software SISPEN da Secretaria da Justiça e Cidadania – SEJUS.

e-mail: [agenterodriguesavlis@gmail.com](mailto:agenterodriguesavlis@gmail.com)

\*\*\* (trecho transcrito, com adaptações em palavras, sinônimos, do sítio na internet: <http://olhardedentrodasprisoas.blogspot.com.br/2013/05/sistema-penitenciario.html>).